



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

DEGIVALDO AVELINO DA SILVA

FORMAÇÃO DE SABERES ATRAVÉS DA MÚSICA NO PROCESSO DE
RESSOCIALIZAÇÃO DE APENADOS: NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS
COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO HUMANA

Mossoró-RN
2017

DEGIVALDO AVELINO DA SILVA

**FORMAÇÃO DE SABERES ATRAVÉS DA MÚSICA NO PROCESSO DE
RESSOCIALIZAÇÃO DE APENADOS: NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS
COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO HUMANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, à Linha de Pesquisa de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar,
PhD em Educação.

**Mossoró-RN
2017**

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586f Silva, Degivaldo Avelino da.
Formação de Saberes Através da Música: narrativas (Auto)
Biográficas como prática de formação humana / Degivaldo Avelino da
Silva - 2017.
120 p.

Orientadora: Ana Lúcia Oliveira Aguiar Aguiar.
Coorientadora: .
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação
(POSEDUC), 2017.

1. Formação de Saberes. 2. Música. 3. Ressocialização. 4. Apenados.
5. Formação Humana. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira Aguiar, orient. II.
Título.

DEGIVALDO AVELINO DA SILVA

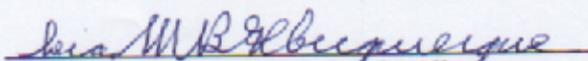
FORMAÇÃO DE SABERES ATRAVÉS DA MÚSICA NO PROCESSO DE
RESSOCIALIZAÇÃO DE APENADOS: NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS
COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO HUMANA

DATA DE APROVAÇÃO: 11 / 05 / 2014

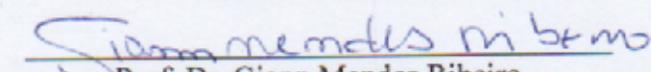
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Oliveira Aguiar
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Prof.ª Dr.ª Lia Matos Brito de Albuquerque
Universidade Estadual do Ceará



Prof. Dr. Gianni Mendes Ribeiro
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

Aos apenados Antônio Marcos Monteiro e a Antônio Pereira Trajano, que se encontram no regime de liberdade condicional.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor Jesus Cristo, por se fazer presente em minha vida, fortalecendo e guiando meus passos pelo caminho da justiça, mostrando-me através da Sua Palavra o amor que devemos sentir pelo nosso semelhante.

Aos meus pais, Avelino José da Silva e Geralda Maria da Silva, pessoas simples e humildes que me colocaram nos caminhos da Educação desde cedo, sem medir esforços para que eu pudesse permanecer na escola.

Aos meus avós paternos José Pedro da Silva e Ana Maria da Silva (*in memoriam*), pois foram eles os responsáveis pela infância saudável que tive.

À minha esposa, Aliciany Bezerra da Silva por ser o meu referencial de honestidade e, por me apoiar em todos os momentos ao longo da nossa caminhada.

Às minhas filhas, Maria Luiza Bezerra Avelino e Mariana Laís Bezerra Avelino, que dão a cada dia uma nova razão para minha existência.

À minha sogra Maria José Bezerra, que há dezessete anos atrás me incentivou a continuar meus estudos e ao meu sogro Cristovão Gregório da Silva, que me acolheu em sua casa, no momento certo.

À Francisca Pierina da Silva que, há dez anos atrás, me apresentou uma possibilidade de trabalho nesta universidade.

À Professora Joanna D'arc Lacerda Alves Felipe que, no ano de 2006 em sua gestão como Pró-Reitora de Recursos Humanos, nesta universidade, me concedeu uma oportunidade de trabalho como motorista contratado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN.

A Francisco Lobato da Assunção, Chefe de Transportes desta universidade (2006), pois me permitiu desenvolver o papel de Motorista durante os quatro anos da sua gestão e, durante esse tempo, dinamizava a escala dos motoristas para que eu pudesse frequentar um Curso Superior.

Ao Sr. Hiroíto da Silva Falcão (*in memória*), meu segundo chefe no Setor de Transportes. Pois assim como Lobato, não mediu esforços para que eu pudesse frequentar o Curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

E em especial, a meu amigo Augusto, que no ano de 2006, trabalhava no Setor de Contabilidade da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e viajava comigo para a cidade de João Câmara – RN, onde ministrava aula, e nesses percursos me fez enxergar uma possibilidade de retornar aos estudos e cursar o Ensino Superior. Segundo ele, eu deveria me preparar e estudar Teoria Musical, pois dizia: “*eu quero ver você sendo professor daqui*”, e me deu as primeiras aulas de Teoria Musical.

Ao casal de amigos e professores: Telmir Soares e Vera Lúcia Pessoa Porto, pois oportunizaram a perspectiva da Ressocialização através da Música, e me presentearam com esse objeto de estudo.

O sentimento não pode ser outro, se não de plena gratidão pela vida e disposição das pessoas que deram sentido e resultados positivos a esse trabalho. O Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio, aos agentes penitenciários José Wilson, Alrivaneide de Oliveira, ao apenado do Regime Semiaberto, Francisco Antônio,

E por fim, todos esses agradecimentos não seria possível sem a pessoa da Prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação pois sem essa grande mulher, nada disso estaria acontecendo, pois, essa professora mãe e amiga me mostrou o outro lado do ser humano, por mim desconhecido..., onde o Outro é sempre visto com amor, carinho, possibilidades e a mais importante lição que aprendi na vida até os dias de hoje, “não existe barreira para ajudar o outro em sua caminhada”.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma experiência musical vivida durante os anos de 2009 a 2011 no Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio (CPEAMN). Este texto discute através de narrativas (Auto) biográficas, a vida de transformação social de apenados em regime de liberdade condicional, as narrativas de agentes penitenciários envolvidos nesse processo de transformação através da música e as narrativas de um apenado que viveu ao lado das atividades musicais, mas que não participou de forma direta. O texto foi dividido em três partes, sendo que todas, contém quatro sub tópicos, na tentativa de repassar para o leitor a grande maioria dos fatos dos quais, desabrochou este enredo. Na primeira parte, apresento através da metodologia (Auto) narrativa, os principais acontecimentos vividos junto a minha família na região de Upanema RN e Caraúbas. Na segunda parte, aponto as principais ações ressocializadoras que foram desenvolvidas no CPEAMN e ainda, o dia a dia carcerário em narrativas (Auto) biográficas de um apenado em regime semiaberto e finalizo este ponto, com as narrativas de agentes penitenciários envolvidos com a direção do presídio nos últimos anos e nos dias atuais, sobretudo, ao apontar e expor seus pensamentos em relação a ressocialização no CPEAMN. Na terceira parte, apresento as narrativas (Auto) biográficas de Antônio Pereira Trajano e Marcos Gomes Monteiro, que nos dias de hoje, são apenados do regime de liberdade condicional e viveram de forma integral as experiências ressocializadoras do Projeto Filosofarte através da música no regime fechado do CPEAMN. No contexto da ressocialização, a música é uma ferramenta essencial, pois, da turma de 15 apenados que iniciaram as aulas de violão popular em meados de 2009 no regime fechado, quatro deles, estão vivendo uma vida em plena harmonia com a sociedade nos seus pós-cárcere.

Palavras-chave: Formação de Saberes; Música; Ressocialização; Apenados; Formação Humana.

ABSTRACT

This work is the result of a musical experience learned during the years of 2009 and 2011 at the Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio (CPEAMN). This text approaches through biographical narratives, the life in social changes of condemned men on parole, and the prison workers' narratives involved in the happening. The text was divided in three parts, all of them containing subtopics, in attempting to get the reader acquainted with most of the facts which made this story happen. In the first part through the (Auto) narrative methodology, the main happenings lived together with my family in the countryside around Upanema and Caraubas. In the second part, I point to the main ressocializing activities that have been developed at CPEAMN and also the day by day imprisoned, through (Auto) biographical narratives of a convict in parole and I end up this point with prison worker's narratives involved with the prison administration during the last years and nowadays, mostly showing their thoughts relating to the ressocialization at CPEAMN. In the third part, I present Antonio Pereira Trajano's and Marcos Gomes Monteiro's (Auto) biographical narratives, that today are convicts in parole and who lived in a whole, ressocializing experiences on the Filosofarte Project through music at the CPEAMN closed system. Music got to be for the convicts, a way to get ressocialized because in a group of 15 convicts who started with popular guitar lessons in 2009 in the jail closed system, four of them are living in complete harmony with the society after their time in prison.

Keywords: Knowledge Construction; Music; Ressocialization; Convicts; Human Formation.

LISTA DE SIGLAS

CPEAMN – Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio

DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional

ERNAB – Encontro Regional de Narrativas Autobiográficas

INFOPEN – Levantamento de Informações Penitenciárias

LEP – Lei de Execução Penal

POSEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

PSV – Processo Seletivo Vocacionado

PROFORMAÇÃO – Programa de Formação Continuada para Professores Ativos das Redes Municipais e Federais do Governo Federal

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SENAI – Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial

UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

UFG – Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO – 1. A (AUTO) BIOGRAFIA DE UM PESQUISADOR EM FORMAÇÃO | 20 |
| 1.1 Depois de uma noite de chuva: papai quero um violão..... | 20 |
| 1.2 Vamos morar em Upanema – os meninos têm que estudar..... | 26 |
| 1.3 Mudança de vida por uma frase: homem vá morar em Mossoró..... | 33 |
| 1.4 Trajetória acadêmica e o contato com a (auto) biografia através da música..... | 38 |
| CAPÍTULO – 2. O COMPLEXO PENAL ESTADUAL AGRÍCOLA DR. MÁRIO NEGÓCIO– (CPEAMN) | 48 |
| 2.1. Trinta e seis anos de história: o Complexo Penal Agrícola Estadual Dr. Mário Negócio –CPEAMN..... | 48 |
| 2.2. Atividades ressocializadoras efetivadas no Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio - CPEAMN..... | 52 |
| 2.3. O cotidiano carcerário no Regime Fechado nas vozes dos apenados narrados por quem já esteve lá..... | 64 |
| 2.4. O encontro com a música nas narrativas dos sujeitos apenados da pesquisa..... | 69 |
| CAPÍTULO – 3. CANTANDO A (AUTO) BIOGRAFIA DA RESSOCIALIZAÇÃO ...75 | |
| 3.1. A conquista de uma nova vida em Liberdade Condicional..... | 76 |
| 3.2. A música como instrumento de formação humana..... | 89 |
| 3.3. Um pensar sobre si responsável por sua história..... | 93 |
| 3.4. Vida nova, composição de liberdade..... | 99 |
| PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES | 108 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 113 |

| | |
|---------------------|------------|
| ANEXOS | 115 |
|---------------------|------------|

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objeto de estudo a formação de saberes através da música no processo de ressocialização de apenados, tendo como questão motivadora o processo de ressocialização de dois apenados do Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio (CPEAMN), localizado no município de Mossoró – RN. O alvo da nossa¹ investigação foi a transformação social de dois apenados que, hoje vivem em regime de liberdade condicional com base no método (Auto) biográfico e tiveram durante o cumprimento de suas penas, aulas de violão e há seis anos, começaram a buscar mudar suas vidas através das práticas musicais no interior do presídio.

O conceito de transformação e função social da música abordado neste trabalho traz alguns adjetivos que julgamos essências para o processo ressocializador do apenado. De acordo com Merriam (1964, p. 219), [...] “a música tem a função de expressão emocional, integração social e divertimento. ” Ou seja, age diretamente no sentimento e nas emoções humanas. Esse autor nos mostra como a música se faz presente na evolução da sociedade ao longo do tempo e ainda, nos abre uma pequena janela para buscarmos compreender a ressignificação da vida através da música na vida do apenado.

A realidade dos presídios brasileiros e em grande parte do mundo, se resume nas poucas palavras de Foucault (2009, p. 110): “ é a escuridão, a violência e a suspeita. ” Neste contexto, sucumbi o homem apenado ao relento e esmaga todo e qualquer direito que o mesmo deveria usufruir mesmo encarcerado. Isso é fato. Mas, “na contra-mão” desse pensamento e da estrutura social do sistema carcerário do Rio Grande do Norte identificamos dois apenados que, enxergaram na música uma possibilidade de mudança de vida.

Na tentativa de esclarecermos algumas lacunas presentes no processo ressocializador do apenado, ancoramos nosso texto no método (Auto²) biográfico³, com o qual elencamos

¹ O texto está escrito em 1ª pessoa do plural porque faço referências ao coletivo e, também contém trechos escritos na 1ª pessoa do singular porque faço referência a minha vida pessoal.

² Neste trabalho vamos utilizar a letra (A) do termo Auto entre parênteses para nos referirmos aos termos: (Auto) biografia, (Auto) narrativas e (Auto) formação porque é estabelecido pela Comissão Internacional de Pesquisa Auto Biográfica (CIPA).

³ Não é demais enfatizar aqui que o trabalho biográfico não é uma repetição do passado, mas uma retomada do futuro ao olhar retrospectivo. Essas considerações, sobre as diferentes formas do sensível, em nossa formação permite fazer emergir dimensões ocultas de si que redinamizam um projeto de si, porque recompõem os recursos e uma coerência pessoal. (JOSSO, 2008, p. 45).

como objetivo geral *compreender os saberes da música no processo de ressocialização de apenados do Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio* e os específicos de: a) narrar a minha formação pela música através da (Auto) biografia como prática de formação humana; b) apresentar o Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio (CPEAMN) e seus principais projetos de ressocialização; c) discutir os saberes da música através das narrativas (Auto) biográficas dos apenados em Regime de Liberdade Condicional do CPEAMN.

Nosso interesse com esse estudo começou na metade do ano de 2009⁴, quando tive a oportunidade de conhecer a Prof.^a Maria Vera Lúcia Pessoa Porto, que estava na coordenação do Projeto Filosofarte. Esse projeto tinha como meta principal desenvolver no CPEAMN práticas artísticas e culturais com foco na ressocialização de um grupo de apenados do regime semiaberto, proporcionando-lhes, uma oportunidade de conhecer algumas linguagens artísticas e estudos filosóficos, tais como: Introdução a Filosofia, Desenho, Poesia, Pintura, Música, Dança e Teatro.

A Prof.^a Vera Lúcia me fez o convite para participar do Projeto Filosofarte e colaborar com as atividades musicais dentro do regime fechado do CPEAMN. Aprender a tocar violão, cantar, fazer música em conjunto, trocar experiências de vida, contar histórias, compor uma música, mudar o espaço de convivência, através da música eram as nossas metas naquele espaço. Depois de uma pequena triagem realizada no Pavilhão II do regime fechado selecionamos um grupo de quinze apenados, e então, o violão começa a dar novos acordes ao cotidiano do regime fechado.

A prática musical no interior do CPEAMN durou dois anos, da metade do ano de 2009 a meados do ano de 2011. Durante esse tempo, alguns apenados que faziam aulas de violão popular conseguiram além da progressão de regime, a remição da pena, através dos dias de aulas assistidos e também, porque eles já apresentavam um bom comportamento no interior do presídio, ou seja, a direção do complexo e os demais apenados começaram a atribuir valores morais aos apenados da “turma de violão”⁵ por causa das práticas musicais.

A remição da pena através de dias de aulas assistidos é um direito garantido pela Lei nº 7.210 de 1984, Lei Execução Penal (LEP). Hoje, seis anos depois das atividades realizadas pelo Projeto Filosofarte em regime fechado, procuramos dois desses apenados, que vivem em

⁴ Quando estava no início do segundo período do Curso de Licenciatura em Música na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

⁵ Foi assim que a população carcerária passou a chama-los.

regime de condicional, para tentar identificar através de suas narrativas (Auto) biográficas, saberes construídos pela música no processo de ressocialização de Antônio Pereira Trajano e Antônio Marcos Gomes Monteiro⁶.

Em vários relatos de apenados que não participavam das atividades ressocializadoras através da música, podíamos identificar o interesse pela música dentro do CPEAMN. Aos poucos, fomos nos envolvendo com a formação e a vida dos apenados através das práticas musicais e a primeira reflexão surgiu diante do interesse dos detentos em conhecer e aprender a tocar violão em uma prisão. Questionei-me “como pode alguém que vive num sistema chamado popularmente de falido, encontrar naquele espaço um lugar de formação, aprendizado e se interessar pela música? ”

As perguntas, no entanto, não paravam de surgir, por exemplo: “em meio a tanta opressão, castigos e torturas físicas, o sujeito pode cantar livremente como se não existissem as grades da prisão”? Como quebrar os protocolos de segurança da penitenciária e oferecer essas aulas com naturalidade em um Regime Fechado? Naquela época, já no final do ano de 2009, fazíamos algumas leituras de clássicos da Educação, como por exemplo, Paulo Freire, apresentado pela coordenadora do Projeto Filosofarte como uma leitura fundamental para a compreensão da Educação no processo formador do ser humano.

Na tentativa de compreender a história dos presídios e o seu desdobramento ao longo do tempo, Michael Foucault, com a obra *Vigiar e Punir* discute e apresenta os castigos aplicados ao corpo supliciado no final do século XV, até a consolidação do Estado Democrático como tutela de castigos e aplicações da lei sobre o corpo humano nos dias atuais. Freire (2005) defende a mudança do homem através da educação. Esse pensador enxerga o ser humano como um ser inacabado, um homem que nunca está pronto, um ser em constante mudança e, Foucault (2009), em sua obra “*Vigiar e Punir*”, mostra um sujeito castigado no corpo e na alma, mas, se faz forte diante desse processo punitivo.

A prática educadora através da música para aqueles sujeitos poderia proporcionar essa mudança defendida por Paulo Freire e torná-los homens mais sensíveis e críticos, transformados pela educação? Como poderiam mostrar para si mesmo e para a sociedade que poderiam mudar suas histórias de vidas, que não necessariamente, sairiam da prisão mais delinquentes do que antes de suas entradas? Pelas lentes da Educação Musical, enxergamos a música como uma oportunidade de contribuir para a formação daquelas pessoas. Busca

⁶ Para o uso das narrativas (Auto) biográficas e as imagens desses dois apenados em regime de liberdade condicional, estamos devidamente autorizados, conforme apresentamos em anexos.

transformar a maneira de pensar e de enxergar o mundo dos apenados, como um mundo visto por Paulo Freire, inacabado, ou seja, um mundo em constantes mudanças e transformações, como um pensamento de mundo mais reflexivo e autônomo.

Através da (Auto) biografia desses apenados pretendemos ampliar as pesquisas que discutem a formação humana, no campo da Educação e no terreno da Educação Musical, não pelo fato de serem integrantes do sistema carcerário brasileiro, mas, por serem sujeitos de construção de saberes e de aprendizados. Esperamos que os resultados desse estudo, possam contribuir para o processo de transformação social e ressocialização de apenados em outras penitenciárias do Estado do Rio Grande do Norte e no Brasil, haja vista, a relevância desse tema para o contexto social penitenciário do país.

O desdobramento em caráter científico do processo de ressocialização através da música no CPEAMN com os apenados, Antônio Marcos Gomes Monteiro e Antônio Pereira Trajano, ocorre desde o ano de 2013, quando realizamos o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), quando apresentamos *A Contribuição da Educação Musical na Ressocialização de Apenados: o caso específico do Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio*.

Ainda nesse mesmo ano, apresentamos outro trabalho nos Anais do Primeiro Encontro Regional de Narrativas (Auto) biográficas (I ERNAB), organizado pela Faculdade de Educação da UERN, com o título: *O Ensino de Violão em Regime Fechado: a experiência no Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio*, com as contribuições do professor Alexandre Milne-Jones Náder do Departamento de Música da UERN.

Diante das reflexões e indagações a partir desses trabalhos em volta do contexto prisional, percebemos no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (POSEDUC), da UERN, outros questionamentos em torno desse estudo que poderiam ser redimensionados e reestruturados no método (Auto) biográfico, para compreender a história de vida desses apenados e o sentido que a música social que a música proporcionou na vida desses apenados.

Intitulado *Formação de saberes através da música no processo de ressocialização de apenados: narrativas (Auto) biográficas como prática de formação humana*. Novamente, entramos no universo dos apenados através das suas narrativas (Auto) biografias, enfatizando saberes que a música promoveu na formação humana dos apenados envolvidos que aprenderam a tocar violão em regime fechado durante dois anos de suas penas de privação de liberdade.

Para alicerçar nossas reflexões, Freire (1996, 1997 e 2005), com as obras: *Educação e Mudança*, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*. No texto *Educação e Mudança*, esse autor traz reflexões sobre um humano em constante processo de evolução e transformação educativa. Esse texto nos possibilita enxergar um sujeito que deve ser educado através do amor e nos mostra ainda, um homem cheio de esperança, pois, sem esperança é impossível uma ação educativa. Paulo Freire discute nesse texto uma educação que vai se formando ao longo da vida, onde o inacabado se faz presente o tempo todo no processo evolutivo e formativo do homem.

Nas palavras de Freire, (1979, p. 15), “ [...] não há educação sem amor [...]. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. ” Nas reflexões feitas por esse pensador em volta do contexto e da educação popular na escola, tomamos a *Pedagogia da Autonomia* para embasar também as práticas educativas, que foram desenvolvidas com os detentos, no sentido de promover a autonomia dos nossos alunos, respeitando sempre, os limites impostos pela Justiça no cumprimento das suas respectivas penas.

Através das narrativas (Auto) biográficas dos apenados que protagonizaram este estudo, compreenderemos da transformação social através da música, o processo de relação estabelecido com os demais detentos, colegas de celas do pavilhão II⁷ que colaboravam sempre com as nossas aulas, e que nos serviam de plateia, nos emprestando os seus ouvindo, pois, eram também desses apenados que chegavam algumas sugestões de músicas para o repertório musical da turma. Dessas práticas musicais, saíram os benefícios que os apenados conseguiram alcançar no interior e fora do complexo, através das aulas de violão, por causa do bom comportamento apresentado por eles nas apresentações realizadas em vários estabelecimentos públicos e privados da cidade de Mossoró.

As discussões aqui apresentadas, além da nossa vivência, são embasadas em pesquisas e textos teóricos, que vêm pesquisando e discutindo os temas enfocados por esta pesquisa, assim como os estudos do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) do Ministério da Justiça (MJ), que apresentam a situação real das cadeias e dos apenados em todo Brasil. Dentre eles, queremos destacar o Fórum Internacional Humanismo e Ressocialização: sistema de justiça à consagração dos direitos humanos, realizado em agosto de 2015 no Estado do Mato Grosso. O tema central no encontro foi o retorno do apenado ao convívio social.

⁷ O Regime Fechado do CPEAMN, no ano de 2009 era dividido em dois pavilhões e uma ala que eles o chamavam de Concretão, lá ficavam os apenados que apresentavam mal comportamento no Regime Fechado do CPEAMN.

No tratamento das discussões sobre (Auto) biografia formativa, caminhamos juntos ao pensamento de (JOSSO 2010), que discute a (Auto) formação do sujeito, com base na história de vida, defendendo que sempre estamos num processo contínuo de formação humana. O apenado é sujeito ativo da sua formação e pode reconstruir sua história vida e se tornar um ser humano mais consciente de si mesmos, dentro do processo ressocializador, através da formação e aquisição de saberes através da música.

Acreditando no poder de transformação social da música, (CRUVINEL, 2005), aponta em sua obra: *Educação e Transformação Social: uma experiência com o ensino de coletivo de cordas de Goiânia*, possíveis caminhos de transformação social do sujeito pela música. No tocante à função social da música, na constituição da sociedade ao longo do tempo, citamos Merriam (1964), que aborda em sua obra intitulada: *The Anthropology Of Music*, as relações do ser humano com a música na esfera emocional, e social. Nessa obra, destaca alguns pontos de relação do homem com a música ao longo da história da humanidade.

Ao refletir sobre a importância social da música, pelos estudos desses dois autores acima citados, passamos a ver na música ferramentas pedagógicas que podem favorecer o processo de ressocialização e de transformação social dos apenados do CPEAMN, do município de Mossoró – RN. Em consonância com o pensamento de liberdade e ressocialização através da música, a (Auto) biografia apresentada por Josso (2008; 2010), favorece nas nossas discussões, pois, todo trabalho teve como principal coluna, os relatos (Auto) biográficos dos apenados.

Na esteira das discussões teóricas sobre o papel do professor em torno desse contexto Tardif (2002), nos trouxe alguns questionamentos sobre a importância da prática docente na sociedade: “o que é prática educativa? O que fazemos quando educamos? Que forma ou tipo de atividade é educação”? Diante desses questionamentos, pensamos nossas práticas educativas, transformadora e formadora do sujeito em privação de liberdade ao longo dos sete anos pesquisando e construído argumentos em defesa da ressocialização através da música.

O estudo (Auto) biográfico não tem como meta principal atingir grandes porcentagens nos resultados estatísticos, em relação à quantidade de apenados do CPEAMN. Afinal, não poderíamos abarcar todos os apenados daquele complexo penal. Seria necessário toda uma reestruturação do sistema carcerário brasileiro, o que não cabe nesta discussão, mas, os resultados desta pesquisa, apontarão novos caminhos e novas reflexões na reversão do pensamento social relacionado ao CPEAMN. Afirmamos então que “O estudo da narrativa,

portanto, é o estudo da forma como nós seres humanos experimentamos o mundo. ” (JOSSO, 2010, p. 160).

Essa autora acrescenta para as nossas reflexões alguns conceitos e atributos fundamentais que nos ajudaram a compreensão a vida que hoje, esses apenados estão buscando viver, nos permitiram também, avaliar seu processo ressocializador, sua história de formação dentro da prisão através da música. A consciência da trajetória e do empenho nas atividades, na tentativa de melhorar a própria qualidade de vida no espaço prisional, sua visão e expectativa de mundo a partir das reflexões que fazíamos sobre as letras das canções do repertório musical, pode nos abrir fendas para um aprofundamento nas discussões acerca das práticas pedagógicas que os apenados nos permitiram realizar dentro do presídio através da música.

Esse conjunto de experiências formativas nos fez pensar a formação e transformação social do apenado no mundo contemporâneo e a necessidade de refletirmos acerca de uma consciência ressocializadora, baseada numa pena de privação de liberdade, respeitando a pessoa do apenado como um ser inacabado e passivo de erros. Nosso estudo foi estruturado em três capítulos. Cada um deles contém quatro subtópicos, que buscam contemplar a relevância desse trabalho para a academia, para a sociedade, para o sistema prisional do Rio Grande do Norte e para a ressocialização de apenados no CPEAMN.

No primeiro capítulo, *A (Auto) biografia de um pesquisador em formação*, foi fracionada em quatro subtópicos, nos quais apresentamos nossa formação através do método (Auto) biográfico, compreendido sobre as lentes da (Auto) formação. Apresento os momentos que marcaram minha vida e formação através da música. Revivo as memórias da infância ao lado dos meus familiares, numa Comunidade Rural e o encontro com o violão aos quatro anos de idade. Revisitando minha memória, pude perceber a sabedoria da minha mãe para garantir o meu acesso à escola. E para finalizar este capítulo, falo da minha trajetória acadêmica e o encontro com a metodologia (Auto) através da música.

No segundo capítulo intitulado: *O Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio – (CPEAMN)*, apresento uma panorâmica do CPEAMN, sua estrutura física e funcional. Realizamos algumas visitas ao complexo e entrevistamos alguns membros do corpo efetivo do Complexo Penal na tentativa de compreender a parte assistencial que o presídio oferece, hoje, aos detentos no sentido ressocializador, o cotidiano carcerário através de narrativas de apenados que se encontram residindo no CPEAMN, como se encontra a estrutura física atual do presídio, qual a sua disposição de vagas para o recebimento de novos

apenados do Estado do Rio Grande do Norte e alguns Estados vizinhos. Finalizamos este capítulo com as narrativas dos apenados desse estudo, do tema: *fale do seu encontro com a música em regime fechado*.

No terceiro capítulo, *Cantando a (Auto) biografia da ressocialização*, apresentaremos as narrativas dos dois sujeitos que, participaram dessa narrativa e cumprem pena em Regime de Condicional até 2021. Nas narrativas desses sujeitos, enfatizamos todo o seu processo ressocializador, do início das aulas no ano de 2009 até os dias de hoje, em liberdade condicional. As conquistas e os fracassos, que estão enfrentando nessa nova fase da pena de punição de liberdade e, também, nessa nova etapa de suas vidas.

Nesta pesquisa, enfocamos a história de vida de dois apenados, que estão trabalhando hoje, (2017), numa sociedade capitalista, que exige muito preparo profissional dos seus membros ativos, e não existe uma política unificada de ressocialização penitenciária. Por isso, sair de uma prisão que é parte de um sistema carcerário falido, como é o caso do sistema brasileiro, é merecedor de destaque.

É preciso relutar contra estigmas e preconceitos no papel de um ex-apanado, na contramão dos resultados apontados nas pesquisas realizadas pelo Levantamento de Informações Penitenciárias (INFOPEN), publicados em junho do ano de 2014 pelo Sistema Penitenciário Nacional (DEPEN), que apontam um número elevado de analfabetismo nas penitenciárias brasileiras e um forte índice de reincidência criminal. Manter-me firme nesse objetivo (*mudança de vida através da música, trabalho, educação, família e reescrever uma nova história de vida*), é a meta principal das histórias de vidas, que deram origem a este estudo dissertativo.

CAPÍTULO 1: A (AUTO) BIOGRAFIA DE UM PESQUISADOR EM FORMAÇÃO

O amadurecimento deste capítulo emergiu do contato com professora Prof.^a Dr.^a. Ana Lúcia Aguiar, docente titular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), através da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto) Biográfica do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (POSEDUC). Nessa disciplina, obtivemos o conhecimento das metodologias dos teóricos da (Auto) biografia e da Narrativa Oral. Nós nos sentimos convencidos da importância dessa temática para a nossa pesquisa e da complexidade que permeiam o eixo da (Auto) narrativa.

A (Auto) biografia, emerge da necessidade de rebuscar em minhas memórias lembranças fundamentais da minha nossa formação. A (Auto) biografia é a ponte que nos leva de volta a esses momentos vividos no passado. O caminhar pela (Auto) biografia, justifica-se também, para compreender os processos formativos do que aconteceram na vida do *outro*, neste caso específico, *na vida dos apenados que foram apresentados nesta pesquisa*. Por essa perspectiva, foi possível fazer uma viagem até o ano de 1985, para compreender a minha (Auto) formação através da música.

1.1 Depois de uma noite de chuva: papai eu quero um violão

Por um lado, se compreender a dinâmica do sujeito na sua maneira de fazer escolhas ou de se deixar ir, de reagir aos acontecimentos e de orientar a sua existência em cada período.... Por outro lado, se caracterizarem os temas com os quais o sujeito entrou em confronto nas suas escolhas, orientações e reações. Nosso objetivo é compreender os “motivos” – para usarmos uma noção do domínio das artes e da literatura – por meio dos quais se manifestou ou tomou forma a dinâmica do sujeito (JOSSO, 2010, p. 73).

Na tentativa de compreender os principais acontecimentos da minha vida, que fizeram mudar o que eu poderia ousadamente chamar de “destino”, afino o meu pensamento ao dessa autora, buscando compreender a minha formação em torno da música. Uma das principais características da (Auto) biografia é permitir ao sujeito, compreender de forma reflexiva suas escolhas e conflitos ao longo da vida, proporcionando ao sujeito que narra sua própria história, identificar alguns questionamentos que não lhes seriam possíveis, antes da

aproximação com o método (Auto) biográfico. Como ponto de partida, começamos pensando da seguinte forma: como cheguei a pensar o que penso hoje?

Para responder essa pergunta, convidamos para o centro das nossas discussões, a (Auto) biografia, vista como essencial dentro desse estudo. Tecemos essa colcha de retalhos sobre o meu eu com o objetivo de averiguar alguns pontos da minha vida em que, pode ser alinhado à teoria da (Auto) biografia. Como se desenvolveu o nosso processo formador ao longo de trinta e quatro anos? As trajetórias de vida que, em determinados momentos, fomos obrigados a reinventar, com a ajuda da (Auto) biografia, podemos enxergar alguns passos fundamentais na construção da história que temos e contamos hoje. De posse desse aporte teórico, iremos fazer uma retrospectiva nos processos formativos que ocorreram ao longo da nossa vida.

A frase que abre esse subtópico está gravada no meu subconsciente de forma espontânea. Posso até me arriscar a dizer que foi a principal frase da minha infância. No ano de 1985, em nossa região, aconteceu uma das maiores enchentes já registradas até os dias de hoje. Naquela época, eu tinha quatro anos de idade. Morava numa comunidade chamada Fazenda Nova, que fica há quatro quilômetros do município de Upanema, localizada na Zona Rural desse município. No dia dessa grande chuva, estávamos na casa da minha avó Ana Maria da Silva (*in memoriam*). Quando terminamos de almoçar, o tempo já nos mostrava um vento frio, advindo do Leste e logo começou a cair os primeiros pingos chuva, do que viria a ser uma das maiores já registradas na região Oeste do Estado do Rio Grande do Norte.

A casa da minha avó era de taipa e tinha uma pequena “latada”⁸. No início da chuva estávamos todos embaixo dessa “latada”, mas fomos abrigados a nos recolher para o interior da casinha, por causa da intensidade da chuva, que não nos permitia ficar debaixo do alpendre, coberto com palha de coqueiro. A chuva durou a noite toda. Ao amanhecer, além de permanecer chovendo, o tempo se mantinha totalmente fechado e “sem previsão de abrir”, conforme diziam as rádios.

Mais ou menos umas nove horas da manhã, a chuva começa a diminuir. Todas as lagoas e açudes da região encheram e transbordaram e com isso vieram muitos peixes. Lembro que o meu avô gritava: “está passando peixe no pé da porta”. Tínhamos uma pequena criação de ovelhas e o meu pai abateu um carneirinho para comemorar a chegada das

⁸ Nome dado a uma pequena cobertura feita de madeira e coberta com palhas de carnaúba ou de coqueiros, típico da Região Nordeste.

primeiras chuvas em nossa região, que, nas experiências populares, era um sinal de um ano bom inverno. Inverno para o povo nordestino é motivo de grande alegria.

Ao presenciar aquela cena, logo me veio em mente a venda do couro do carneiro e, não hesitei em pedir ao meu pai: *papai quando o sr. vender o couro do carneiro, compre um violãozinho pra mim, eu quero um violão*. E ele assim o fez, comprou o meu primeiro violão. Lembro-me era um pequeno violão de brinquedo, mas, para mim, tinha uma importância muito grande. Foi esse pequeno violão que determinou toda minha história de vida. Como nos mostra Josso (2010, p. 78):

As interpretações às quais cada um chega por meio desse trabalho são, por seu lado, postas em questão, não na sua legitimidade, mas na sua gênese e consequências sobre a trajetória de cada sujeito..., mas também porque consideramos que é pelo desenvolvimento de um saber sobre as suas qualidades e competências que o educando pode tornar-se sujeito da sua formação.

Quero destacar, a formação que comecei a buscar em torno do violão para minha vida. Pelo violão, a vida começou a me mostrar todos os caminhos, que percorri até hoje. Em 1987, fizemos uma visita aos nossos parentes no Estado da Paraíba, e lá, morava o meu avô materno, por nome de João Ferreira da Cunha. Ele estava em idade avançada, por isso, minha mãe, Geralda Maria da Silva, em acordo com suas irmãs, achou melhor trazê-lo para morar conosco. Sua presença aumentou o meu desejo de conhecer cada vez mais o violão, porque ele também tocava esse instrumento. De acordo com Pollak (1992, p. 5):

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

As lembranças que trago desse tempo são apenas de alegria. Aos meus seis anos de idade ganhei outro pequeno violão da minha mãe. Esse era um pouco maior e tinha mais projeção sonora. Com esse violão, comecei a fazer minhas primeiras batidas rítmicas. Como cita o autor acima, a memória e a identidade são construídas, também por referências a outras pessoas do nosso convívio social. Lembro-me das canções populares, que aprendi ouvindo o

som rádio, e de alguns amigos e amigas da minha família que chegavam lá em casa e pediam algumas músicas. Eu era o entretenimento para os visitantes e a minha mãe fazia questão que me apresentasse e tocasse algumas músicas para que eles apreciassem. Isso foi relevante para o desenvolvimento do aprendizado do violão. Para Josso (2010, p. 196):

Caminhar com os outros, passa, pois, por um saber-caminhar, em busca do seu saber-viver, sabendo cada encontro será uma ocasião para se aperfeiçoar ou de infletir, até mesmo de transformar o que orienta o nosso ser-no-mundo, o nosso-ser-dentro-do-mundo, o nosso ser-com-o-mundo num paradigma da fragmentação, de uma abertura ao desconhecido, na convivência consigo, com os outros e com os universos que nos são acessíveis.

É como se nós realmente, nos enxergasse por dentro, diante dessas palavras. A partir do momento em que cada um se torna autor da sua própria história, sua vida passa a ser formada por uma perspectiva (Auto) formativa. Isso acontece tomando como referência a vida do outro, portanto, é necessário que parte desse olhar projetado para o outro se volte para o próprio eu. O caminhar com os outros, dito por Josso (2010), significa, também, ensinar o seu eu a ver, nas narrativas orais do outro, aspectos, que contribuam para o seu processo de (Auto) formação. Ou seja, ninguém se formar sozinho. Ninguém consegue enxergar a sua formação, no exato momento em que ela acontece. Por isso, a (Auto) biografia é uma prática essencial para compreender os sujeitos colaboradores desse estudo.

Parte da minha vida foi de origem do campo. Naquela época, final da década de 1980, o Brasil passava por um momento delicado da sua história que vinha emergindo de um sistema ditatorial, e grande parte da população do Nordeste vivia da agricultura. Meu pai sempre viveu e tirou seu sustento e da família, do trabalho na roça. A rotina de minha mãe era cuidar da casa. Éramos três irmãos na época. Diante das dificuldades da família, meus pais não tinham como comprar brinquedos para todos nós, e eu me recordo muito bem, desse fato. Eu não gostava de carro ou de construir o próprio brinquedo, que era o mais divertido naquela época para as crianças. Eu queria estar tocando ou batendo, em latas ou em caixas de papelão que meu avô traria da cidade com a feira, o tempo todo.

Lembro-me que meu avô tinha uma caixa de som grande e eu acordava sempre cedinho para vê-lo fazer o café, ouvindo música. Ainda hoje, vários anos depois, considero essas experiências fundamentais para minha formação musical. Recordo-me das canções que

ouvira com ele, que me possibilitaram executar os primeiros ritmos musicais. Para Halbwachs (1990, p. 26):

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

Nas lembranças da infância, sempre se faz presente um pequeno grupo de pessoas, que são meus irmãos, primos, tios, pais e avós e em minhas memórias, existem pequenos acontecimentos, nos quais estão envolvidas várias pessoas da minha família, mas, principalmente, meus irmãos. Somos filhos de trabalhadores, o que nos coloca em uma posição de compartilhamento, a começar pelos nossos brinquedos. No entanto, o pequeno brinquedo presenteado pelo meu pai foi comprado com muito esforço, especialmente, para mim, o que torna muito especial.

Como tínhamos poucos recursos, meu pai não tinha como pensar em comprar o meu violão. Lembro-me que o meu irmão velho, já expressava ciúmes, mas, meu pai trabalhava para que eu me dedicasse aos estudos. Ao descrever esses momentos em minha, reconheço o grande esforço feito pela minha família para que eu pudesse me manter nos estudos, mas, percebo a minha formação a partir do esforço pessoal também. Por isso Halbwachs (1990, p. 25), afirma que [...] “nunca estamos sós, dependemos do outro para evoluirmos de verdade.”

As discussões apresentadas por esse autor sobre a “construção social da memória” contribuem para estes escritos porque, sempre viajo para o interior, gosto de passar pelos mesmos caminhos que fazíamos, eu, meus pais e irmãos, e é incrível a sensação que sinto hoje, quase trinta anos depois. Ainda existem as duas casinhas, a nossa e a que minha avó morava na fazenda. Vejo-me, brincando com meus irmãos, relembro a época de criança, que corríamos por aqueles caminhos atrás dos animais que criávamos, brincando em baixo das quixabeiras⁹.

O início da minha infância vivida na zona rural foi de muita felicidade. Mesmo em condições adversas, sempre tínhamos o pão na nossa mesa, que era a grande preocupação dos meus pais. Apesar do pouco conhecimento e filhos de pais analfabetos, eles encontravam forças para suprir as necessidades da nossa família. Quando busco, nas lembranças, aspectos

⁹ Planta típica da Região Nordeste do Brasil.

fundamentais para minha formação, nessa época, percebo a beleza que aquele lugar representou na minha infância. O que permaneceu vivo na minha memória, até os dias de hoje, são as lembranças a partir dos meus quatro anos de idade, início do ano de 1985.

Hoje, graças ao exercício de introspecção proporcionado pelo o método (Auto) biográfico, percebo a relevância de toda minha infância vivida no campo, até os seis anos de idade. A música entrou em minha vida com a contribuição do meu avô paterno, José Pedro da Silva (*in memoriam*). Foi daquele homem de vida simples, sem alguma noção da educação formal, mas portador dos saberes da experiência de vida ao longo dos anos que me proporcionou o que nós educadores musicais chamamos de Iniciação Musical ou Musicalização Infantil¹⁰. Com seu radinho de pilhas, desenvolveu de forma inconsciente na minha infância, a partir das músicas que ele ouvia, de manhã cedo, a atenção aos ritmos de samba, bolero e forró. O hábito de ouvir música foi despertando em mim um desejo intrínseco, de conhecer alguns dos instrumentos musicais, que ele ia me dizendo no momento em que ouvíamos juntos.

Nesse contexto, ocorreu o cerne de toda minha formação musical, o que foi gerando em mim uma paixão pela música. Levantava antes do dia amanhecer para ir à casa do meu avô, ouvir música o que se repetia por muito tempo. Tinha certeza de que ele estava lá me esperando, portanto, ia direto para a porta da cozinha da sua casa, onde ficava o fogãozinho à lenha, no qual preparava o café. Todo esse cenário, aconteceu na Fazenda Nova, localizada há cinco quilômetros de distância da cidade de Upanema RN. Conforme as palavras de Josso (2010, p. 266):

As histórias de vida de um indivíduo são formadoras na medida em que, *a priori* ou *a posteriori*, é possível explicar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar, em termos de capacidade, de saber-fazer, de saber pensar e de saber situar-se).

A minha história de vida se desenha em um contexto, que não tinha espaço para que fosse de outra forma. Afirmo isto por causa da educação que recebi dos meus pais. Vejo a minha formação, de forma simples, mas, afirmo ser possível construir uma personalidade

¹⁰ . A Musicalização Infantil é um poderoso instrumento de educação. Desenvolve na criança a sensibilidade musical, a concentração, a coordenação motora, a sociabilização, a acuidade auditiva, o respeito a si próprio e ao grupo, a destreza do raciocínio, a disciplina pessoal, o equilíbrio emocional dentre outras qualidades que colaboram na formação do indivíduo. (<http://musicaplena.com/o-que-e-a-musicalizacao-infantil/>). Visitado no dia 20/03/2016 às 09:55.

humana em cima de bons exemplos de vida em família. Convencido de que esse foi um período também, importante da minha formação, construído através dos ensinamentos que recebi dos meus familiares, no sentido de viver a vida do jeito que somos, no campo, como moradores de aluguel em fazendas alheias, mas, com dignidade.

Destaco a relevância da minha infância, porque tive o privilégio de vivê-la em todas as suas esferas, como uma criança do campo. Meu avô fazia para todos os netos, piões, varas de pescar, estilingue, dentre outros brinquedos possíveis de se construir de forma artesanal. Lembro-me do dia em que ele desenhou um violão num pedaço de tábua e me deu. O mais importante era que nessa época, sentíamos o afeto dos nossos parentes. Esse período foi tão significativo que, vejo na memória ainda hoje, o som canto dos pássaros que cantavam ao amanhecer do dia na quixabeira ao lado da nossa casa. O meu avô sempre brincava, dizendo que eles queriam cantar junto com o rádio.

Nesse contexto, surgiu o meu interesse pela música e até hoje, me sinto privilegiado pela educação musical que recebi e construí com a ajuda dos meus pais naquela época. Chamo de educação musical, mesmo sabendo que foi uma educação efetuada de forma informal, mas, com os princípios do amor e da motivação familiar, a criança consegue se encontrar nos caminhos de uma infância saudável. Como relatei, meus primeiros anos vida foram vividos nesse cenário e aos meus seis anos de idade, mudamos para a cidade de Upanema – RN, com o objetivo de continuar com os estudos.

1.2 vamos morar em Upanema – os meninos precisam estudar

Esse trabalho de reflexão de si (pensante, sensível, imaginante, comovendo-se, apreciando, amando) permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. (JOSSO, 2008, p. 25).

No início do ano de 1986, nós nos mudamos para outra casa, também, na mesma comunidade, só que um pouquinho mais distante da casa do meu avô. Essa casa era um pouco maior do que a casa do anterior. Tinha sido um ano de muita fartura, por causa das grandes chuvas do ano de 1985, o que castigou muita gente nas cidades da região Oeste do Rio Grande do Norte, mas, para o agricultor da zona rural, chuva é sempre motivo de muita alegria. Lembro-me que, nessa época, começamos a possuir alguns brinquedos comprados na

cidade, porque os que tínhamos eram todos construídos por nos mesmos, e um dia minha mãe chega com um violão de plástico. No entanto, bem maior do que aquele que eu tinha ganhado do meu pai. Esse já era possível entender melhor o som.

Falar sobre esse violão é engraçado, porque ele esteve presente em toda minha vida, como uma afirmação do que eu gostava. O violão que o meu pai havia comprado, já estava bastante usado, e eu pedia para minha mãe comprar um novo. E um dia, sem que eu esperasse, ela trouxe da feira na cidade, umas calças jeans para nós (os filhos), para o final do ano, e eu lembro que não queria a minha calça, só queria se fosse um violão novo. Não me recordo, mas ela conseguiu comprar o violão nessa mesma ocasião. Como sempre tínhamos que escolher entre um brinquedo ou a roupa nova, e mesmo assim, eu tinha ficado com os dois, devo destacar esse fato porque ela trouxe o violão e só me entregou no outro dia, por causa dos meus outros irmãos. Ela não queria que eles se sentissem desprezados, mas priorizou meu violão também.

Eu tive gostos bem diferentes dos meus irmãos. Enquanto eles brincavam com carrinhos, eu brincava de tocar violão, fazia até uns palquinhos improvisados para representar os cantores. Um fato interessante me vem à memória desse período: eu ficava horas ao pé do rádio de pilhas, aprendendo as músicas para cantar à noite quando meu pai chegava do roçado. Sempre mostrava um trequinho novo de uma música que tinha aprendido durante o dia. A vivência com esse instrumento era tão intensa que não o largava nem para dormir, e ao adormecer, minha mãe tirava-o de mim e colocava-o em cima do seu guarda roupas no quarto dela. Nas palavras de Josso (2010, p. 197):

Só na medida em que o pesquisador-formador trabalha ele próprio no desenvolvimento dessas qualidades e desse “saber-viver” é que estará habilitado a criar o clima propício para uma postura de pesquisador e de aprendente junto aos participantes, por meio das suas interações.

Ao trabalhar em mim os aspectos da minha formação através da (Auto) biografia, começo a perceber as relações desenvolvidas com a música durante toda minha vida. Na tentativa de identificar as qualidades e os saberes da música para minha formação, pude perceber que foram os pequenos gestos de amor da minha família, desde a minha infância, que me guiaram pela vida em todos os sentidos. A formação que construí através da música, hoje com esse trabalho introspectivo que faço provocado pela (Auto) biografia, está sendo

possível pelos gestos de carinhos e pela credibilidade que a minha família depositou em mim desde da infância.

Não poderia deixar de relatar o fim desse pequeno e tão necessário brinquedo para minha formação musical. Como minha mãe sempre foi muito exigente, cuidadosa com tudo que tinha, por causa das dificuldades que passava para conseguir manter a vida, não poderia dispensar a disciplina que, também, se aplicava aos brinquedos. Um dia o violão amanheceu com uma das cordas partidas, isso foi para ela um ato meu de irresponsabilidade e, em punição, quebrou o violão com raiva, alegando que eu tinha quebrado o brinquedo por mau uso. Aquele foi um dia que quase não passa. Eu fiquei olhando a cena até os últimos pedacinhos, e ainda fui atrás da cerca olhar os pedaços várias vezes.

Como eu não sabia brincar com outro brinquedo comecei a pedir ao meu avô materno para comprar outro violão, o que não demorou muito. Trouxe outro violão, só mudava a cor, esse era azul e branco. Esse eu não largava de jeito nenhum, pois fiquei com medo da corda se quebrar e eu ficar sem violão outra vez. Até tocava menos tempo, para não correr o risco de as cordas esquentarem e se partirem. Sempre fui amparado pelos meus avós e a parte boa dessa história é que todos gostavam de ouvir músicas. Meu avô materno, foi quem comprou o meu terceiro violão de brinquedo e, me ajudava a guardar o violão em um local mais seguro, quando eu ia para a escola.

Minha mãe não queria me tirar da música. Pelo contrário, ela era a maior incentivadora e sonhava junto comigo. Queria que eu fosse artista de verdade. Esse era o seu sonho. O fato de ter quebrado o violão seria como um motivador para que eu me tornasse mais cuidadoso. Não sei se funcionou, mas, até hoje, cuido dos meus instrumentos de forma muito carinhosa. Com esse violão passei mais tempo, fiquei de posse dele mais ou menos um ano. Também nesse período, comecei a cantar as músicas por inteiro. Estava chegando os cinco anos de idade e a minha memória já permitia aprender toda a letra das músicas, que escutava no dia a dia.

No final do ano de 1988, por causa da escassez das chuvas e das muitas dificuldades que a minha família enfrentava, a falta de escola formal na nossa rural era a principal delas e, fomos obrigados a migrar para cidade de Upanema –RN. Devo relacionar minha evolução e ascensão para o mundo da música por causa daquele período. Em dezembro daquele ano minha mãe toma uma decisão que afetou toda a minha formação. Resolveu ir com todos morar na cidade, para podermos dar continuidade aos estudos, pois na zona rural, só funcionavam os primeiros anos das series iniciais, e ela sabia da importância dos estudos para

nossa formação. *Vamos morar em Upanema*. Essa foi a frase que tenho gravada na memória até hoje, porque essas palavras foram de fundamental importância para minha vida.

A minha vida em formação em torno do violão, começa a ganhar um novo sentido, pois, na rua em que fomos morar, tinha um pequeno barzinho, onde se reuniam todos os dias alguns violonistas, e eu trazia o desejo pela música, o desejo de tocar violão. Comecei a observá-los quando tocavam no finalzinho do dia. O meu desejo era me juntar a eles, mesmo sem ter o mínimo de conhecimento para tocar de verdade. Queria estar com eles, queria entrar naquela “roda de música”. Como o meu violão era apenas um brinquedo, não dava para participar, era impossível.

Sempre ficava me perguntando: como eu vou arranjar um violão para aprender a tocar? Não podia adquirir um violão de verdade, pois, meus pais não tinham recursos para me presentear e realizar o meu sonho de aprender a tocar violão. Além de mim, existiam mais quatro irmãos todos pequenos. Não seria possível para o meu pai comprar um violão para mim, pois os outros filhos tinham seus sonhos e os seus desejos, mesmo sendo por brinquedos ou não. O meu pai, Avelino José da Silva, hoje com 66 anos de idade, não me permitia observar mais de perto os tocadores no bar. Ele alegava que bar não era lugar de menino andar. Como minha casa ficava praticamente em frente ao bar, passava a tarde inteira na calçada para ouvir as músicas que eles tocavam.

No início dos anos de 1990, alguns familiares dos meus pais que moravam em São Paulo, mandaram nos avisar que estavam se programando para nos visitar, vinham passar o Natal conosco. Dentre alguns momentos de exercício da memória, faço lembranças dos jogos da Copa do Mundo ocorridos naquele ano e, era na casa do dono do bar Seu Vital (*in memoriam*), onde tinha uma das únicas televisões da rua em que morávamos. Foi durante aqueles momentos em que fiz contato com o rapaz que ali morava e tocava violão, por nome de Olávio (*in memoriam*).

Nossa aproximação foi um pouco inusitada, porque ele não gostava de emprestar o seu violão a ninguém, e eu não sabia tocar e era muito pequeno para o tamanho do seu violão, quase não podia segurar direito. Esse era mais um motivo, mas não deixava de frequentar a casa de Seu Vital, e quando me davam uma oportunidade, pegava seu violão. O pai desse rapaz passou a gostar de mim, acho que por minha vontade de tocar, pois sempre que eu chegava a sua casa para assistir televisão, ele me deixava brincar um pouco com o violão do filho. Nas palavras de Josso, (2008, p. 30):

As transformações conscientes nas quais as pessoas estão engajadas podem resultar de uma emergência interior ou serem provocadas pelo meio ambiente. Em consequência, o ser-sujeito é levado a gerir essa coabitação das lógicas de evolução e a viver, assim, uma tensão meio forte entre identidade para si e identidade para os outros.

Em consonância com essa autora, me vejo também como um ser que se sente responsável pela própria formação. Tinha uma busca incansável pela música, ou seja, uma emergência interior, citada pela autora. Havia em algum lugar da minha existência uma vontade enorme de desenvolver a arte de tocar violão e houve uma forte influência por parte do meio ambiente, pois por onde eu andava, na escola, nas casas dos vizinhos, buscava uma forma de fazer instrumentos, seja qual fosse, de lata, de madeira, enfim, sentia o que Josso (2008) chama de “transformações conscientes”.

Ainda ano de 1990, alguns parentes que moravam na cidade de São Paulo chegam e tenho muitas lembranças dessa época porque houve um choque de cultura, pois eles trouxeram muitas novidades. Em meio a tantas novidades, tinha uma que me chamava a atenção: um rádio gravador, que hoje nós o conhecemos como *micro-sistem*. O que me prendia a esse aparelho era o recurso de voltar à música quantas vezes eu quisesse. Isso para mim foi fundamental, porque até então, eu só conhecia música tocada uma vez só, música executada no rádio.

Como já relatei, eu era motivo de orgulho para minha família, principalmente, para minha mãe, pois fazia questão que todos os parentes, vizinhos e amigos da nossa família, pudessem me ver tocar, mesmo sem nenhum saber musical. Minha mãe fazia naquela época, o que no processo de aprendizagem musical é o desenvolvimento da motivação e da experiência musical, desenvolvida através da prática musical e da apreciação. Ela me colocava no centro da sala e fazia com que todos presenciassem minhas apresentações. Isso foi fundamental para o meu processo de formação através da música, pois era intuitivamente para minha mãe, o incentivo e a motivação que ela me passava, mesmo sem o conhecimento, me colocava em um patamar de artista de verdade.

Nossos primos que residiam na cidade de São Paulo vieram nos visitar e dormiram em nossa casa. Logo à noite, a calçada da minha casa estava cheia de gente. Lembro-me que alguns deles dançaram me ouvindo tocar e um dos primos, ao final daquele momento, disse que quando chegasse a São Paulo, iria mandar um violão para mim. Ouvir essas palavras era o que eu nunca esperava naquela noite. Hoje, sou muito grato a ele por isso, porque eu jamais

teria condições de comprar um violão de verdade. Naquela época, meus pais eram de família pobre, trabalhador rural e dona de casa, era impossível. Como afirma Josso (2008, p. 33):

O ser de atenção consciente é a segunda dimensão indispensável de nosso ser-no-mundo enquanto ser em devir, ou seja, em transformação consciente. A qualidade dessa atenção consciente resulta de uma escolha, de um trabalho, de uma vontade perseverante, de uma disciplina.

Essa autora apresenta um direcionamento essencial para a formação ao longo da nossa existência, quando afirma ser possível adquirirmos consciência do processo formador, das nossas escolhas e das vontades. Esses foram os meus motivos. Sempre escolhi a música, como centro da minha vida e dela nunca abrir mão. Minhas escolhas ao longo da vida, no cotidiano giram em torno da música. Assim que o violão chegou a minhas mãos, comecei a pedir aulas de violão para minha mãe que não podia pagar, mas, me fez uma proposta, *se você quiser eu faço umas coisas pra você vender pra gente pagar suas aulas*. Eu fui vender tapioca, cocada, bolo e dindim para pagar as aulas de violão. Era a única solução, por isso, não hesitei. Faria qualquer coisa que ela mandasse, eu queria as aulas.

Na metade do ano de 1991, dei início a minha formação no mundo da música. Nesse ano iniciei as minhas aulas particulares de violão com o Professor Valério Costa, músico popular da noite, que ainda hoje, atua naquela cidade como professor de violão e, também, como músico profissional. Aos dez anos de idade, tinha na mente a certeza de que aquilo era a minha primeira oportunidade na vida. Não tinha consciência dos processos formativos que a música poderia oferecer em minha vida, mas, sabia que essas aulas de alguma forma, mudaria a minha vida. Valério tinha na sua história, muitos músicos, que já haviam passado por suas aulas e que tinham realmente aprendido. Era a certeza que iria aprender o que me deixava tão feliz.

Logo no primeiro mês de aula, aprendi a primeira música intitulada *É o Amor de Zezé de Camargo e Luciano*. Não parei mais de estudar violão, comecei a montar um pequeno repertório de Música Popular Brasileira ¹¹ e fui ganhando o carinho de amigos da cidade. Era a única criança de dez anos de idade, que atraía a atenção das pessoas aonde chegava, porque sempre carregava comigo o violão, para escola, para casa dos amigos, dos familiares, enfim,

¹¹. Pode-se dizer que a Música Popular Brasileira (MPB), surgiu ainda no período colonial brasileiro, a partir da mistura de vários estilos. Entre os séculos XVI e XVIII, misturou-se em nossa terra, as cantigas populares, os sons de origem africana, fanfarras militares, músicas religiosas e músicas eruditas europeias. Também contribuíram, neste caldeirão musical, os indígenas com seus típicos cantos e sons tribais. (<http://www.suapesquisa.com/mpb>). Visitado no dia 20/03/2016.

comecei a direcionar minha vida de acordo com a música a partir desse novo momento de formação, que passei a vivenciar.

Aos onze anos de idade, em 1992, nos mudamos para Caraúbas/RN. Nos relatos da minha mãe, nossa família passara por dificuldades com o período de seca e fomos obrigados a mudar de cidade. Como era o segundo mais velho e era adiantado na escola, fui antes dos demais membros da família morar como os meus tios, porque o ano letivo já iria começar e a nossa casa ainda não tinha sido vendida. Tive que ir morar como os meus tios, ou seja, sai de casa aos onze anos de idade por causa da formação, me mandaram apenas por causa dos estudos. Como minha mãe dizia, *meu filho é preciso, você precisa estudar*.

Naquela cidade, fiz novos amigos, encontrei outros violonistas e dentre um deles se destacou o Sr. Manoel do Violão (*in memoriam*), como era conhecido na cidade. Ele era de todos os violonistas, o que mais tocava e logo montamos uma dupla: “Manoel e o menino”, era assim que nós éramos conhecidos na cidade. Minhas lembranças dessa época são de muita bonança. Como havíamos montado um repertório de músicas selecionadas, ou seja, para a elite social daquela cidade que era nosso principal público, comecei ganhando um bom dinheiro e iniciei a ajudar a minha família com as despesas, o que me motivava cada vez mais.

Como tínhamos destaque na cidade, fomos convidados a participar ao vivo às sextas-feiras, de um programa no Centenário de Caraúbas/RN: *A Hora do Coroné*, das dezessete às dezenove horas. A partir desse momento, surgiram vários convites de apresentação, convites de festas, enfim, começamos a fazer parte do círculo da alta sociedade caraubense. Quaisquer eventos na cidade, lá estavam tocando. Por algum motivo, não sei, começo a ganhar destaque como cantor e comecei a participar da Mais Bela Voz, evento que ocorria todo ano na cidade de Caraúbas. Logo aos doze anos, participei da Mais Bela Voz infantil e fui o campeão.

No ano seguinte, 1996, incentivado pela família e alguns amigos da escola, participei da Mais Bela Voz na categoria profissional, também na cidade Caraúbas/RN. Ganhei o primeiro lugar, e com isso conquistei o direito de representar a cidade no Circuito Estadual da Mais Bela Voz, que acontecia, anualmente, em Mossoró/RN. Não obtive muito sucesso. Diante de tantos profissionais, não tive nenhuma chance, a Comissão Julgadora da Mais Bela Voz dizia que eu era muito novinho ainda e que viriam muitas oportunidades pela frente.

Nesse mesmo ano, minha família resolve se mudar da cidade de Caraúbas/RN e retornaram para a cidade de Upanema. Dessa vez, no entanto, o destino era outra vez a Zona Rural, sítio Palheiros III e, mais uma vez, me senti obrigado a lutar pelos meus sonhos. Queria ser artista, queria e estava buscando conhecimento e formação em torno do violão e da

música. Apesar de todos esses planos e pensamentos carregados comigo desde muito cedo, os ciclos da própria vida nos obrigavam a buscar refúgio na zona rural, pois, a cidade não tinha sentido para os meus pais, pois o campo era o seu lugar de origem.

1.3. Mudança de vida por uma frase: “homem, vá morar em Mossoró”

Sem um trabalho especificamente centrado sobre as tomadas de consciência de nossas ideias, de nossas crenças, de nossas convicções etc., das quais o trabalho biográfico é uma das vias possíveis, nós ficamos profundamente prisioneiros de nossos destinos socioculturais e sócio históricos. O relato é um território simbólico a ser percorrido frequentemente a fim de se descobrir nele recantos não percebido até então e ampliar, por esse fato, o outro território que é o de nossa liberdade e o de nossa evolutividade criadora. (JOSSO, 2008, pag. 47).

A harmonia com esse pensamento se faz presente o tempo todo em nosso texto, é necessário enfatizar que esse sujeito biográfico busca justificar sua formação em algum recanto, que foi sepultado com o tempo e que não se tomou consciência dessa formação, ou seja, descobrir seu percurso de formação ao longo do tempo. Nossa trajetória de formação, foi toda orientada pela música, mas percorrer esse território depois de algum tempo, pode nos revelar características da nossa própria formação, que passaram despercebidas na sua efetivação, pois se apresentam naturalmente, mas contribuíram para a nossa formação musical.

No ano de 1998, numa noite de Carnaval da cidade de Upanema, reencontrei um amigo, que sabia das minhas habilidades com o violão, e me lançou uma oferta: *homem vá morar em Mossoró, lá tem uma banda que está precisando de uma guitarrista! Tem coragem de ir?* Aquele carnaval para mim, não seria mais o mesmo. Desejava logo que chegasse ao fim, não via a hora de chegar a quarta-feira de cinzas, para que pudesse ir à Mossoró/RN procurar essa banda que o meu amigo Pedro havia me falado. Era a oportunidade que estava esperando, pois queria há muito tempo tocar numa banda. Na quarta-feira, à tarde já estava em Mossoró e, na oportunidade, fizemos alguns ensaios, que serviram como um teste. Conversei com o proprietário e os membros da Banda Imagem e, graças a Deus, acertei com eles para ingressar na Banda.

Passei por muitas dificuldades nesse período, pois possuía pouco conhecimento sobre a guitarra elétrica, tinha apenas a vontade de aprender. Sem métodos de guitarra, livros nem outros meios para uma possível evolução no instrumento. Estava numa Banda de Baile, cuja principal característica é tocar todos os estilos musicais, tanto músicas do presente quanto do passado. Como guitarrista, deveria tocar tudo que a Banda conseguisse tocar para alcançar o público. Devo confessar que não foi nada fácil, mas com a ajuda de alguns colegas, fui me adaptando e conseguindo tocar junto com eles.

Devo destacar o seguinte fato: nesta época, residia na zona rural de Upanema, o que era um motivo de brincadeira para a turma, pois ser natural da Zona Rural e residir no sítio, tornava minha musicalidade fraca diante desse novo universo. Portanto, precisava da ajuda e boa vontade da equipe para evoluir na guitarra. Esse era o meu combustível. Alguns estigmas tornaram-se minha motivação maior, ninguém melhor do que nós mesmos para conhecer nossos medos, capacidades, desafios, nossas buscas e superações ao longo da vida. Josso (2010, p. 194), afirma:

Elaborar sua narrativa de vida para daí retirar os materiais para uma compreensão do que foi a sua formação, depois trabalhar na construção de uma história, a sua história, que confira sentido a esses materiais, constitui uma prática de pôr em cena o sujeito que autoriza a pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nas suas aquisições do passado e na perspectivação do que está em jogo no presente, entre esse passado e um futuro, numa palavra, na sua existencialidade.

Nessa autora, conseguimos enxergar os nossos passos, buscando nossa formação, no meu caso, na minha existência através da música. A decisão tomada de vir para Mossoró em busca de um conjunto musical para tocar, mesmo sem ter conhecimento específico em Guitarra Elétrica, me faz refletir o quanto tinha o desejo de tocar profissionalmente e tirar o meu sustento da música. Minhas curiosidades, criatividade e habilidades rítmicas aprendidas na infância com os violões de brinquedos, atraíram a atenção de outro proprietário de uma pequena Banda de Baile, também da cidade de Mossoró.

Logo em seguida, ainda no mesmo ano, fui convidado a participar de outra formação, junto a alguns jovens que estavam começando uma nova banda e, estavam sem um guitarrista, como eu já exibía um pouco de talento na guitarra, acharam por bem me convidar. As situações favoráveis e adversas surgidas na minha vida durante essa experiência foram tantas que eu pensava não ser possível conseguir suportar e acabaria voltando para minha cidade. O

que consigo ver na minha formação aqui é o fato da minha insistência na música falar sempre mais alto. Desistir para mim? Era o que nunca passaria pela minha cabeça e só ficava tenso devido à situação de uma forma geral, mas sabia a quantidade de Bandas de Bailes existente na cidade e que eu precisava desenvolver habilidades. Nas afirmações de Josso (2010, p. 36):

A situação de construção da narrativa de formação, independentemente dos procedimentos adotados, oferece-se como uma experiência formadora em potencial, essencialmente porque o aprendente questiona suas identidades a partir de vários níveis de atividades e de registros.

Na construção da minha identidade, esses registros ganham destaques e na minha trajetória de vida são de superação. Nunca me conformei com as dificuldades e os obstáculos surgidos para me afastar da música, pois enxergava como uma forma de energia positiva, uma espécie de combustível para seguir em frente. Pelo fato de ser para mim motivo de superação, tive que superar alguns obstáculos para poder atingir meu objetivo de ser músico profissional, e nas passagens que tive pelas bandas da cidade de Mossoró, precisei aprender a lidar com vários problemas, dentre eles, quero destacar um que mudou minha identidade.

Filho do interior, ao chegar à cidade grande é comum lhe atribuírem algum tipo de apelido e comigo não foi diferente. No mundo artístico de Mossoró, ganhei o apelido que trago ainda hoje: Miami. Esse nome, que recebi carinhosamente da turma, devido à minha naturalidade, a cidade de Upanema/RN, se consolida e hoje mesmo, ainda sou conhecido por Miami, no meio musical. Minha esposa me conheceu tocando no meio musical e, me chama de Miami até hoje.

No final de ano de 1999, resolvi vir morar em Mossoró de uma vez. Esse foi mais um obstáculo surgido diante da minha formação. Para os meus pais, cidade grande é motivo de perigo. Por causa das inúmeras situações de risco, que o mundo artístico oferece, eles me queriam sempre por perto, gostavam mais do menino que tocava violão em casa para a família. No entanto, mais uma vez eles tiveram que fazer um esforço maior, abrindo mão desse sentimento de cuidado, natural de todos os pais, e me deixando sair de casa para viver e realizar meu sonho de ser guitarrista.

Como, ainda não tinha o segundo grau completo, era mais um motivo de preocupação para eles, mas, aos poucos foram concordando e aceitaram a ideia. Nessa época, existia um grande conflito interno comigo mesmo. Já não tinha mais tanto interesse pelos estudos, tinha parado no 2º ano, do antigo Ensino Médio e não pensava mais em voltar, pois estava

totalmente dominado pelo mundo artístico. No início do ano de 2001, retomo aos estudos e dei continuidade até o fim, pois já havia me casado, precisava adquirir um emprego certo e os estudos me ajudariam, mas, como não tinha parado de tocar em banda, entrei em uma Banda de Baile, que fez sucesso interestadual e com isso, tive que escolher, entre o emprego e tocar. Pollak (1992, p. 2) afirma:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

Nesse pensador, encontramos alguns pontos constitutivos da memória que são fundamentais para a construção da nossa identidade como vida em sociedade. Vida em sociedade significa viver em coletivo. Para uma convivência pacífica numa Banda de Baile, é fundamental essa consciência. Devido à falta de experiência, a minha opinião nunca era convincente dentro das práticas musicais, que fazíamos no dia a dia da banda. Não podemos definir nem estabelecer parâmetros para as recordações que temos hoje, mas com os acontecimentos que o autor chama de "vividos por tabela" e também no grupo, que vamos construindo nossas experiências ao longo da vida, nos aspectos individuais e coletivos.

A música exige muita dedicação e empenho. Uma delas é abrir mão de dormir o suficiente de um sono reparador, porque você trabalha na noite, dorme muito tarde, quase ao amanhecer do dia é que vai para cama. Conseguir efetivar uma formação em meio a esse universo torna-se difícil porque a maioria das pessoas, envolvidas com esse contexto social, não se atentam em dar continuidades aos estudos, muitas vezes, nunca frequentaram as escolas. O que não falta é motivo para largar a escola. Eu não tinha incentivo para continuar com os estudos, mas tinha o desejo de um dia ser professor. Não sabia de que forma iria conseguir, porque mesmo com tanto desejo de ser músico profissional, eu sentia uma imensa vontade de continuar estudando. Para Josso (2010, p. 194):

Esse projeto de conhecimento, cuja intenção última é o projeto auto orientado de si mesmo, exige a realização da passagem da compreensão da formação do sujeito para a tomada de consciência da sua subjetividade. Essa passagem introduz uma responsabilização quanto ao processo de

conhecimento de si próprio inaugura a emergência de um si suficientemente consciente para orientar o futuro da sua realização.

Esses escritos nos auxiliam na compreensão do nosso ser ao longo desse período. Devido à falta de orientação e incentivo aos estudos formativos, tinha, apenas, a experiência como formadora, e no mundo das bandas ninguém é de ninguém, é cada um por si e Deus por todos. Não tinha adquirido conhecimento para guiar a minha formação de outra forma, com a compreensão da minha subjetividade na música, ou seja, eu não tinha autonomia. Sem recursos para adquirir técnicas específicas exigidas pela Guitarra Elétrica, passei a entregar minha formação musical aos próprios colegas de maior vivência musical que a minha. Não tinha ainda uma noção futura da minha formação.

No início do ano de 2001, consigo meu primeiro emprego formal. Trabalhava o dia inteiro em um depósito que vendia material de construção e à noite ensaiava com a Banda Forró-folia do cantor e compositor Zé Lima. A partir dessa banda, comecei a conhecer outras cidades e regiões do Estado do Rio Grande do Norte e também do Ceará. Com esse cantor, passei dois anos e ao final do ano de 2003 recebi o convite para uma nova banda de forró, montada por um empresário de Mossoró, Chibata Preta. Longe dos estudos, passamos dois anos com a mesma formação da banda, o que nos deu uma identidade musical conquistada a cada cidade, por onde passávamos.

No início de ano de 2005, a banda foi vendida para um grande grupo de empresários cearenses, o que nos obrigou a mudar de endereço. A banda inteira foi morar em Fortaleza/CE. Nesse momento, que se configura outra mudança de trajetória essencial para minha vida e para minha formação. No Ceará, não tivemos sucesso, portanto, voltamos para Mossoró.

Esse período de regresso foi para mim muito difícil. Havia me afastado do mercado da música em Mossoró, havia pedido demissão do emprego, que tinha numa loja de materiais de construção, a reaproximação com os antigos grupos musicais levaria algum tempo e não retornei para o antigo emprego. Nesse momento, senti medo de verdade do mundo musical, porque não conseguia encontrar uma saída para solucionar as contas que não paravam de chegar, precisando de dinheiro, morando de favor na casa da minha sogra, e ainda por cima, tendo que procurar emprego em outra área que não fosse a minha de costume.

O que eu tinha era apenas uma guitarra adquirida pelo tempo de serviço na última banda e que não valia muita coisa. Saí procurando emprego em vários lugares, mas não

encontrei nenhum naquele momento. Sem nenhuma capacitação profissional nas outras áreas, que não fosse a música, e, nesse período, o mercado musical em Mossoró estava em decadência, devido à grande quantidade de bandas surgidas na cidade. Restava-me como alternativa entrar em outra área. Pelas inúmeras dificuldades enfrentadas, pois estava construindo minha família.

1.4. Trajetória acadêmica e o contato com a (Auto) Biografia através da música

São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro. E essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade. (JOSSO, 2010, p. 37).

São essas experiências, ou melhor, são as vivências que podemos utilizar para descrever as nossas transformações ao longo da vida. Essa história me é apresentada de uma forma mais clara e mais formativa. É uma história que se estrutura nos meus valores, naquilo que também fui responsável em dirigir, e nas palavras da autora: podem ser *várias formas de falar de mim*. Isso se torna formador para o próprio sujeito que se narra, porque ele passa a refletir sobre decisões, ações, valores e preconceitos. A minha subjetividade torna-se exposta na intenção de ser uma reflexão para o outro, vista pela ótica da formação.

De tanto procurar emprego em Mossoró, percebi uma necessidade de trocar minha Carteira de Habilitação, pois era habilitado na categoria AB, e as empresas que me prometiam emprego, me diziam que eu deveria trocar a Carteira de Habilitação para a categoria AD. Assim, seria mais fácil conseguir uma vaga de motorista. Não tinha dinheiro para fazer o exame de troca de categoria e, só via a guitarra como alternativa de capitar o valor exigido para a mudança de categoria, mas essa era a única coisa, que eu não pensava em vender. Primeiro por ser meu único instrumento musical e segundo, porque sabia não conseguiria comprar outra naquele momento.

Procurei várias formas de evitar, mas não teve jeito. Tive que vender a única guitarra que tinha conseguido depois de tanto tempo. Troquei a categoria da carteira de habilitação. Consegui comprar um violão com uma pequena sobra de dinheiro para poder praticar algumas técnicas aprendidas na guitarra. Em março de 2005, depois de cinco meses desempregado,

consegui uma vaga de motorista, em uma pequena empresa, que prestava serviço à Petrobras. Como havia uma grande variedade de cidades, estávamos sempre em lugares diferentes, dentro do Estado do Rio Grande do Norte e meu violão sempre estava comigo. Qualquer tempo livre, aproveitava para praticar o instrumento. Carregava isso como uma esperança de voltar novamente a trabalhar com música.

No dia 03 julho de 2006, obtive êxito em uma seleção para o cargo de motorista, contratado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Nesse momento, começa a se desenhar, na minha trajetória de vida, uma nova página. Desde o primeiro ano me dediquei somente ao trabalho em si, ou seja, desenvolvi as minhas atividades profissionais durante nove anos, como motorista até junho do ano de 2015. Nesse ano, nas viagens de trabalho, passei a ter contato com pessoas mais esclarecidas – professores de Ensino Superior. Esses professores começaram a me incentivar a continuar os estudos, dentre os quais destaco a figura do Prof. Augusto¹², que me mostrou o caminho da academia. “Você é músico, faça o vestibular para ser professor daqui rapaz”, ele sempre que me encontrava repetia essa frase.

De tantos eventos de formação, cursos de capacitação, discursos, palestras e cerimônias, nas quais podia participar como ouvinte, aproveitava para assistir tudo que estava ao meu alcance. Quando estava de serviço, aproveitava o tempo livre para participar das atividades promovidas pela UERN. Esse foi o privilégio que o meu ofício me proporcionou na função de motorista. Como a minha função era apenas transportar os professores, tinha tempo livre para descanso, aguardando-os do término das aulas. Então, aproveitava esse tempo para observar e conhecer o mundo acadêmico, que se apresentava à minha frente.

Logo, percebi que alguma coisa ali me fazia bem, não sabia qual o sentido que esse novo mundo fazia para mim, só tinha a certeza que era realmente o mundo, do qual eu queria fazer parte. Em outubro de 2008, fui aprovado no Processo Seletivo Vocacionado (PSV), da UERN, para o curso de Licenciatura em Música. A partir desse momento, se inicia um novo ciclo da minha vida, começa a se configurar a minha carreira acadêmica, ou seja, a formação que tenho hoje. Como afirma Josso (2010, p. 100):

Na abordagem das “histórias de vida e formação”, a reflexão sobre a vida é centrada em salientar as experiências que consideramos significativas para a compreensão do que nos tornamos, nesse dia, e de que forma chegamos a

¹² Francisco Augusto de Oliveira viajava toda semana para a cidade de João Câmara – RN, onde ministrava aulas de contabilidade em um Núcleo de Ensino Superior desta mesma universidade.

pensar o que pensamos de nós mesmos, dos outros, do nosso meio humano e natural.

Comecei a reconstruir uma nova identidade na minha formação, através das experiências de trabalho e das vivências com alguns professores dessa instituição, na qual trabalhei nove anos e durante cinco anos, consegui concluir minha graduação. A minha atividade de trabalho se resumia apenas em conduzir professores e alunos para congressos, núcleos de ensino superior e alguns eventos de cunho acadêmico. Nesses trajetos, comecei a repensar a minha formação de acordo com a influência recebida durante as viagens, a cada novo incentivo e a cada nova descoberta o mundo acadêmico ganhava um significado maior na minha vida.

No final do ano de 2008, iniciei o curso de Licenciatura em Música. Cada aula e cada novo encontro eram mágicos para mim, pois nunca tinha assistido uma aula de teoria musical. Por esse motivo, vislumbrava conhecer todas as teorias, todas as escalas musicais, acordes, arpejos e outras técnicas e estilos musicais. Quero destacar ainda, a importância do Prof. Esp. Lima Neto, professor da disciplina Prosódia Musical. Ele foi o primeiro, que se mostrou preocupado e empenhado com a formação da turma de novos professores de música e músicos, que se apresentavam nas suas aulas.

O Prof. João Lima da Rocha Neto nos fazia algumas indagações, dentre elas: o que vocês esperam desse curso? O que gostam de tocar? Qual instrumento musical que vocês tocam? Quem estávamos ouvindo? E todas essas perguntas nos faziam refletir sobre a nossa formação. Segundo Josso (2010, p. 68):

O tempo de narrativa oral, que desencadeia esta etapa, é um momento necessário à mobilização das recordações e à sua seleção e ordenação num *continuum*, quase sempre cronológico. À medida que a narrativa é uma construção que tem lugar num processo de reflexão, convém ordenar o tempo de maturação e o da rememoração; é por isso que a escrita da narrativa encerra esta etapa e que se pede aos estudantes para não se precipitarem a escrevê-la, após o termo da apresentação oral do seu percurso de formação.

Nesse pensamento, nossas lembranças e memórias nos mostram alguns momentos da vida em constante formação. Não podemos, na medida em que a narrativa (Auto) biográfica se apresenta, como um processo em construção, seguindo uma determinada cronologia,

ignorar alguns pontos de lembranças, que vão se ordenando na nossa narrativa. Somos nós os responsáveis pelas narrativas (Auto) biográficas, portanto, é necessário destacar com cautela a construção da sua própria vida, afinal, visitar lembranças com foco na formação é uma prática que requer muita calma, para que se possamos construir toda nossa história de vida entrelaçada, num contexto formador também para o leitor.

Nossa formação e nossa história de vida, a partir do nosso ingresso na UERN, passam a ganhar um sentido totalmente avesso de direção e de formação humana. A música na minha vida se reduzia em tocar em Bandas de Bailes, ou seja, bandas da noite, que são bandas musicais feitas intencionalmente para entretenimento. Nunca tinha imaginado formação humana através da música. Não sabia que a música poderia ser vista pela luz da academia, pela luz da teoria musical e pela docência. Isso me deixava um pouco confuso. Eu me perguntava como pude perder tanto tempo na vida sem buscar esse conhecimento?

Na metade do ano de 2009, estava no 2º período do curso e, na função de motorista de caráter emergencial da UERN, fui escalado para deixar o material de um projeto de extensão que tinha sido aprovado para o CPEAMN. Nesse percurso, conheci a Profa. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto. Nas várias conversas, que tivemos no caminho na penitenciária, falei que estava cursando música. Não sabia nada sobre o projeto, mas ela logo me fez o convite para participar do Projeto Filosofarte da Faculdade de Filosofia desta mesma instituição. O convite foi para mim de uma grandeza enorme, pois nunca tinha tido esse tipo de oportunidade. Aceitei logo no primeiro momento. Não queria saber qual seria o meu papel no projeto, queria participar de alguma forma.

De acordo com Josso (2008, p. 25):

Trabalhar as questões identitárias, expressões de nossa existencialidade, mediante a análise e a interpretação de relatos de vida escritos, permite evidenciar a pluralidade, a fragilidade e a dependência de nossas identidades, ao longo da vida. A tomada de consciência de que a questão identitária deve ser concebida como processo permanente de identidades evolutivas como emergências socioculturais visíveis da existencialidade.

A minha formação como pessoa e ser humano começa a ganhar um novo significado a partir desse dia. Comecei a fazer uma nova leitura de mundo, valorização do outro. Ao adentrar naquele presídio, me deparei como uma realidade totalmente desconhecida e ignorada por mim ao longo da vida. Nunca tinha nem mesmo, entrado num presídio e agora estava ali, vulnerável e dentro de um sistema desconhecido. A fragilidade e a identidade

daqueles sujeitos, que estavam em baixo daquelas árvores, sem nenhuma atividade, sem nenhuma esperança e entregue à própria sorte, começaram a me inquietar.

Enquanto descarregava o material juntamente com alguns apenados do regime semiaberto e eles começaram a me fazer alguns questionamentos: *pra que tanto instrumento? Vai ter uma festa? Ou é um presente?* Logo, os apenados começaram a querer identificar a finalidade daquele material. Lembro-me que quando terminei a tarefa procurei a Profa. Vera e me disseram assim: *“espere aí um pouquinho que ela está falando com o Major”*. Sentei em um banco próximo a sala e aguardei. A Profa. Vera me chamou para dentro da sala. *“Degivaldo conheça aqui o Major”*. Essas foram as palavras da professora.

Segundo Josso (2008, p. 30):

O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite, portanto, colocar em dia, progressivamente, o ser-sujeito de formação, vê-lo tomar forma psicossomática, psicológica, sociológica, emocional, cultural, política e, espiritualmente num sábio e singular entrelaçamento, formando assim um motivo único (ou de “peça única”, como se diz nas artes visuais).

O conceito dessa autora nos faz entender como e porque em meio a tanto acaso me importei e me interessei por aqueles sujeitos desconhecidos, mas carentes e sedentos de amor e perdão. Não porque eram bandidos ou criminosos, mas porque estavam em um processo de recuperação, estavam de alguma forma, não sei se por destino ou por opção de vida mesmo, entrelaçados num sistema punitivo movido pela vingança sobre o corpo e alma do apenado. Interessado em descobrir quais benefícios sociais e de formação humana a música poderia oferecer ao processo de recuperação dessas pessoas, comecei a refletir sobre quais os benefícios, que aquela experiência poderia promover para minha formação com educador musical.

Ao conhecer a Direção Administrativa daquela Unidade Prisional, me deparei, no primeiro momento, com uma barreira imaginária que foi criada e alimentada ao longo da história do Complexo Penal. Existia um mito de que, nada ou nenhum tipo de projeto de ressocialização poderia ser ofertado para o Regime Fechado, que era o único regime de execução penal, em que eu poderia desenvolver algum tipo de atividade. O Projeto Filosofarte estava pronto para a execução e a triagem dos apenados já estava feita e o projeto só poderia ser executado no Regime Semiaberto.

A direção do presídio explanava o risco que seria desenvolver uma atividade ressocializadora com os detentos do Regime Fechado, porque todos que ali se encontravam eram de alta periculosidade e ainda, o corpo efetivo de agentes penitenciários não era o suficiente para garantir a segurança dos membros de um grupo, que almejasse com eu, entrar para o Regime Fechado daquela Unidade Prisional, além disso, o espaço físico era comprometedor demais para minha segurança.

Nas palavras de Josso (2008, p. 43) “ [...] não se deve esquecer que a invenção de si requer não só discurso sobre si, mas projetos de si”. Passei a repensar toda minha formação a partir daquele momento. Deparei-me com uma pesquisa e uma possível mudança de vida também para o meu eu, pois estava, de alguma forma, colaborando com a formação daqueles sujeitos. Diante das dificuldades apresentadas, solicitei à direção do presídio, que me levassem para o interior do Regime Fechado. Gostaria, de pelo menos conhecer as pessoas que ali moravam. Quando cheguei ao interior dos pavilhões, me surpreendi, pois me encontrava no interior de um dos Regimes Fechados mais perigosos do Estado do Rio Grande do Norte, fiquei em estado de choque. Como tudo aconteceu muito rápido, não me preparei psicologicamente para o que iria encontrar. Todos encarcerados estampavam em seus semblantes um aspecto de tristeza profunda.

Havia combinado com a direção do presídio, que iria fazer apenas uma visita, porém, senti a necessidade de fazer alguns questionamentos aos apenados, perguntando-lhes se alguém ali queria aprender a tocar violão. Para a minha surpresa e, também, dos agentes que me acompanhavam, todos eles levantaram as mãos, dizendo que queriam aprender. Retornamos à sala da administração, depois de umas duas horas de conversa com os apenados, não sei o que aconteceu com o diretor do presídio, mas queria saber o que havia acontecido lá dentro do regime fechado, e eu respondi que queria colaborar com o Projeto Filosofarte com aulas de violão.

Se quisesse desenvolver alguma atividade no complexo penal, só dispunha do Regime Fechado. Queria ensinar lá dentro e o major me disse: *professor você está ficando doido? Aqueles presos são perigosos, rapaz.* A não ser que você se responsabilize pelo o que venha acontecer com você nas suas aulas. *Eu não posso fazer nada,* me disse o major. De acordo com Josso (2010, p.40):

Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida.

Além das circunstâncias de vida, tomei uma decisão tocado pela necessidade e compreensão do outro. Senti-me obrigado a contribuir com a formação daquelas pessoas. Encontrei-me incomodado com aquela situação, fiquei com aquela cena na cabeça vários dias: homens com o rosto encostado nas grades das celas me olhando com um olhar de uma tristeza profunda e a música poderia, a meu ver, mudar aquele cenário. Não esperamos muito tempo e na semana seguinte, iniciei os trabalhos juntamente com os membros do Projeto Filosofarte.

Idealizamos uma possível divisão dos violões para a turma, mas como as aulas só haviam sido pensadas para o Regime Semiaberto, iria ficar à mercê dos membros do projeto. Eles tinham definido o horário e a quantidade de alunos de acordo com a quantidade de violões. Se quisesse realizar a atividade, deveria combinar como seria a logística dos violões entre nós do Projeto Filosofarte e, também, com os Agentes Penitenciários, porque eles eram fundamentais para a realização das aulas no Regime Fechado, não podíamos entrar nesse regime sem o acompanhamento de pessoas capacitadas e treinadas para esse fim.

O projeto dispunha apenas, quinze violões, e consegui juntamente com os demais membros do projeto, adequar os horários das minhas aulas. A distribuição ficou da seguinte forma: uma turma pela manhã com oito apenas e uma à tarde com sete. Nossas aulas tiveram início em agosto do ano de 2009 e eram realizadas às sextas-feiras. Enquanto os membros do projeto estavam lá fora no regime semiaberto, eu passava o dia inteiro no regime fechado. O papel dos agentes era somente me levar até o interior do regime, me trancavam juntamente com os apenas em uma espécie de anti-sala, que dá acesso ao pavilhão das celas e ali realizávamos nossas atividades.

Com uma estrutura improvisada, assim era nossa sala de aula: um dos apenas providenciava as cadeiras, outro trazia um pequeno ventilador, outro era o responsável pela organização da turma, no sentido de vestirem sempre as camisetas do Projeto Filosofarte. Para as aulas, um servia água, um fazia uma brincadeira como uma espécie de dinâmica para quebrar o gelo, alguém se responsabilizava em afinar os violões da turma para não haver perda de tempo, outro mostrava um pequeno escrito em forma de verso. Nesse espaço, passamos muitas sextas-feiras entre os anos de 2009 e 2010.

Como havia combinado com o diretor da penitenciária, sabia dos riscos e possíveis das consequências, me sentia obrigado a ficar sozinho com os apenados, o dia inteiro, seguindo a dinâmica de uma penitenciária. Devido à falta de Agentes Penitenciários para garantir a minha segurança e, principalmente, a segurança dos apenados, todos ficavam liberados para a área do banho de sol de acordo com a rotina do presídio, os apenados são liberados para o banho de sol somente aos domingos, mas, a partir da terceira semana de aula, foi nos dada essa confiança pela direção, ou seja, havia um jogo de troca entre nós, buscando uma dinâmica passiva entre as partes.

Nas palavras de Josso (2010, p. 86):

Elaborar a sua narrativa de vida e, a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que se torna autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectiva dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal.

Sob a ótica desse discurso, trazer esses registros de superação e exprimir os desafios do conhecimento ao longo de uma vida, em um contexto social, cujas dinâmicas eram desconhecidas significaram que, passei a fazer parte também daquele corpo-presídio em transformação e formação. O presídio em toda sua totalidade foi envolvido pela música, porque o som dos violões inundou aquele espaço dentro de poucos dias, afetando diretamente a rotina do cárcere no regime semiaberto e no regime fechado.

No segundo ano do projeto na penitenciária, como já dissemos, eu trabalhava na função de motorista, contratado na UERN, e numa de tantas viagens, pelo Estado do Rio Grande do Norte, tivemos contato com a Profa. Dr^a Ana Lúcia Aguiar, que na época fazia parte do Programa de Formação Continuada para Professores Ativos das Redes Municipais e Federais do Governo Federal (PROFORMAÇÃO). E Aninha, como aprendemos a chamá-la, me falava que deveríamos contar as histórias de vida dessas pessoas. Ela estava falando de uma metodologia de pesquisa denominada (Auto) biografia.

A partir de então, além de amigos, ela se torna minha orientadora pelo mundo da (Auto) biografia, com indicações de autores e pensadores por mim desconhecidos, de pensadores da Sociologia, como Michael Foucault, por exemplo. Quero destacar a

importância desse autor nos estudos e discussões sobre prisão e, ainda, os autores das Histórias de Vida e das narrativas (Auto) biográficas. Assim, começamos a direcionar nosso trabalho musical no presídio dentro de uma significação social que até então, não conhecia.

A Profa. Ana Lúcia começou a me orientar auxiliando na compra de livros e, também, me ensinou a ver a prisão sobre um novo olhar, um olhar de busca e importância sobre os apenados envolvidos nas aulas de violão. Ela sempre destacava a importância dos relatos e das histórias de vidas deles e os relatos possíveis. Eram aquelas histórias que deveriam ser repensadas, como formadoras de uma nova identidade para o apenado. Ao me apresentar a obra de Erving Goffman, “Estigmas”, na qual, apresenta o sujeito que sofre retaliações e preconceitos que o impedem de prosseguir em sociedade.

Como resultado dessa experiência no CPEAMN, elaborei alguns artigos e textos, inclusive o monográfico nessa perspectiva, que me trouxeram até esse trabalho de dissertação de mestrado, no qual apresento as histórias de vida dos apenados, que protagonizaram tal experiência. A nossa ascensão pelo mundo da (Auto) biografia se intensifica logo após a conclusão do Curso de Licenciatura em Música, no segundo semestre do ano de 2013, quando a Profa. Ana, que participou da minha defesa monográfica, nos fala da possibilidade de minha submissão ao edital do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC).

A nossa entrada começa a intensificar-se a partir do segundo semestre de 2014, quando a Profa. Ana Lúcia Oliveira Aguiar nos aceita como aluno especial no POSEDUC, na disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto) biográfica. Oportunizando-nos, de fato, a possibilidade de apresentar as nossas experiências com os apenados dentro de uma perspectiva (Auto) biográfica, na qual os apenados passariam a se (Auto) narrar dentro da ótica da (Auto) formação, “Ou seja, trabalhamos com eles para pormos em evidencia o fato de que eles são os sujeitos mais ou menos ativos ou passivos da sua formação e de que podem dar a si próprios os meios de serem cada vez mais conscientes”. (JOSSO, 2010, p. 63).

Ao fazer contato com a (Auto) biografia, comecei a refletir nessa metodologia para ampliar as discussões que venho levantando sobre os apenados do CPEAMN. Nas narrativas (Auto) biográficas, comecei a enxergar sobre um novo foco, além dos apenados, a minha (Auto) biografia formada ao longo da vida nos caminhos trilhados pela música. A autora acima citada afirma que, quando evidenciamos os fatos das nossas vivências, nos tornamos conscientes, podemos ser sujeitos ativos da nossa própria formação. Sob essa ótica, a minha relação com os apenados passa a ganhar um novo sentido.

Nos caminhos dessa metodologia, comecei a enxergar, também, os meus processos formativos através da música. Repensei as aulas de músicas realizadas durante alguns anos com os apenados, na perspectiva da (Auto) formação. Através da (auto) biografia, busquei novamente o contato com aqueles apenados do grupo, que está em processo de ressocialização numa tentativa de identificar e compreender os saberes que a música pode ofertar para eles através da sua própria história de vida no processo de ressocialização vivido por eles, nos dias de hoje. Uniremos esses dois polos, buscando estabelecer uma relação entre música e (Auto) biografia formativa.

Parte dessa pesquisa foi iniciada pela música, mas ao conhecer a metodologia da pesquisa (Auto) biográfica, do ponto de vista da (Auto) formação, que proporciona formação ao sujeito que se narra e, também, ao sujeito que escuta, passei a enxergar também, nessa metodologia a minha formação e relação com a música através da minha história de vida. Com isso, essa pesquisa tenta unir as duas vertentes de formação da minha vida, a música e a minha história de vida, que são os responsáveis pela minha formação.

Na tentativa de identificar os processos formativos através da música na minha história de vida, desenvolvi o primeiro capítulo deste estudo, narrando minha história, fazendo uma viagem na minha (Auto) biografia, para que através da compreensão do meu ser, possa pensar o outro também, como um ser que é responsável pela sua formação, em construção permanente ao longo da vida. De posse dessas falas, pretendo identificar, os saberes que lhes proporcionaram formação através da música no seu processo de ressocialização, construído a partir das experiências musicais vividas no CPEAMN, que apresento no capítulo seguinte, alguns trabalhos e projetos de cunho ressocializador que foram desenvolvidos por instituições filantrópicas, instituições de ensino superior, ONG's e instituições religiosas.

Este trabalho respira narrativas, portanto, selecionamos três sujeitos (um agente penitenciário, um apenado em regime semiaberto e a direção do próprio presídio), para colaborar na identificação de algumas ações ressocializadoras bem-sucedidas no CPEAMN, através de pequeno recorte temporal de dez anos.

CAPÍTULO – 2. O COMPLEXO PENAL ESTADUAL AGRÍCOLA DR. MÁRIO NEGÓCIO – CPEAMN

Neste capítulo, apresento o Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio (CPEAMN). Busquei, ouvir a voz do presídio através de novos sujeitos¹³ convidados para falar sobre o dia a dia da vida em cárcere privado. Convivem no mesmo ambiente, porém têm perspectivas diferentes e estão separados por celas, portanto em suas narrativas revelaram a complexidade do espaço carcerário. Como o título vem sugerindo, o CPEAMN foi o cerne experiencial das histórias de vida deste capítulo e, também, com também do capítulo seguinte, com os apenados envolvidos com a música.

A estrutura física/funcional¹⁴ do complexo, a quantidade de apenados, a capacidade recomendável pela direção do CPEAMN, assim como o número de apenados residentes do complexo penal¹⁵, são necessários para uma compreensão mais abrangente da vida social da população carcerária do presídio em foco. Um breve levantamento das ações/projetos sociais desenvolvidas ao longo do tempo e nos dias atuais com vistas na ressocialização e no bem-estar social dessas pessoas, nos ajudou ainda mais, a compreender o processo de exclusão social vivido pelo apenado no momento em que se encontra encarcerado. Nas memórias purgativas de um apenado do regime semiaberto e nas narrativas dos agentes penitenciários, viajei para o “universo carcerário” e trouxe desse lugar, informações relevantes para o mundo da “Ressocialização”.

2.1. Trinta e seis anos de história: o Complexo Penal Agrícola Estadual Dr. Mário Negócio – CPEAMN.

O Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio (CPEAMN), foi inaugurado no dia 1º de julho de 1980. Completou 36 anos de funcionamento, e fica localizado às margens da RN 017, que liga os municípios de Mossoró à Baraúna, na Comunidade Rural de Riacho Grande no município de Mossoró – RN. Para este estudo, realizamos algumas sessões de narrativas com pessoas do corpo efetivo de funcionários do complexo penal, em atividade no complexo, por mais dez anos.

¹³ Um agente penitenciário, um apenado do Regime Semiaberto e a direção do CPEMAN.

¹⁴ Está relacionada ao corpo de agentes do complexo penal.

¹⁵ Em agosto do ano de 2016 o CPEAMN estava com sua capacidade máxima de apenados 446.

Em relação a estrutura física do complexo, por questões de segurança, não mostraremos nenhum desenho ou planta baixa do presídio. Trataremos das narrativas dos sujeitos da pesquisa, que se dispuseram a contribuir com o estudo, conforme o título desse sub tópico sugere. Os narradores são: um agente penitenciário, um apenado de Regime Semiaberto e o diretor (a) do complexo penal, pois são pessoas envolvidas diretamente com o cotidiano carcerário. O primeiro tem conhecimento de todos os apenados, o segundo por viver o dia a dia da prisão, e a terceiro narrador, por ser responsabilizado diretamente por todas as reinvenções cotidianas do CPEAMN.

De acordo com Foucault, (2009, p. 14):

A punição pouco a pouco deixou de ser uma cena. E tudo o que pudesse implicar de espetáculo desde então terá um cunho negativo; e como as funções da cerimônia penal deixavam pouco a pouco de ser compreendidas, ficou a suspeita de que tal rito que dava um “fecho” ao crime mantinha com ele afinidades espúrias: igualando-o, ou mesmo ultrapassando-o em selvageria, acostumando os espectadores a uma ferocidade de que todos queriam vê-los afastados, mostrando-lhes a frequência dos crimes, fazendo o carrasco se parecer com criminoso, os juízes aos assassinos, invertendo no último momento os papéis, fazendo do supliciado um objeto de piedade e de admiração.

Na realidade carcerária atual, encontramos muitos aspectos já discutidos por Foucault (2009). E parte do seu discurso refere-se à segunda metade do século XV, e enfoca aspectos sociais e históricos, que retratam a história e a evolução dos sistemas punitivos em todo mundo. Nós educadores precisamos conhecer os sistemas de punições, que prevalecem hoje no Brasil, porque ainda continuamos punindo o apenado em todos os aspectos, mas, não sabemos como ressocializar a população carcerária do país.

Somos confrontados arduamente com as reflexões de Foucault, (2009, p. 29): “[...] mas o corpo também está mergulhado num campo político, as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais”. É cabível pensar se estamos apenas repetindo os castigos e as punições do passado, se a humanidade está em constante evolução, porque não evoluímos também os nossos sistemas punitivos?

O CPEAMN foi construído com o objetivo não só de privação de liberdade, mas, também com a intenção de ressocializar através do cultivo e produção agropecuária, daí o nome: *agrícola*. Por se tratar de um dos maiores presídios do Estado do Rio Grande do Norte,

o CPEAMN sempre foi alvo de pesquisas e estudos relacionados à vida em cárcere privado, e parte desses estudos, projetos e programas de ressocialização são vinculados diretamente à Secretaria de Segurança Pública do Estado e ao próprio presídio. Existem também projetos de evangelização oferecidas por entidades religiosas do município de Mossoró, projetos de extensão universitária, que, em geral, são implantados pela UERN como foi o caso do Projeto Filosofarte, que discutiremos mais adiante deste estudo.

O município de Mossoró RN tem sido palco de muitos crimes de homicídio nos últimos anos. Isso possivelmente tem levado a população mossoroense a pensar como pensava a sociedade antiga, ou seja, a população de uma forma geral apresenta resistência em aceitar o presidiário como cidadão e ainda, “com sede de vingança sobre o delinquente”. Como nos mostra Foucault (2009, p. 213), em seus escritos sobre a prisão:

O ponto extremo da justiça penal no Antigo Regime era o retalhamento infinito do corpo regicida: manifestação do poder mais forte sobre o corpo do maior criminoso, cuja destruição total faz brilhar o crime em sua verdade. O ponto ideal da penalidade hoje seria a disciplina infinita.

Na atualidade, a sociedade não está preocupada com a humanização da pena: *o encarceramento deve servir para tirar o delinquente do meio social* e ninguém se importa com as condições da prisão, castigos, punições e, mortes que acontecem nos presídios. Para a maioria da sociedade o importa o “retalhamento infinito do corpo do criminoso”, para que ele não volte mais para o convívio social. E isso reflete como um espelho na sociedade mossoroense, “o desejo de vingança diante da ação criminosa”, estigmatizando todo e qualquer apenado que se apresente em situação de privação de liberdade neste município.

O CPEAMN vive hoje, numa situação econômica – social muito delicada, pois sem tantos recursos financeiros para os seus projetos de ressocialização, não consegue manter sequer o cultivo e a produção agropecuária, sua principal atividade ressocializadora. Dispõe de muitos hectares de terra, mas, pela falta de recursos, não consegue manter essa atividade ressocializadora, a agropecuária. A administração do CPEAMN tenta manter suas atividades agropecuárias, num relacionamento de “troca” com os apenados. O que eles produzem é vendido e a distribuição da renda é dividida em porcentagens entre os apenados e a direção, o que não deixa de ser um grande estímulo ressocializador.

Nos últimos anos, muitas atividades ressocializadoras implantadas e desenvolvidas no CPEMAN foram idealizadas através do Conselho da Comunidade na Execução Penal da

Comarca de Mossoró e da Penitenciária Federal em Mossoró, que é composto por: I – o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária; II – o Juízo da Execução; III – o Ministério Público; IV – o Conselho Penitenciário; V – os Departamentos Penitenciários; VI – o Patronato; VII – o Conselho da Comunidade que trouxe benefícios relevantes para os apenados do CPEMAN. São ofertados vários cursos profissionalizantes em parceria com o Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), de Mossoró, tais como: pedreiro, eletricitista, encanador, marceneiro, pintor, jardineiro e cabeleireiro. Pequenos cursos/oficinas também ofertados pelo Conselho da Comunidade em parceria com a indústria e o comércio locais.

Uma parte da sociedade mossoroense desempenhou um papel fundamental na ressocialização de apenados nos últimos anos no CPEAMN, ao lado do Conselho da Comunidade. Convém destacar algumas instituições de ensino superior, dentre elas podemos destacar: a Facene, Universidade Potiguar (UNP), Mater Christ e a UERN, da qual emergiu este estudo. Nas reflexões de Foucault (2009, p. 88):

Aí está a raiz do princípio de que se deve aplicar só punições *humanas*, sempre, a um criminoso que pode muito bem ser um traidor e um monstro, entretanto. Se a lei agora deve tratar *humanamente* aquele que está *fora da natureza* (enquanto que a justiça de antigamente tratava de maneira desumana o *fora-da-lei*), a razão não se encontra numa humanidade profunda que o criminoso esconda em si, mas no controle necessário dos efeitos de poder. (Grupos do autor).

Ao refletirmos sobre essas linhas, começamos a enxergar a execução da pena sobre o corpo encarcerado no CPEMAN e, consideramos as instituições religiosas como aliadas na luta por projetos e recursos financeiros para mudar a qualidade de vida e formação humana da população carcerária do presídio. Não cabe aqui discutir a ideologia religiosa, nem o ritual executado nessas práticas, mas destacar o trabalho realizado por essas pessoas, com cantos, hinos, orações, pregações e testemunho de vida nova. No momento dessas práticas, a sociabilidade entre os apenados tem alcançado bons resultados ao longo da história dessa instituição penal.

2.2. Atividades ressocializadoras que tiveram efetividade no Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio (CPEAMN).

Este subtópico emerge da necessidade de elencar as principais atividades ressocializadoras desenvolvidas na penitenciária que se destacaram ao longo dos últimos dez anos, através das narrativas de dois membros do corpo efetivo do CPEAMN. Vale ressaltar que os posicionamentos e decisões dessas pessoas interferem no processo ressocializador de apenados dentro da prisão, pois executam atividades de ressocialização. Nas narrativas dessas pessoas, foi possível identificar algumas ações que revelaram o tratamento e a execução de algumas dessas atividades que mudaram a vida de apenados dentro e fora da prisão e que podem ser destacadas como transformação social.

Os agentes penitenciários promovem a segurança no interior da prisão, e são responsáveis pelo tratamento humano dos apenados, pela garantia e a efetivação dos direitos humanos desses sujeitos. Tais funções são, também, da responsabilidade dos agentes de segurança do Estado, nesse caso, agentes penitenciários, polícia militar e administração do presídio. Portanto, a visão desses agentes sobre os apenados tem interferência nas práticas desenvolvidas e executadas pela penitenciária em relação a formação e recuperação desses sujeitos. Os direitos dos encarcerados precisam ser mantidos, para que haja recuperação humana.

Até a chegada do Projeto Filosofarte, em meados do ano de 2009, não havia registros de nenhuma prática musical com a finalidade de instruir e ressocializar os apenados através da música, ou seja, o primeiro a ofertar esse tipo de prática pedagógica foi o referido projeto. E o Conselho da Comunidade na Execução Penal da Comarca de Mossoró e da Penitenciária Federal em Mossoró, naquela data era a mola propulsora das principais atividades sociais no interior do complexo, mas, ainda não tinha conseguido desenvolver nenhuma prática musical dentro do CPEAMN. E o que mudou dentro do presídio depois dessas práticas?

Através do Conselho da Comunidade, foram ofertadas inúmeras atividades ressocializadoras, que ganham relevância social na comunidade mossoroense. No entanto, ultimamente, não se tem notícias de ações de projetos de ressocialização, que abordem a formação do apenado através da música. Neste contexto, fizemos alguns questionamentos relacionado às práticas musicais dentro do complexo, pois alguns apenados envolvidos com as práticas musicais do Projeto Filosofarte ainda estão encarcerados. Como está a vida musical dentro do CPEMAN?

Quais são os projetos discutidos no CPEAMN? Fizemos uma busca nas memórias de um apenado, que esteve durante as atividades pedagógicas do Projeto Filosofarte nos anos de 2009 a 2011, mas não participou das práticas musicais, por causa dos conflitos existentes do regime fechado. Buscamos identificar os possíveis benefícios, que foram destacados em suas narrativas. Será que existem boas recordações de projetos de ressocialização ainda vivos em suas memórias?

A contribuição do Conselho da Comunidade na Execução Penal da Comarca de Mossoró e da Penitenciária Federal em Mossoró, se faz presente o tempo inteiro nessas narrativas, e em alguns projetos sociais ou ações que merecem destaque dentro do CPEAMN, no ponto de vista dos apenados, da direção e dos agentes penitenciários.

O primeiro narrador, o Agente Penitenciário Estadual José Wilson da Silva, faz parte do corpo efetivo do CPEAMN desde do ano de 2002, e já esteve na direção do complexo, na vice-direção e na chefia passou pela chefia do Grupo de Escolta Penitenciária (GEP). Desenvolveu um trabalho agrícola com uma equipe de apenados do regime semiaberto e várias colaborações ao longo dos quatorze de sua profissão.

Utilizamos a entrevista semi-estruturada, na qual se lança a pergunta do tipo discursiva e, no decorrer da narrativa, determinamos um tempo para não perder a essência da resposta. De acordo com Gil (1999, p. 120): “ [...] o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Nesta técnica, o pesquisador não pode utilizar outros entrevistadores para realizar a entrevista, pois precisa conhecer o assunto. Essa entrevista foi planejada para os dois agentes de segurança pública: um agente penitenciário e a direção do complexo penal.

Para discutir a ressocialização do apenado do CPEAMN através da formação de saber pela música, precisamos de forças para tal tarefa. Além disso, enfatizamos o ponto de vista desses agentes penitenciários sobre ressocialização carcerária. Nas palavras de Foucault (2009, p. 23):

Faz 150 ou 200 anos que na Europa implantou seus novos sistemas de penalidade, e desde então os juízes, pouco a pouco, mas por um processo que remonta bem longe no tempo, começaram a julgar coisa diferente além dos crimes: a “alma” dos criminosos.

Apesar disso, a mudança do pensamento jurídico, iniciada na Europa, como nos mostra o autor acima citado, no Brasil, ainda, está presente o julgamento da personalidade, do

comportamento e da criminalidade do delinquente. Não se pode pensar a transformação social do apenado, sem que aja a intensão de ressocializar realmente os 446 sujeitos¹⁶, encarcerados residentes do CPEAMN de Mossoró – RN. O ponto de partida para essa discussão surge da primeira pergunta feita ao Agente Penitenciário José Wilson da Silva.

Você acredita em ressocialização diante desse Sistema Carcerário do CPEAMN?

Sim. Eu acredito em torno do sistema o índice ainda é muito baixo, em torno de 5% dos nossos internos que saem e volta para o convívio da sociedade, só que o governo do Estado deveria investir mais nessa questão da ressocialização aqui no complexo. O investimento é muito pouco, é mais a questão do Conselho da Comunidade, da direção, pastoral carcerária, que ainda prestam um apoio a questão da ressocialização dos internos. (José Wilson, 09 de setembro de 2016).

De antemão, vale ressaltar nas narrativas do agente, uma transferência para as autoridades superiores, responsáveis pelo sistema carcerário em geral, nesse caso, o Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Convém destacar a quantidade de pessoas, que o agente considera como ressocializadas no CPEAMN, ou seja, 5%. Comparamos tais resultados com o relatório de reincidência nacional, realizado no ano de 2012 e publicado em 2015 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada¹⁷ (IPEA). Segundo esse relatório, 70 a 80% dos apenados em todo Brasil são reincidentes. O que significa para a realidade do CPEMAN, um aumento por ano de 15%, em relação aos números nacionais.

Além dos apenados que estão em liberdade condicional, como vivem aqueles que participaram das práticas musicais de 2009 a 2011 e ainda estão no Complexo Penal?

Olha, esse período de 2009 a 2011 que você citou, foi um período que os internos tiveram a felicidade de aparecer esse Projeto Filosofarte, né isso? Foi sucesso dentro da penitenciária, porque muitos internos começaram a tocar e eles foram privilegiados porque, enquanto muitos artistas da terra nunca entraram, nunca se apresentaram no Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, e os internos aqui da penitenciária, participaram daquele evento. Hoje daquele grupo de vocês, se ainda

¹⁶ Essa era a quantidade de apenados que se encontravam detidos no CPEAMN no dia 10 de setembro de 2016, dia em que entrevistamos os dois agentes carcerários.

¹⁷ Fundação pertencente ao Governo Federal.

por aqui é uns dois ou três. Alguns ganharam a liberdade condicional e foram executados na rua, outros já saíram, como é o caso de Trajano e Marquinhos, Pesquisador: mas a prática de música hoje, existe ainda aqui? Não, não, a parte de música hoje está totalmente parada. (José Wilson, 09 de setembro de 2016).

Durante a execução do Projeto Filosofarte houve várias apresentações na cidade de Mossoró e, também, em datas comemorativas dentro do complexo, mas, na memória desse narrador o que teve significância foi, a apresentação realizada no teatro municipal Dix-Huit Rosado de Mossoró teve maior significado. Na sua fala, torna-se visível a relevância social obtida pelos apenados nessa apresentação. Por isso, José Wilson faz questão de lembrar: “muitos artistas da terra não tiveram a oportunidade” e eles tiveram. Na sua fala, que a música pode efetuar de fato, a ressocialização, como destaca: pelas oportunidades que eles ganharam.

Como você vê a música no processo de ressocialização?

Ao meu ver, contribui e muito. Né? Porque, enquanto você está com o interno ocupado, participando das atividades, das músicas né? Muitos deles partem para o lado evangélico, começa a louvar à Deus, se aproximam de Deus, quer dizer: “eles esquecem um pouco o lado da maldade”, e acabam entrando por outros caminhos né? (José Wilson, 09 de setembro de 2016).

Mais uma vez, cito a música como uma ferramenta necessária à reintegração social do apenado. Nas palavras do narrador agente, fica explícito os benefícios que a música proporciona dentro de uma unidade prisional e o Projeto Filosofarte ficou marcando em suas lembranças, como algo que funcionou ao longo da história do CPEAMN. Diante dessa narrativa surge mais um questionamento: como conseguir recursos e pessoas interessadas nesse tipo de ação? Pois, conforme já citamos, “o ambiente carcerário para muitos, ainda é lugar de mitos, medos e preconceitos”. A sociedade prefere não enxergar o presídio como um ambiente cabível de saberes e de um possível recomeço através da vida e da arte. Tal posicionamento tem acarretado um número elevado de reincidência criminal em nosso município e no Brasil.

Na história das prisões e dos sistemas de poderes estabelecidos nas prisões ao longo do tempo, podemos constatar a origem de revoltas e rebeliões, como nos mostra Foucault (2009, p. 32):

Nos últimos anos houve revoltas em prisões em muitos lugares do mundo. Os objetivos que tinham, suas palavras de ordem, seu desenrolar tinham certamente qualquer coisa paradoxal. Eram revoltas contra toda a miséria física que dura há mais de um século: contra o frio, contra a sufocação e o excesso de população, contra as paredes velhas, contra a fome, contra os golpes. Mas eram também revoltas contra as prisões-modelos, contra os tranquilizantes, contra o isolamento, contra o serviço médico ou educativo.

Ao refletir sobre esse texto, tornam-se evidentes algumas razões e decisões pelas quais lutam os apenados de todo mundo. Podemos identificar anseios, lutas e reivindicações, que assolam os sistemas penitenciários do mundo e também, o que não descarta também o sistema penitenciário do Rio Grande do Norte. O Sistema Carcerário brasileiro, atualmente, enfrenta problemas por falta de políticas e investimentos na qualidade de vida dos apenados com prédios e pavilhões sucateados. Além disso, nos últimos tempos, a superlotação torna difícil um trabalho, que valorize a ressocialização e a humanização na pena da população prisional.

Como você enxerga o Conselho da Comunidade na Execução Penal da Comarca de Mossoró e da Penitenciária Federal em Mossoró?

Durante esses 14 anos que estou aqui, tem contribuído bastante. Sempre vai buscar recursos, criou o prédio: O centro de Capacitação Profissional do CPEMAN, trouxe vários projetos. No período que eu passei pela vice-direção e direção do complexo, nós tínhamos aqui um projeto de pintura, de manicure¹⁸, na parte de hortaliça, corte de cabelo, tinha leitura, onde os internos ganhavam a remissão da pena pela leitura, tinha o projeto da arca. Mas aqui hoje, está tudo parado, só presidente atual do conselho que está desenvolvendo um trabalho de alfabetização lá no fechado, mas com um número pequeno de internos. Mas no geral, as ações do Conselho estão paradas. Não é mais como naquele tempo né? Agora mesmo, a direção está reunida com uma equipe da UFERSA¹⁹, estudando quais os projetos podem ser implantados aqui, na agricultura né? (José Wilson, 09 de setembro de 2016).

Não é deste estudo, averiguar o trabalho de um determinado profissional, mas de traçar um panorama das ações, que estiveram ou estão em debate na penitenciária com o objetivo de pensar a ressocialização e a qualidade de vida dos apenados do CPEAMN.

¹⁸ Porque além do masculino, existe um pavilhão feminino no (CPEAMN).

¹⁹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido de Mossoró – RN.

Pensamos em identificar projetos ou ações isoladas, que ganharam relevância social na vida de algum apenado e na sociedade mossoroense. Pretendemos, também, identificar essas ações, porque alguns projetos não tiveram êxito na comunidade carcerária.

Nas narrativas desse agente de segurança pública, percebemos o tom de lamentação e um sentimento de impotência na sua voz por estar diante de um sistema carcerário que anda na contramão da ressocialização. Em suas memórias, busca os tempos em que eram desenvolvidas várias ações e projetos voltados para a transformação social dos apenados. Tais projetos eram desenvolvidos pelo Conselho da Comunidade com alguns recursos do Governo do Estado e com a direção do Complexo Penal.

Nas palavras de um mestre estudiosos da memória, podemos encontrar o sentido desse trecho narrativo de José Wilson da Silva transcrito acima. Observemos o que Pollak, (1992, p. 05) afirma:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Na memória de José Wilson, identificamos a dupla formação descrita por Pollak (1992). Ao lembrar os tempos de total efervescência das ações e projetos ressocializadores no CPEAMN, principalmente, no período que ele descreve: “*quando passei pela vice-direção e direção...*”. Nesse ponto, o agente entra no viés teórico desse pensador, a memória se constrói no social e no coletivo. Em sua narrativa, ele se preocupa em nos passar uma imagem de si, como sendo uma pessoa que se mostra interessada pelo processo de ressocialização de apenados do complexo e, também, fez um trabalho digno de ser reconhecimento no patamar da ressocialização, apesar das dificuldades. Nas reflexões de Foucault (2009, p. 229):

O trabalho penal deve ser concebido como sendo por si mesmo uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade. A prisão não é uma oficina; ela é, ela tem que ser em si mesma uma máquina de que os detentos-operários são ao mesmo tempo as engrenagens e os produtos; ela os

ocupa e isso continuamente, mesmo se fora com o único objetivo de preencher seus momentos.

Com base nesse pensador, podemos enxergar toda a história do CPEMAN. Ou seja, sem um trabalho efetivo de ressocialização, é impossível transformar o ser humano delinquente em um cidadão de convivência harmoniosa em sociedade. O trabalho penal citado pelo autor acima, envolve nos dias de hoje, atividades de remissão de pena, capacitação profissional, cursos profissionalizantes no interior do presídio, direito a escola, aperfeiçoamento profissional. O que o autor chama de “preencher seus momentos”, significa dizer: o estabelecimento penal deve conter ações e espaços pensados para preparar o apenado para o retorno à sociedade.

A Lei de Execução Penal brasileira, Nº 7.210 de 1984, (LEP), foi idealizada para proteger os delinquentes no território nacional. Esta lei em seu Artigo 25 diz que é dever do Estado, nesse caso, do presídio, “orientar e apoiar o apenado para reintegrá-lo a sociedade”. Cabe ao Estado não apenas encarcerar o delinquente, mas prepara-lo para um novo recomeço de vida depois do cumprimento da sua pena. Isso é apenas, um artigo dos vários que existem na LEP, criada para amparar os direitos e deveres dos apenados em todo Brasil. Agora retomemos novamente, a raciocínio das narrativas.

Hoje quais são os projetos de ressocialização em execução?

Bem, nós estamos aí com um feijão plantado, tem o sorgo para o gado do presídio, também voltou a ativar a pocilga²⁰, que estava parada há um bom tempo né? Também tem o projeto de leitura no fechado, desenvolvido por um Juiz aqui do município, onde os internos ganham dias remidos através da leitura. Quer dizer: para os internos, o mais importante são os dias remidos, a questão da ressocialização, dele voltar para o convívio social, são os dias remidos, para eles, é o mais importante né? E também está havendo aqui no Centro de Capacitação, um curso de informática para os internos, coisa que nunca foi vista aqui né? (José Wilson, 09 de setembro de 2016).

Conforme já citamos, o CPEAMN, comporta hoje, 446 internos e, uma parcela mínima de apenados, 10% deste total participa de alguma atividade educacional dentro do complexo, são “os que querem alguma coisa”, como nos disse Wilson.

²⁰ Criação de porcos.

Você consegue mencionar algum projeto de ressocialização que transformou a vida de algum apenado no CPEAMN?

Sim. Eu digo esse da música que foi muito bom, que tem alguns apenados aí que aprenderam a tocar violão, como é o caso do Trajano, Marquinhos, e outros aí; teve outro projeto aqui que trabalhou com a produção de material de limpeza, produzindo desinfetante, água sanitária, sabão, inclusive, tem um rapaz que mora em Itajá – RN, que aprendeu aqui essa produção e hoje tem seu próprio negócio, montou uma fábrica na sua cidade, revende nos postos de lavagem de carros, ele começou aqui, recebeu a progressão de regime, saiu e não voltou mais, deu certo, ele conseguiu se ressocializar. (José Wilson, 09 de setembro de 2016).

Mergulhar no universo penitenciário é descer nas águas profundas de um oceano desconhecido, muito desafiador. Por mais que tenhamos o interesse e a vontade de transformar a vida dessas pessoas, não podemos interferir nos processos judiciais do nosso país, “leis são leis”. Nos dias de hoje, a estrutura social dos presídios, em geral, passa por um momento delicado, grandes fugas, agressões e violência assolam as prisões do Brasil. O CPEAMN pertence a esse universo, pois, a maioria dos apenados²¹ encontra-se apenas, encarcerados, “numa sociedade de braços cruzados” que prefere não se envolver com as poucas oportunidades de ressocialização que surgem em alguns presídios brasileiros.

Para ampliar a visão sobre os trabalhos de ressocialização desenvolvidos nos últimos anos no CPEAMN, realizamos os mesmos questionamentos, mas mudamos, apenas, a forma das perguntas/temas geradores da narrativa à atual diretora do complexo penal, Alrivaneide Lourenço de Oliveira, lembrando que, ela é Agente Penitenciário Estadual e está com a responsabilidade administrativa dessa penitenciária há alguns meses. Dessa pessoa partem todas as ordens, liberações, transferência e também, aplicação de penalidades, devido ao bom ou mal comportamento dos apenados nos três regimes de punições: fechado, semiaberto e condicional. Realizamos essa entrevista, seguindo a mesma ordem de perguntas/temas aplicadas a José Wilson da Silva.

O que você entende sobre ressocialização? Como você vê esse processo?

²¹ 607.731. Essa era a totalidade de apenados em todo território brasileiro, segundo o último Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN), publicado pelo Ministério da Justiça em junho de 2014.

Ressocialização! O entendimento que eu tenho é a reintegração de uma pessoa a sociedade né? Não é um processo fácil. Muitas vezes, eu chego até a duvidar da palavra ressocialização. Quando você olha para essa Unidade Prisional, ver que quase a totalidade vive à margem da sociedade, são pessoas que moram em favelas, tem todos os seus direitos constitucionais negados: saúde, educação, todo tipo de assistência social. Então assim: será que essas pessoas vivem realmente em sociedade? Muitas vezes não são nem socializadas. Essa palavra ressocialização eu questiono ela o tempo todo. (Alrivaneide de Oliveira, 09 de setembro de 2016).

Nessa narrativa, podemos observar uma nova visão sobre o tema lançado no início da pergunta. Alrivaneide de Oliveira já enxerga o processo de ressocialização sobre outro ponto de vista. Ela cita os direitos constitucionais do cidadão brasileiro e, coloca sobre a sociedade a garantia da efetivação desses direitos, ou seja, quando ela nos faz um questionamento de volta: será que essas pessoas vivem realmente em sociedade? Está se afastando do processo ressocializador do apenado, pois não tem estímulos e nem motivos para lutar pelos direitos dos apenados, como pessoa humana, e considera a situação social dos apenados como principal fator no aumento da criminalidade e da reincidência no CPEAMN. Ao dizer “*são pessoas que vivem em favelas*”, ela confirma os resultados das últimas pesquisas dos institutos ligados aos departamentos e sistemas carcerários do Brasil nos últimos anos.

Este estudo é local e está focado apenas no contexto social e nas práticas ressocializadoras desenvolvidas no CPEAMN nos últimos anos, no entanto, fizemos algumas contextualizações, no território nacional, no que se refere à reincidência, analfabetismo e situação social do público em questão. A maioria das pesquisas brasileiras desenvolvidas sobre o Sistema Carcerário revelam aspectos depreciativos no sentido ressocializador. O Brasil ainda não conseguiu desenvolver um regime de correção capaz de reverter a situação de vulnerabilidade social do apenado. Isto está comprovado pelo alto índice de criminalidade que existe no país, o que nos torna o quarto país no ranque mundial de pessoas presas, segundo dados fornecidos pelo INFOPEN. Voltemos ao raciocínio.

Você acredita na recuperação do apenado no Sistema Penitenciário do Rio Grande do Norte?

Eu acredito na recuperação do homem. Do ser como pessoa, se ele não é doente mental, se ele não possui um distúrbio mental que faça ele ter determinadas atitudes, se ele é um ser consciente, mas que delinuiu por consequência de um erro né? Eu acredito que ele tem a capacidade

de se ressocializar, de voltar para a sociedade e caminhar corretamente, como as normas que a sociedade exige. Agora, eu não acredito que o Sistema Penitenciário atual, ressocialize alguém. O Sistema Penitenciário Estadual, Federal, na forma como ele conduz hoje, o apenado, (ele) não ressocializa, na verdade ele faz o papel inverso, torna o homem mais perigoso. (Alrivaneide de Oliveira, 09 de setembro de 2016).

Nas reflexões de Foucault (2009, p.110):

A prisão em seu todo é lugar de trevas onde o olho do cidadão não pode contar as vítimas, onde conseqüentemente seu número está perdido para o exemplo [...] Enquanto que se, sem multiplicar os crimes, pudermos multiplicar o exemplo dos castigos, conseguimos enfim torná-los menos necessários; aliás a escuridão das prisões torna-se assunto de desconfiança para os cidadãos; supõem facilmente que lá se comentem grandes injustiças.

Na fala da diretora do CPEAMN e, nas reflexões desse estudioso, o entendimento da visão construída ao longo do tempo do ser delinquente: *a escuridão, injustiças, e uma espécie de manifestação da maldade, onde o olho da sociedade não penetra*. Segundo a diretora do CPEAMN, o apenado que se encontra no sistema prisional hoje, além de estar na escuridão descrita nas reflexões de Foucault (2009), deve se ressocializar por si só. E ainda, se manter em estado de sã consciência, para poder voltar ao convívio social de forma correta e harmônica.

Como você acha que a música contribui no processo de ressocialização?

Espiritualmente a música faz bem. Ela elava a alma de qualquer “ser”, então, na música você expressa sentimento, você expressa desejo, acalma a alma. Se a gente enxergar a música como uma capacidade de trabalho, aí está a ressocialização, porque eu acredito na ressocialização pelo trabalho. Você tem que dar uma responsabilidade ao apenado, uma profissão e pronto: agora você se vire. Ele vai produzir para a sociedade através do trabalho. A música vista como profissão eu acredito. Mas, somente como uma forma de diversão! Muito pelo contrário, ela eleva o pensamento do preso para outro tipo de comportamento. (Alrivaneide de Oliveira, 09 de setembro de 2016).

Transcrevendo essa narrativa, começo a me questionar novamente, como pode a sociedade contribuir para a humanização da execução da pena? Se existem distorções paradigmáticas erguidas dentro e fora das prisões sobre as vontades e os desejos dos apenados. No entendimento da diretora, alguns dos direitos assegurados pela Lei de Execução Penal (LEP) N° 7.210 de 1984. Como por exemplo, na Seção VI que legisla sobre a Assistência Social dos apenados e ainda, trata do retorno à sociedade. No Art. 23 no Inciso IV: “promover, no estabelecimento, pelos meios disponíveis, a recreação”. E essa recreação pode ser assegurada por uma prática musical, sendo através de projetos, aulas ou até mesmo, a prática musical de apenados dotados de habilidades artísticas musicais. Enfim, esse parágrafo é só um devaneio sobre os direitos constitucionais que são esmagados nos presídios dos nossos dias.

O Conselho da Comunidade atua de forma sistemática?

Olha, eu estou na direção há sete meses só. Quando eu cheguei aqui, o Conselho da Comunidade estava parado né? Por causa da direção anterior que não deu o espaço. Eu já vi o Conselho atuar aqui divinamente bem, trabalhou a questão da agricultura, da arca, do artesanato. Então assim: o Conselho está com uma nova direção, estamos começando a desenvolver os trabalhos novamente, hoje mesmo ele está com um curso de informática, inicialmente com dez apenados do semiaberto, tem me ajudado muito na questão da reletura, como nós ficamos sem professores na escola, a própria presidente “caiu pra dentro das ações”, então assim: estamos engatinhando juntos novamente. (Alrivaneide de Oliveira, 09 de setembro de 2016).

Na fala da diretora, tornar explícito a questão política, que molda todo o Sistema Prisional do país. A frequente troca de diretores no CPEAMN, cada um com novas ideias e sugestões para melhorar a maneira de aplicar a execução da pena sobre o delinquente. Ao mencionar a direção anterior do complexo, ela traz uma triste lembrança: “*o conselho estava parado*”, mais uma vez, paralisando todas as ações ressocializadoras que, existiam naquele espaço. Nas falas de José Wilson e de Alrivaneide de Oliveira, o Conselho da Comunidade na Execução Penal da Comarca de Mossoró e da Penitenciária Federal em Mossoró, é o principal fomentador de ações e benefícios dentro do complexo. A título de esclarecimento, no período

de execução das ações pedagógicas musicais do Projeto Filosofarte, o Conselho da Comunidade foi o nosso parceiro mais atuante. Nas palavras de Foucault (1974, p. 131):

Todos conhecem as grandes transformações, os reajustes institucionais que implicaram a mudança de regime político, a maneira pela qual as delegações de poder no ápice do sistema estatal foram modificadas. Mas quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana.

As reflexões desse pensador, teoriza com precisão a fala de Alrivaneide de Oliveira. Quando as instituições detentoras do poder como é o caso do CPEAMN, atingem o corpo dos apenados. Ao relembrar as normas da direção anterior, ela diz: “*não deu espaço*”, o que confirma o mecanismo do poder, agindo sobre os mais de quatrocentos apenados do complexo, pessoas que perderam as esperanças de dias melhores, sem ações, ocupações, ou qualquer outra forma de distrair o pensamento ocioso, que reina nos pavilhões do CPEAMN. O Conselho da Comunidade é um órgão pertencente a própria LEP. “ Art. 61. São órgãos da execução penal: I – o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária; II – o Juízo da Execução; III – o Ministério Público; IV – o Conselho Penitenciário; V – os Departamentos Penitenciários; VI – o Patronato; VII – o Conselho da Comunidade. Ou seja, a atuação do Conselho no complexo penal é um direito garantido por lei aos apenados.

Quais são os planos futuros do CPEMAN para ressocializar toda essa população?

Bom, nós temos a escola de ensino fundamental regular, que vai reiniciar esse próximo mês²², com turmas regulares: uma do semiaberto masculino, o feminino e duas turmas no regime fechado. Vamos atender em torno de cinquenta apenados ao todo. Aí temos o Projeto de Produção de Mudas Ornamentais e o Projeto de Reflorestamento Ambiental. Esses projetos foram iniciados pelo O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), criado pelo Governo Federal em 2011, e quando acabaram os recursos, nós continuamos, pelos excelentes resultados que os apenados estavam apresentando. (Alrivaneide de Oliveira, 09 de setembro de 2016).

²² A narradora está se referindo ao mês de outubro de 2016.

O CPEAMN, ao longo dos últimos anos, vem se moldando de acordo com a dinâmica socioeconômica do Estado do Rio Grande do Norte. Muitas ações foram desenvolvidas, conforme as narrativas desses dois colaboradores, através de projetos de ressocialização desenvolvidos por entidades religiosas, pelo CPEAMN, por universidades públicas e privadas, e um pelo maior parceiro, ou seja, “o Conselho da Comunidade na Execução Penal da Comarca de Mossoró e da Penitenciária Federal em Mossoró”, esse parceiro é incansável e digno de reconhecimento.

As pesquisas e os relatórios do Sistema Penitenciário Nacional registram, violência, reincidência criminal, injustiças que são cometidas todos os dias na escuridão dos porões carcerários do Brasil contra o corpo já em processo de condenação penal, índice de analfabetismo, pobreza, estigmas, maus tratos, mortes dentro de presídios e penitenciárias por todo país. Esperamos que este estudo, melhore a visão da sociedade em relação à delinquência, pois todos sofrem de um mal chamado de “estigma”. Nosso país é o 4º do mundo, quando o assunto é população carcerária e reincidência criminal. Algo está errado na forma de punir o delinquente brasileiro, que devem ser vistos como pessoas humanas, passivas de erros e acertos ao longo dessa caminhada que ousamos chamar de “vida”.

2.3. O cotidiano carcerário do Regime Fechado do Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio na voz de quem já esteve lá.

A função e o dia a dia da prisão são analisados por diversos teóricos e, também, são citados pela imprensa e demais canais de comunicação espalhados pelo mundo e no Brasil. Mas, como é vivido esse cotidiano? Quais são os medos que assolam os corações desses homens? Como é a escuridão ao apagar das luzes dentro da prisão? Existem esperanças de novos dias de sol? Como encontram forças e se reinventam diariamente?

Na tentativa de conhecer as experiências, as reinvenções formativas do saber construído na prática dos ensinamentos da vida, por uma “voz de resistência”, que hoje, conseguiu caminhar guiado pela bússola da liberdade, apresentaremos as narrativas de Francisco Antônio Filgueira Lopes²³, apenado do regime semiaberto que passou alguns anos de sua pena de detenção, no Regime Fechado do CPEAMN. Essas narrativas trazem um

²³ Conhecido pelos colegas de cela como Reinaldo, este apenado nos concedeu autorização escrita das suas narrativas.

aroma de medo e angústia, mas, são necessárias ao texto para que possam nortear futuros estudos dentro desse complexo penal.

Você passou quantos anos no Regime Fechado?

Francisco Antônio: 3 anos.

Qual era o seu maior medo no Regime Fechado?

O que eu mais temia? (Alguns segundos de silêncio antes da resposta), a vida né? E também, era alguém jogar alguma coisa na minha cela, do tipo droga. Porque eu tinha medo né? Num momento de revista surpresa, sempre eu via jogarem as “coisas”²⁴, e depois sobrar pra quem estava na cela, muitas vezes até, estava dormindo na hora e não via e levava a culpa, e o pior, tinha que assumir a droga. (Francisco Antônio, 09 de setembro de 2016).

Nas palavras de Foucault (2009, p. 235):

A prisão, local de execução da pena, é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos. Em dois sentidos. Vigilância, é claro. Mas também conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhora; as prisões devem ser concebidas como um local de formação para um saber clínico sobre os condenados.

Nas prisões, esse procedimento é comum, em relação aos seguintes aspectos: comportamento, progressão de regime, progressiva melhora, como nos aponta o autor acima. Esse desdobramento de formação dos saberes, que precisam ser reinventados dia a dia na prisão, é semelhante ao conteúdo das narrativas de Francisco Antônio e, também, é necessário aqueles que estão em Regime Fechado, na mesma cela e no mesmo regime²⁵. O apenado que sonha com a liberdade, precisa buscar dia a após dia, uma nova maneira de sobreviver as armadilhas impostas pelo universo prisional, que o mantém sobre total vigilância.

Ao analisar essas narrativas, identificamos um homem que teme assim como todos os apenados do Brasil e do mundo, o amanhã. Mesmo no Regime Semiaberto, ao relembrar o cotidiano do regime anterior, confirma através da voz, as sombras que assolam a vida desses

²⁴ O narrador aqui está se referindo à objetos ilícitos.

²⁵ Formado por um pavilhão de pequenas celas vizinhas.

seres humanos, que buscam encontrar dia a dia uma nova esperança de vida. A questão “laranjada”²⁶ levantada por Francisco Antônio é culpa do Sistema Carcerário? Não. Não existe culpado, ou culpados diante dessas questões, apenas existem, com naturalidade em toda a história das prisões há tempos remotos, como nos mostra os ditos de Foucault (1974, p. 130):

Não haveria sentido em limitarmo-nos aos discursos formuladores sobre a prisão. Há igualmente aqueles que vêm da prisão: as decisões, os regulamentos que são elementos constituintes da prisão, o funcionamento mesmo da prisão, que possui suas estratégias, seus discursos não formulados, suas astúcias que finalmente não são de ninguém, mas que são, no entanto, vividas, assegurando o funcionamento e a permanência da instituição. É tudo isto que é preciso ao mesmo tempo recolher e fazer aparecer.

Nessas reflexões, encontramos os adjetivos necessários para descrever o sentido do temor de Francisco Antônio. O ambiente prisional é baseado em regras e discursos funcionais, que emergem do fazer cotidiano, da necessidade orgânica da prisão, “o aroma da delinquente”, dos erros e acertos da humanidade ao longo do tempo. Na prisão, residem os seres que fugiram das normas, idealizadas pelo homem como regras de sobrevivência e convívio social. A privação de liberdade substituiu o suplício do corpo humano em praça pública na Idade Média, e o próprio homem busca, ainda hoje, uma forma de punir que, ao mesmo tempo, funcione como correção do sujeito e o torne um ser ativo socialmente e capaz de colaborar com o desenvolvimento da sociedade em que vive.

Você participou de algum projeto de ressocialização no Regime Fechado?

Participei, fazendo rede. Eu passei um ano e meio fazendo rede, quando eu saí, deixei o projeto funcionando, sai do regime mas fiquei mandando o material pro pessoal lá dentro. Eu que mandava comprar os cordões, e o resto do material pra poder ficar funcionando, a gente levava pra os eventos daqui, saía pra mostrar muitas vezes nos eventos da rua. Esse projeto foi assim, tinha um apenado lá com a gente que disse que sabia fazer rede, daí eu mandei comprar o material e começamos a fazer as redes, eu acho que produzimos mais de seiscentas redes ao todo. (Francisco Antônio, 09 de setembro de 2016).

²⁶ Termo usado na linguagem popular do Sistema Carcerário: quando alguém é considerado culpado, apesar de ser inocente.

As maneiras e as adaptações nas quais o “ser apenado” precisa conhecer ao adentrar no “*sistema*”²⁷, exigem habilidades de recriar seus gostos, suas decisões, reinventar uma profissão diante das oportunidades que lhe serão oferecidas. Por exemplo, no CPEMAN, predominam as atividades agropecuárias, intrínsecas do complexo, nas quais, os motores são os próprios apenados. Como afirma Goffman (1974, p. 76):

A capacidade dos internados para tornar-se objetos de interesse afetuoso da equipe dirigente está ligada ao que poderia ser denominado um ciclo de participação, às vezes registrado nas instituições totais. A partir de uma distância social com relação aos internados, um ponto em que a maciça privação e a perturbação institucional não podem ser vistas facilmente, a pessoa da equipe dirigente descobre que não tem razão para impedir a formação de uma relação afetuosa com alguns internados.

Nas reflexões teóricas desse pensador, encontramos sentidos para o discurso de Francisco Antônio, ao relatar a origem do “Projeto das Redes”, idealizado por ele, pensando na necessidade do outro, do olhar para o outro e o sentir através do outro as necessidades do seu “*eu*”, identificamos uma relação afetuosa de Francisco com a equipe dirigente. Ele não teria implantado e executado um projeto de ressocialização (uma maneira própria de se ressocializar através da produção de redes) dentro do Regime Fechado, sem esse apoio. Mesmo diante dos dados elevado de violência e opressão nos presídios brasileiros o CPEAMN tem desenvolvido algumas ações voltadas para a ressocialização dos seus apenados, ao longo dos anos.

Quais são as expectativas de vida de um apenado em Regime Fechado?

Rapaz as expectativas de vida! É que, se o caba não tiver a mente boa, se não tiver algum projeto pra pessoa desenvolver alguma coisa, profissão pra quando sair desenvolver um trabalho honesto, se não tiver nada pra fazer, como é o caso de lá, o pensamento só ver coisa ruim. Entra dia e sai dia e nada acontece diferente, aquela mesma coisa, preocupação, tristeza, se lembra do mundo lá fora, como era a vida do caba, aí escuta o outro dizer que quando sair daqui vai matar fulano, beltrano, como é que você não pensa também? Se fica todo mundo aqui sem ter o que fazer. (Francisco Antônio, 09 de setembro de 2016).

²⁷ Termo usado pelos apenados ao referir-se às prisões e penitenciárias do Brasil.

As narrativas de Francisco se cruzam com os direitos apenados garantidos pela Lei de Execução Penal, N° 7.210/84, (LEP). De acordo como o Art. 25, já citado“ [...] a assistência educacional compreenderá a instrução escolar, ensino básico e fundamental, profissionalização e desenvolvimento sociocultural”. Na prática, isso significa que o apenado tem direito a assistência educacional, independente do regime em que se apresenta. Ao alegar a falta de projetos, o narrador afirma seu anseio, como apenado, mesmo diante das condições de total submissão ao sistema carcerário, sentia-se desamparado, pela falta de condições de ressocialização do CPEAMN no regime fechado.

O “entra dia e sai dia” descrito nessa fala mostra a rotina carcerária do Regime Fechado do CPEAMN e a falta de orientação para o retorno à sociedade. Em consonância com a LEP, é de responsabilidade do estabelecimento penal a garantia ao desenvolvimento profissional, educacional e cultural, independentemente dos regimes de detenção. Nesse discurso, ressaltamos, ainda, os seguintes aspectos: quebra de identidade, desesperança e pensamentos negativos, pela ociosidade predominante em um Regime Fechado. Neste trabalho não pretendemos identificar os culpados pela quebra da principal lei de amparo ao apenado, pois buscamos levantar alguns pontos de discussão, que poderão melhorar o tratamento penal em nosso país.

Goffman (1974, p.152), faz uma reflexão que nos permite compreender as descrições de Francisco Antônio em relação ao Regime Fechado, “ [...] o medo do castigo pode ser adequado para impedir que o indivíduo realize determinados atos, ou deixe de realiza-los; no entanto, os prêmios positivos parecem necessários para que se consiga um esforço prolongado, contínuo e pessoal”. Ou seja, o apelo desse narrador por mais benefícios sociais, projetos de ressocialização é visível. O apenado enquanto “ser humano”, grita por dias melhores, grita por socorro, querendo dar continuidade aos seus saberes e profissões, e busca forças e esperanças nos seus pensamentos para driblar as tendências e influências negativas, que dominam o ambiente carcerário do CPEAMN.

Você acha que a música pode contribuir na qualidade de vida dos apenados em Regime Fechado?

Pode sim. E muito. Porque a pessoa começa a ver coisas boas, e não fica olhando somente pro mal. Aquele projeto mesmo²⁸ daquele tempo, eles saiam pra se apresentar, foram pra feira de ciências, pro teatro, pras faculdade, viam seus familiares, suas esposas, muitos deles se encontravam com os filhos nas apresentações, quer dizer, isso é uma melhora de vida né? Uma expectativa boa né? Já pensou? O caba se ressocializar através da música, é um privilégio. Regime Fechado é onde precisa mais, ali é onde tá o foco de tudo, quando chega um projeto já é outro assunto, um assunto bom, vai limpando a mente cada vez mais, quando chegava o dia das aulas os menino já ficava a noite todinha falando, “eita amanhã tem aula, qual será a música que ele vai trazer”? (Francisco Antônio, 09 de setembro de 2016).

De acordo com Cruvinel (2005, p. 80):

O ensino em grupo possibilita uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a auto compreensão, o senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança e, no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo.

As narrativas de Francisco Antônio e as reflexões dessa autora, nos mostram caminhos diferentes, porém com o mesmo destino. Francisco considera um privilégio o apenado ser ressocializado através da música e, em sua fala, demonstra traços de arrependimento, pois, em 2009, não quis participar das práticas musicais, mas, destaca a repercussão e a credibilidade do grupo de apenados em decorrência da música. No texto da autora acima citada, destacamos a relevância do convívio social, que beneficiou os apenados, no sentido da sociabilidade, pois nas apresentações “fora dos muros carcerários”, além de tocar e exibir a construção dos seus talentos, muitas vezes, eles faziam discursos para o público presente. E como nos disse o narrador, passavam a noite na expectativa positiva do dia seguinte.

2.4. O encontro com a música através do Projeto Filosofarte.

Este subtópico emergiu da necessidade de refletir sobre as consequências do encontro com a música, através do Projeto Filosofarte, desenvolvido em 2009, junto a dois apenados,

²⁸ O narrador fez alusão ao Projeto Filosofarte no ano de 2009.

hoje, ressocializados. Para elucidar alguns apontamentos desta trajetória de vida, realizamos em junho de 2010, meses depois do início das aulas, ²⁹uma série de perguntas e respostas nas quais, conseguimos obter os dados (através da escrita) da perspectiva desses apenados em relação a música no processo de ressocialização.

Antônio Marcos Gomes Monteiro e Antônio Pereira Trajano³⁰, responderam por escrito alguns questionamentos relativos ao cotidiano do Regime Fechado e à vida carcerária. Além disso, revelaram o que pensam a respeito da música, qual o interesse pelas aulas de violão; porque entraram no curso de violão. Procuramos obter informações referentes ao uso da música na vida carcerária a partir das experiências educacionais, que estavam em construção naquele momento (ano de 2010) com os apenados envolvidos com o Projeto Filosofarte.

Para este estudo dissertativo (cinco anos depois das primeiras informações), realizamos, no final de dezembro de 2015, uma sessão de narrativas com cada um deles, na tentativa de conhecer a nova realidade, que estavam construindo, com saberes, que lhes proporcionaram uma vida em liberdade, com dignidade e novas conquistas sociais, por exemplo, um emprego de carteira assinada, hoje, em Regime de Liberdade Condicional. Buscamos identificar os caminhos que lhes possibilitaram a ressocialização através da música.

No dia 09 de junho de 2010...

O que significa a música para você?

Música é o encontro de profundos sentimentos que desperta sentidos naturais, que ao tocar um instrumento musical ficamos convencidos de que precisamos viver de acordo com esses sentimentos bons que sentimos. (Marcos Monteiro).

Algo especial da cultura que tem dentro de você. Agente canta a música com a alma. (Antônio Pereira).

Segundo Montello (2004, p. 21):

²⁹ As aulas de música (Violão Popular) do Projeto Filosofarte iniciaram no dia 04 de setembro de 2009.

³⁰ Sujeitos ressocializados hoje, 2016 através da música implantada no Regime Fechado do (CPEAMN) pelo Projeto Filosofarte.

Você poderá conscientemente, praticar atividades musicais específicas que ajudam a criar o equilíbrio interior, ou deixar que uma música ou som brote de uma fonte mais profunda (improvisação), como um agente de mudança para harmonizar e transformar as energias físicas, mentais e emocionais que estão na raiz do seu problema.

Nessas reflexões, podemos encontrar sustento teórico para as descrições dos apenados relativas ao sentido da música em suas vidas e naquele ambiente. Em suma, é como se Marcos Monteiro e Antônio Pereira, confirmassem as teorias dessa estudiosa: a cura interior através da música. E, de acordo com os interesses deste estudo, afirmamos que a partir do contato com a música, os apenados começaram a refletir de forma harmoniosa. Tais transformações são decorrentes dos atos de tocar violão e cantar. Ressaltamos que suas vidas forma modificadas em decorrência das experiências harmoniosas da música e do canto.

Em 2010...

Qual é o seu interesse em aprender a tocar um instrumento musical?

Primeiro porque a música sempre esteve presente em minha vida, pois gosto muito de ouvir e ter um dia a oportunidade de conhecer suas raízes, não iria jogar fora uma oportunidade assim como essa. Pra mim, é uma grande satisfação hoje está envolvido no Projeto Filosofarte, aonde o principal objetivo, é formar músicos para o futuro. (Marcos Monteiro).

É a oportunidade de aprender a tocar um instrumento, para poder cantar músicas pro Senhor Jesus. (Antônio Trajano).

Ao observar esses escritos, percebemos os objetivos diferentes de uma mesma prática. Na primeira resposta, encontramos um sujeito interessado em dar continuidade a música em sua vida. Além disso, valoriza as atividades destinadas à ressocialização dos apenados do Regime Fechado, pois acredita em futuro promissor, através das habilidades, que estava desenvolvendo naquele momento. No segundo escrito, é notório o interesse de Antônio Pereira pela música com a finalidade de adorar a Deus. Já pertencia a uma religião e considerava as aulas de música como uma oportunidade de cultuar o seu Deus.

Na pergunta seguinte, se completam o entendimento funcional da música no processo de ressocialização desse apenado. Ao perguntar “por que entraram no curso”, obtivemos as seguintes respostas:

Em 2010...

Eu encontrei no curso a oportunidade de conhecer pessoas do meio musical, através das apresentações que fizemos e ainda vamos fazer se Deus quiser. A música me levou a aprender cada dia um pouquinho de cada coisa, ninguém nasce aprendido, mas nascemos com coisas especiais que estão dentro de nós, como ser humanos, que é o dom dado por Deus. Você aprender a cada dia sempre mais músicas é muito bom. Assim, a minha vida na música através do curso, descobri um segredo que tinha dentro de mim, e aí comecei a tocar violão e fazer músicas, agradeço a oportunidade que vocês não desistiram de nós. (Antônio Pereira).

Os benefícios obtidos por Antônio Pereira, entram em consonância com os escritos de (CRUVINEL, 2005, p. 81):

A partir da interação com o grupo, o sujeito passa a conhecer mais a si próprio e o outro, trocando experiências. Na medida em que essa interação grupal ocorre, o sujeito se sente realizado por fazer parte daquele grupo, com isso, a sua auto-estima aumenta, da mesma forma que sua produção e rendimento.

A relação com o outro se torna constante, a partir do momento em que o sujeito compartilha os mesmos sentimentos de prazer e alegria com o outro. Quando Antônio Pereira diz que, *começou a conhecer novas pessoas do meio musical*, está confirmando o sentimento de pertença a determinado grupo, que é essencial para o desenvolvimento da ressocialização do indivíduo. Sentir-se acolhido, respeitado naquele grupo e, ainda, sentir a necessidade da música como um alimento dos seus sentimentos e compreensão da divindade superior, são fatores que contribuíram para o fortalecimento de sua identidade.

Para as Ciências Sociais, o estado em que os apenados se encontram, são reconhecidos como um estado de “liminaridade”. Assim como nos escritos das inspirações de Turner (1974, p. 117-118): “[...] a liminaridade, por sua vez, seria um estado “ambíguo” e “indeterminado” em que os indivíduos escapam às classificações que determinam estados e posições num

ambiente cultural”. Ou seja, os apenados estão em um estado de total desestabilidade social, “sem pertença ao local”, suspenso das suas atividades externas, sem amigos, sem parentes, sem suas práticas cotidianas e seus costumes em liberdade. Portanto, como afirma o autor acima citado: “[...] pessoas que não se encontram, nem aqui nem lá”. Vejamos a resposta dada a mesma pergunta por Marcos Monteiro:

Em 2010...

Bem, entrei no curso de violão para preencher também um pouco da ociosidade que sinto aqui dentro. Mas, o meu interesse maior foi querer aprender a tocar violão e a cantar. Hoje já estou vivendo essa experiência, por isso só tenho a agradecer a todos e a aproveitar esta oportunidade que estou tendo agora. (Marcos Monteiro).

Nas palavras de Goffman (1974, p. 25):

Portanto, o internado descobre que perdeu alguns dos papéis em virtude da barreira que o separa do mundo externo. Geralmente, o processo de admissão também leva a outros processos de perda e mortificação. Muito frequentemente verificamos que a equipe dirigente emprega o que denominamos processos de admissão: obter uma história de vida, tirar fotografia, pesar, tirar impressões digitais, atribuir números, procurar e enumerar bens pessoais para que sejam guardados, despir, dar banho, desinfetar, cortar os cabelos, distribuir roupas da instituição, dar instruções quanto a regras, designar um local para o internado.

A falta de atividades, a tentativa de mortificar “*o eu*” na entidade do apenado, a barreira física e psicológica causada pela privação de liberdade, levam o homem a um profundo estágio de questionamentos, envolvido pela culpa e, ao mesmo, pode lhe causar novas descobertas de personalidade, como afirma Marcos Monteiro. O Sistema Carcerário tenta apagar a história do “homem preso”, como se quisesse impor sobre o indivíduo uma nova história de vida, mas sem lhes oferecer saídas para o caminho do bem, apenas, com regras e punições, que, foram instituídas pelas prisões ao longo da história. A música entra nesse contexto como uma “válvula de escape” para esses indivíduos, como afirma Marcos Monteiro³¹, para preencher um pouco da ociosidade, que domina o ambiente prisional.

³¹ Apenado morador do Regime Fechado do (CPEAMN) há cinco anos e condenado há quinze.

Em 2010, realizamos um primeiro estudo monográfico, já mencionado neste texto, no qual identificamos os efeitos “*positivos*” da música na vida dos apenados, que estavam envolvidos com as aulas de música. O objetivo era compreender a natureza humana dessas pessoas, e identificar os seguintes fatores: o tempo em relação as penas, possíveis progressões de regimes e assim, adentrar um pouco no íntimo desses sujeitos, não para buscar os motivos dos seus delitos, mas, para conhecer seus medos e esperanças numa vida “*pós-prisão*”.

Em 2010...

Conte um pouco da sua vida...

A minha vida começa a partir do dia que passei a ser um “ser” excluído do seio da sociedade, que pela minha consciência e pelas minhas atitudes me fez um réu e pela sociedade que tanto clama por justiça, hoje aqui estou, essa é a realidade. Mais diante de muitos sonhos que tenho, hoje estou participando de um curso de violão, onde só aumenta a cada dia a certeza que tenho, pois só basta acreditar e não se desviar do caminho certo, das oportunidades e não deixar os sonhos estacionados no passado, pois a ressocialização é individual, mas podemos ter alguns sonhos coletivos. (Marcos Monteiro).

Me envolvi em um assalto, por deslize do destino vim parar aqui faz onze anos que estou aqui dentro no fechado, já vim de Alcaçuz³². Já passei 11 anos aqui e falta mais 11 pro fim da minha cadeia toda, pois já estou com direito a Liberdade Condicional. Mas hoje sirvo ao Senhor Jesus e estou aprendendo a tocar para servir ao Senhor em Liberdade. (Antônio Pereira).

Neste estudo, a necessidade de expor o cotidiano carcerário e as expectativas de vidas desses dois apenados, no ano de 2010, emerge como alicerce para construir o capítulo, que se segue. De suas transcrições, extraímos pontos, questionamentos e anseios, pois eles buscavam respostas, na esperança por dias melhores. Edificaram uma nova história de vida construída a partir da “*formação de saberes através da música*” na transição dos seus regimes de detenção: fechado, semiaberto e condicional, dos quais garimparam saberes e moldes de viver para reconstruir uma nova história de vida.

³² Penitenciária Estadual de Alcaçuz - ‘Dr. Francisco Nogueira Fernandes’ Distrito de Alcaçuz, Nísia Floresta – RN.

CAPÍTULO – 3. CANTANDO A (AUTO) BIOGRAFIA DA RESSOCIALIZAÇÃO

*A gente narra, escreve e ainda faz a redação*³³

Marcos Monteiro

Diante desta frase, nosso pensamento começa a ser pulverizado questionamentos para os quais buscamos respostas para compreender o universo carcerário. O castigo físico, a privação da liberdade do homem, a privação sexual, o rompimento sociocultural, dentre outros valores perdidos e deixados do lado de fora das grandes muralhas dos presídios brasileiros, podem corrigir o homem? Convertê-lo num ser humano capaz de recomeçar e reescrever uma nova história de vida? Essas questões reabastecem nossos motores na corrida pela ressocialização de apenados através da música.

Através das Narrativas (Auto) Biográficas de Antônio Marcos Gomes Monteiro e Antônio Pereira Trajano, apenados do Regime de Liberdade Condicional do CPEMAN, buscamos em meio aos “flagelos” do corpo e da alma, identificar os pontos que serviram de metanóia na vida desses apenados. Como estão se (Auto) reconstruindo na sociedade? Que saberes juntaram pelo “caminho da ressocialização” com a ajuda da música? Existe resistência social ao “*ser*” ex-presidiário? Que retalhos ainda precisam ser costurados com a linha música?

Nessas experiências de troca de conhecimentos, percebemos uma dimensão relevante do processo de ressocialização. Quanto mais pessoas estão dispostas a ajudar, prestando apoio psicológico, mais se eleva a autoestima do apenado. Ele é o único que se encontra muito vulnerável nesse processo. Enfim, como pode o sujeito apenado, buscar forças para se mudar sozinho, responsável pela sua formação através da música, com base nas suas narrativas (Auto) biográficas? Alimentado por essas perguntas, fomos em busca desses dois apenados que se mostraram dispostos a contribuir com o processo de ressocialização e com futuras pesquisas, que venham a surgir no âmbito penitenciário do Estado do Rio Grande do Norte.

³³ Essa foi frase que (Marquinhos) nos deu como resposta, ao perguntamos se ele poderia nos contar um pouco sobre o seu processo de ressocialização.

3.1. A conquista de uma nova vida em “Liberdade Condicional”

Os sujeitos que participaram dessa narrativa cumprem pena em Regime de Condicional Antônio Pereira Trajano até 2025 e Marcos Gomes Monteiro até 2021. Neste subtópico, em forma de (Auto) narrativas, apresentamos falas, medos, história de vida e reconstrução social, dia a dia e planos para o futuro, dos quais se alimentam esses homens na busca da ressocialização. Vitórias e derrotas, na tentativa de “acertar na vida”, vivendo em uma sociedade, que exige preparo, capacitação profissional e pessoal do indivíduo. Nos dias atuais os dois narradores³⁴ anseiam sobreviver e trabalhar honestamente, “levar uma vida normal” como mostraremos mais adiante em suas narrativas. Mas, como esses homens estão se moldando às novas tendências do mercado e da vida em sociedade, depois do cárcere? Por meio da (Auto) biografia podemos mostrar essa história de transformação social.

Tudo se faz novo. É a frase que adotamos para representar o sentimento de liberdade ao transcenderem os muros do CPEAMN. Os saberes que moldaram os apenados e, os transformaram em cidadãos emancipados, ativos dos seus processos de ressocialização começaram a se fazerem presentes a partir do contato com a música. É importante registrar que, nem todos tentam se ressocializar. Muitos se perdem em seus sonhos e fantasias e, assim, não conseguem voltar à sociedade e à família, e regressam na maioria das vezes, às prisões.

Por meio da (Auto) biografia, esses apenados passaram a se reconhecer como principal responsável pela sua ressocialização. Nos escritos de Goffman (1974, p. 49), encontramos a descrição de um espaço prisional.

A mortificação ou mutilação do eu tendem a incluir aguda tensão psicológica para o indivíduo, mas para um indivíduo desiludido do mundo ou com sentimento de culpa, a mortificação pode provocar alívio psicológico. Além disso, a tensão psicológica frequentemente criada por ataques ao eu pode também ser provocada por questões não-percebidas como ligadas aos territórios do eu – por exemplo, perda do sono, alimento insuficiente, indecisão crônica.

As desilusões causadas pela quebra de personalidade com a mortificação do “eu”, como nos afirma o autor acima, pode causar no indivíduo danos psicológicos irreparáveis. As tensões e conflitos, na busca muitas vezes, por alimentos um pouco mais digno, o homem

³⁴ São apenados do Regime de Liberdade Condicional, como já foi citado antes.

precisa se moldar e se reinventar dia a dia dentro da prisão. A invasão de privacidade, melhores instalações prisionais, mais celas, não vamos discutir neste texto, pois, julgamos desnecessário para tanto. Mas, as reflexões e as histórias de vida em formação desses apenados, serão nossas lentes principais. Então vamos às narrativas, transcrições e análises de Antônio Marcos Gomes Monteiro sobre, seu processo de formação de “*saberes sociais*” através da música.

As narrativas (Auto) biográficas desses apenados podem ser uma “saída de emergência”, na qual, a sociedade passe a usar como referência para mudar o olhar sobre o ambiente carcerário do CPEAMN como um espaço de formação de *outros saberes*, que contribuíram para o processo de ressocialização, comportamento coletivo³⁵, coletividade³⁶, e autonomia³⁷ dos sujeitos e esses, apontamos como essenciais para a “transformação social” do sujeito em cárcere privado.

Para refletir conosco sobre as Histórias de Vida, (Auto) Biografia, Narrativas Orais, (Auto) Formação e Transformação Social do homem como ser responsável pela sua história, citamos Josso (2010, p. 68):

Alguns tomam também consciência de que a objetividade da narrativa é uma ilusão e de que o interesse da construção do percurso reside precisamente no seu caráter eminentemente subjetivo; isso, visto que se trata de conhecer e compreender os significados que cada um atribui ou atribuiu em cada período da sua existência aos acontecimentos e situações que viveu.

Esse pensamento é necessário ao nosso discurso, porque precisamos conhecer as histórias de vida de cada um deles e identificar os momentos das suas vidas que foram cruciais no processo de reconstruir a própria identidade, o mesmo que se dizer: ressocialização, ou *novo eu* que, mesmo privados de liberdade, oportunizou a construção de novas possibilidades dentro do espaço prisional. Os ensinamentos, aos quais eles se reportam sempre em suas narrativas, mostram o valor real da música para esses sujeitos. É o valor que

³⁵ O comportamento coletivo é um tipo geral de comportamento social que ocorre em massas e multidões. Uma multidão é qualquer conjunto temporário de pessoas que se encontram por acaso, no mesmo local ao mesmo tempo, de modo que uma pode afetar a outra. (JOHNSON, 1997, p. 44)

³⁶ Consiste de pessoas que se consideram pertencentes a uma mesma unidade social. A coletividade carece de padrões regulares de interação entre seus membros. (JOHNSON, 1997, p. 42).

³⁷ Para Paulo Freire, autonomia é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. <http://xanpedsul.faed.ude>. (Dicionário Paulo Freire. Autêntica, 2010).

cada um agrega ao seu momento de *liminaridade*, se transformaram em saber subjetivo que cada um atribui a suas vivências.

Nas palavras de Josso (2010, p. 70):

Tomada na sua globalidade, a narrativa articula períodos da existência que reúnem vários “fatos” considerados formadores. A articulação entre esses períodos efetua-se em torno de “momentos charneira”, designados como tal porque o sujeito escolheu – sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou na sua maneira de pensar o seu meio ambiente, e/ou de pensar em si por meio de novas atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particulares intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais (familiares, profissionais, políticos, econômicos).

Não podemos descrever todas vivências do cárcere, porém citamos alguns momentos nos quais eles se sentiram obrigados a reescrever uma nova história de vida a partir do que tinham em mãos. São os reencontros “consigo mesmo”, que a autora acima citada descreve. Conforme o dito popular: *aproveitar as oportunidades*, porque mesmo em meio aos conflitos do dia a dia carcerário, souberam extrair saberes, que os levaram à ressocialização. As narrativas (Auto) biográficas conduzem o homem a momentos da sua existência passada nas quais não conseguiu enxergar na positivo, e, ao *mergulhar para dentro si*, o sujeito é convidado a entrar na sua história com um novo olhar, o olhar da (Auto) formação.

Como era o Regime Fechado antes do Projeto Filosofarte?

Era algo mais fechado. Falo fechado, não por estar no regime, mas, porque não tinha nenhum tipo de ação de nada. Nem da parte do Governo do Estado, nem da parte da penitenciária. Após a música entrar ali, pelo menos particularmente pra mim, eu tive a música como um horizonte, e encaixei ela nos meus sonhos. Então, entre os sonhos e os horizontes, abriram-se portas, como eu sai sem algemas, fiz vários cantos, fizemos várias apresentações, quer dizer, pra mim não teve outra coisa a partir daquele momento, a música foi a principal coisa no meu processo de transformação. Tá entendendo? A gente saía, a priori, sem tanta discriminação, ia pra todo canto, “de boa”, expondo nossa vontade de mudar, mostrando pra cada membro da sociedade que também nós somos capaz, e o quanto a música foi fluente a isso. Eu tenho a música como muito importante, quando chegava abriam-se as portas, algemas caíam. Como você viu, no teatro tava minha família, na faculdade tinha um pedaço de mim, tava ali me

apoiando. Em todas apresentações, nós comovemos pessoas, lágrimas desceram do rosto, quer dizer, quem deu confiança a gente, nós também mostramos porque merecemos confiança, é tanto que eu estou aqui né, oh! Cadê as algemas? Isso foi a música cara. A música resume todo o universo, e nós somos o universo. (Marcos Monteiro).

Com este depoimento estão respondidos quase todos questionamentos, deste estudo. As narrativas de Marcos Monteiro revelam o novo jeito de ver sua personalidade através da música. Em sua história de vida, Marcos chama atenção para dois pontos: a inexistência de ações ou projeto de ressocialização por parte dos responsáveis pelo sistema carcerário e a ideia de que a ressocialização depende de cada um e do apoio da família. Conforme já citamos, o Brasil possui a 4ª colocação quando o assunto é população carcerária mundial. Diante desses dados, não podemos pensar em reeducação carcerária através da música para todos os presídios do país. A música pode ressocializar? Assim como fez com Marcos Monteiro? Será que a ressocialização se dar apenas pelo sonho como cita o narrador?

O que é um *ser capaz*? Podemos responder com base nas reflexões de Freire (2005, p. 85): “[...] desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se “apropriam” dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles. O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e de busca” (grifos do autor). Nas narrativas de Marcos Monteiro, percebemos tal transformação, como ele afirmou, *expondo nossa ade de mudar*. Ou seja, é uma busca que parte da subjetividade de cada um, pois o apenado começa a enxergar como uma via de duplo sentido: sua vontade de se transformar e voltar a sociedade; que começa a vê-lo como disposto a refletir e a mudar seus atos sociais.

Nas palavras de Cruvinel (2005, p. 52): “[...] por meio da música, sentimentos seriam expressos, havendo a libertação de ideias e emoções não reveladas no discurso comum. A função da música teria lugar no desabafo dos conflitos sociais.” O sentimento de pertença à sociedade é revelado por Marcos Monteiro, no momento em que ele destaca a importância da família em seu processo de ressocialização. “*Muitas lágrimas caiam*”. “*Ali está um pedaço de mim*”. Expressa o seu desejo de reversão social, e, também, estar junto à família.

Outro ponto que deve ser considerado nessa narrativa é o poder de comunicação da música mencionado por Marcos Monteiro. Através das expressões emocionais (*choro e lágrimas*) da plateia, e de todos ali presentes, a música emerge em forma de aliada no processo de ressocialização desse sujeito. Nas palavras de Montello (2004, p. 28): “quando

nos abrimos para a música do coração, somos compelidos a agir por amor e compaixão, frente a nós mesmos e aos outros”. O momento comum vivido por todos³⁸ e que se faz vivo nas lembranças do narrador, foi importante no seu ponto de vista, por causa da ação do público diante dos apenados: aplausos, fotos, entrevistas cedidas aos jornais locais, inclusive com matéria de capa no dia posterior, lhes trouxe acolhida e uma sensação de perdão da sociedade.

Josso (2010, p. 70) afirma: “ [...] a descontinuidade que vive impõe-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo, ou o que mobilizou a si mesmo para se adaptar à mudança, evita-la ou repetir-se na mudança”. Ao visitar suas memórias, Marcos Monteiro se emociona quando lembra dos momentos vividos no cárcere, e afirma que a música o colocou acima das barreiras e desafios: *pra mim não teve outra coisa a partir daquele momento*. As perdas e ganhos citados pela a autora acima, levou Marcos a refletir sobre a sua situação no cárcere e se tornasse um “ser” conscientes de suas ações.

Nas palavras de Josso (2008, p. 26):

Com efeito, quando se aborda a vida das pessoas, na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais se exprimem e as múltiplas facetas que elas evocam de seus percursos, é muito difícil, não tomar consciência de sinergias, psicológicas, sociológicas, antropológicas, sociohistóricas, espirituais, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, então, da identidade.

Vários fatores devem ser considerados diante das narrativas de Marcos Monteiro: em sua história de vida buscamos alguns aspectos de transformação social, que fortaleceram seu processo ressocializador; de acordo com as palavras da autora acima citada, pelas múltiplas facetas vividas pelo narrador durante a “liminaridade carcerária”; fatores que envolvem as mudanças de consciências e personalidade do indivíduo no ambiente prisional, (espaço, rotina do cárcere, projetos sociais, convivência em grupo, progressividade da execução penal). Os apenados contam os dias para a progressão de regime, além disso, anseiam, “o acolhimento social³⁹”.

Ainda neste subtópico, enfatizamos *a conquista de uma nova vida em liberdade condicional*, vivenciada nos dias de hoje, mas, que teve o mesmo tempo de “aulas de música”, assim como, Marcos Monteiro. Antônio Pereira Trajano, reside na cidade de Assú – RN,

³⁸ O narrador está se referindo na apresentação realizada pela 1ª amostra cultural realizada pelo Projeto Filosofarte no Teatro Municipal Dix-Huit Rosado de Mossoró – RN, realizada no dia 23 de abril de 2010.

³⁹ Neste texto, tal expressão refere-se à reação da sociedade ao sujeito apenado.

exerce a profissão de motorista em uma empresa local, pois, de acordo com as narrativas, considera-se um ser humano ressocializado.

Nas reflexões de Josso (2008, p. 31):

A consciência de ser (ativa ou passivamente) sujeito de sua história, mediante todos os ajustamentos que foi preciso fazer, permite dimensionar o desafio de toda formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser em devir, e a sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem ou as que se possa imaginar (ex. as famílias reconstituídas).

Em consonância com essa autora, colocamos mais um tópico: *a ressocialização*, pois estamos falando de homens que garimpam sua ressocialização em meio a tantos conflitos sociais do dia a dia carcerário. Podemos atribuir valores humanos a esses sujeitos e fugir das estatísticas prisionais do Brasil, exige do próprio apenado, esperança, firmeza e transformação social durante o processo de ressocialização ao longo da pena. A responsabilidade de reconstruir uma nova história de vida, pela música, religião, família e educação são fundamentais no processo de ressocialização do indivíduo.

Como você sentiu a reação da sociedade depois de onze anos no cárcere?

Quando eu cheguei aqui, (Assú – RN) eu via que algumas pessoas não acreditavam que eu estava disposto a mudar de vida né? Só o pessoal da minha Igreja⁴⁰ era quem acreditava em mim. Ainda hoje acreditam, porque a gente sabe que só Deus pode mudar a vida do homem dessa forma, quer dizer, a sociedade ela não pode mudar a vida de ninguém. Porque não chega ninguém pra lhe ajudar. Quem é que vai dar um emprego a um ex-presidiário? Entendeu? Eu me mantive sempre na Igreja junto com a minha esposa, tirei uma carteira de motorista nova, e sempre pedindo a Deus um trabalho, um emprego né? Aí um certo dia falei com um rapaz que trabalhava nessa empresa que estou hoje, e um dia eu estava em casa e de repente o telefone tocou e deu certo né? Tô até hoje, e todo mundo lá sabe da minha história. Eu lembro que no começo, houve até assim, um comentário, mas, graças a Deus isso passou. Tinha até uns que comentava, os motorista mesmo, porque tinha alguns que me conhecia do tempo velho, e não sabia que Deus tinha mudado a minha vida né? Um dia teve até um comentário assim: mas rapaz, tanta gente desempregada por aí e deram logo um emprego a um ex-presidiário! Eu sei disso porque o mesmo cara que me botou

⁴⁰ Trajano pertence a uma denominação religiosa evangélica há vários anos. Foi convertido na prisão.

lá me falou, né? E hoje eu tenho minha carteira assinada, tenho meu salário todos os meses, graças a Deus. Teve até um dia lá que um chegou a me questionar na frente dos outros né? Mas graças a Deus estou firme até hoje. Hoje sou chamado pra louvar a Deus nas igrejas, dar testemunho, só não tô levando o violão por causa desse acidente aqui né? Não posso trabalhar e nem tocar, mas é só melhorar que eu volto a tocar se Deus quiser. (Antônio Trajano).

As narrativas referem-se a uma “nova história de vida”. Entretanto, precisamos nos aprofundar um pouco mais das narrativas (Auto) biográficas de Trajano para compreender sua construção de saberes ao longo do seu percurso ressocializador. Essa compreensão de “si” mesmo, se desdobrou em vários momentos de angústia e medo dos quais, se viu obrigado a enfrentar no durante a caminhada rumo a sua ressocialização. Através das suas narrativas, começamos a identificar alguns pontos de formação que foram cruciais durante sua ascensão social.

Conforme Josso (2010, p. 43):

A qualidade essencial de um sujeito em formação está, então, na sua capacidade de integrar todas as dimensões do seu ser: o conhecimento dos seus atributos de ser psicossomático e de saber-fazer consigo mesmo; o conhecimento das suas competências de compreensão, de explicação e do saber-pensar.

A capacidade de cada ser humano enxergar e compreender o mundo e o outro são peculiaridades em potencial de cada um de nós. As descobertas vão se revelando na caminhada da inclusão rumo à ressocialização, pois as qualidades citadas acima completam e isso, por causa das qualidades, que segundo a autora acima citada, completam nossa personalidade no saber-fazer consigo mesmo. Para compreender o outro, da forma que o mesmo chegou, precisamos de uma base emocional compreender nossas angústias e nossos medos, o que nos permite ver o outro à nossa volta na real situação social em que o mesmo venha a se encontrar vulnerabilidade.

Uma das primeiras perguntas que Trajano fez a si mesmo foi: “quem vai dar um emprego a um ex-prisioneiro? ”. Na sua compreensão, leitura de mundo, depois de ter construído uma ressocialização na prática, buscando formação em todas as oportunidades que lhes eram oferecidas como ressocialização, Trajano construiu um novo modo de olhar o mundo e o *outro* dentro da prisão. Quando se viu rejeitado pela grande maioria das pessoas ao

seu redor, buscou na religião uma maneira de se manter firme no seu propósito, conforme o que está também, descrito em outros textos: a exemplo podemos citar: “*quando eu sair daqui eu vou arrumar um emprego pra mim*”⁴¹. Para isso se manteve motivado a buscar alternativas de mudar sua história de vida. Igreja, trabalho, amigos, música e oração, foram as bases da ressocialização de Antônio Trajano.

Nas palavras de Josso (2010, p. 83/84):

“*Caminhar para si*”, sugere que se trata, de fato, da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir seu itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que lhe permitem não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um.

O bom da viagem é a viagem. É a frase que resume essa reflexão. O “*caminhar para si*” passa a ser compreendido como agente de formação de saberes, pela sua capacidade reflexiva, no encontro com o nosso *eu*. Ao rebuscarmos encontros e acontecimentos, que causam choque em nosso pensamento ressocializador, afirmamos que nas palavras de Antônio Trajano e, também, pelas narrativas de (Auto) formação do segundo sujeito deste estudo, Marcos Monteiro, as narrativas assumem a proa do discurso formativo. As narrativas desenvolvem papel de agente de (Auto) formação, devido aos questionamentos que o ser humano começa a fazer para si próprio, (momentos da sua vida que somente ele é conhecedor) e, ao mesmo tempo, é um sentimento vivido coletivamente em sociedade, pois envolve pessoas, familiares e o espaço em que o sujeito vive.

Nos dias atuais, a estrutura política do Brasil não permite que a maioria da população pense e reflita sobre as condições dos presídios: o dia a dia; a alimentação; e estado de saúde das pessoas. Diante desse contexto, precisamos conhecer melhor o universo prisional e lutar pela garantia dos direitos de cidadania das pessoas que lá se encontram e, principalmente, em relação à ressocialização de apenados.

⁴¹ Trecho de fala retirado de outra sessão de narrativa que não será exposta neste texto.

Marcos, o que você percebeu nas pessoas quando saiu do presídio?

Ao retornar a sociedade houve aquele impacto na minha mente, eu tinha feito muito cursos lá dentro, eu lembro que tudo que aparecia eu era o primeiro a me escrever. Comecei a colocar os currículos num bocado de canto, aí fui selecionado pra trabalhar né? Onde estou até hoje, graças a Deus eu não vi tanta rejeição não, foi mais assim, de mim mesmo tá entendendo? Eu fiquei confuso pelo que o povo dizia né: homi quem vai dar emprego a preso? Você é doido? Hoje eu me considero um cidadão ressocializado. Não pelo sistema prisional, mas, por mim mesmo. Por muitas coisas que eu pude aproveitar, enquanto tava preso. Não a sociedade que faz você ver tudo, é preciso a pessoa também querer mudar. O primeiro passo, é ver que tava errado e que aquilo que você fazia não dava certo. Hoje, como eu tenho a música fica tudo mais fácil, quando eu pego o violão e fácil qualquer arranjo todo mundo gosta, porque eu realmente aprendi entende? Não foi dentro de uma escola, na parte mais nobre da cidade, mas, foi num lugar onde alguém sensibilizado pela música e por uma questão de confiança na gente, saiu da sociedade pra ir ajudar a gente. Se os governantes conseguissem ver isso aqui, com certeza, a música seria levada mais a sério no processo de ressocialização da gente, entendeu? (Marcos Monteiro).

Nessa narrativa, vários pontos levam à reflexão: Marcos Monteiro afirma que se ressocializou por si só. Por quê? O que ele consegue ver fora da prisão, hoje, é condizente com suas ações ainda em cárcere foi relevante, pois cruzamos as suas narrativas de 2010 com as de 2015, e conseguimos identificar pontos comuns. Marcos sempre buscou se ressocializar, em meio aos problemas existentes no cárcere, independente das condições adversas, que povoam o universo carcerário.

Perguntado sobre quais foram os motivos ele acreditava na música como ressocialização ainda em regime fechado (2010), respondeu: *acredito porque a música é obra da natureza e eu vou aproveitar pra conhecer as suas raízes, não posso jogar fora essa oportunidade.* E continua: *também pra preencher um pouco da minha ociosidade aqui dentro.* (Marcos Monteiro). Podemos concluir alguns pontos nessas duas narrativas, primeiro porque em nenhum momento Marcos desistiu da sua ressocialização. Segundo, encontrou na música a oportunidade de se ressocializar e mudar de vida, e por último, de conhecer e explorar seu lado artístico através da música.

Nos dias de hoje, não vive da música, mas faz uso dessa habilidade nos momentos de lazer ao lado da família e de amigos. Se voltarmos um pouco no texto, veremos que ele

preparou uma espécie de curriculum para o pós-pena, pois soube aproveitar e se beneficiou de todas as oportunidades emergentes de ressocialização, tanto no Regime Fechado e CPEAMN. Para os resultados deste estudo, é primordial o apoio da família do apenado em sua reestruturação social, Marcos Monteiro destaca os momentos vividos ao lado da família durante a execução da pena.

Um fragmento dessa narrativa chama nossa atenção: como os apenados se veem diante da sociedade no momento da nova inserção. Marcos falou do *impacto na minha mente*, Goffman (2009, p. 60), afirma: “[...] quando descobrimos que alguém com quem lidamos é um impostor, um rematado velhaco, estamos descobrindo que ele não tinha o direito de representar o papel que desempenhava em sociedade”. Esse medo assombra os apenados, quando deixam as prisões e buscam trabalho de forma digna. O apenado se vê diante desse dilema: conta quem realmente é, ou se assume “o papel de impostor” para conseguir trabalho. Em nosso país, não existe uma política eficaz de reintegração social de apenados, para que ao sair, sintam-se acolhidos pela sociedade de forma digna e humana.

Vários relatos e noticiários informais exemplificam casos de apenados que estavam trabalhando, mas ninguém conhecia suas histórias de vida e, em muitos casos, são apenados que buscam se reintegrar com a sociedade. Quando são “descobertos”, mesmo sem nenhum tipo de atitude suspeita, estigmatizam esses sujeitos e os demitem. Em muitas empresas, os dirigentes não discutem esse assunto e, não oferecem a mínima oportunidade de trabalho para alguém recém-chegado de uma prisão. As narrativas desses dois protagonistas revelam que eles buscam um trabalho de carteira assinada como possibilidade de ressocialização, como se fosse uma forma de se valorizar e afirmar seu acolhimento pela sociedade.

Nas palavras de Freire (1979, p. 8):

Pode-se pensar, diante desta afirmação que estamos numa espécie de beco sem saída. Porque se a realidade, criada pelos homens, dificulta-lhes objetivamente seu atuar e seu pensar autênticos, como podem, então, transformá-la para que possam pensar e atuar verdadeiramente? Se a realidade condiciona seu pensar e atuar não-autênticos, como podem pensar corretamente o pensar e o atuar incorretos?

Essas palavras reforçam nosso olhar sobre o sujeito que tenta se ressocializar por si só em meio as “tradições estigmatizadoras”, que foram instaladas na cultura brasileira nos últimos tempos. Ou seja, *o medo de dizer em sociedade que estava preso*. Por mais discutido

e refletido que seja o contexto prisional, nos dias de hoje, as narrativas de Marcos Monteiro, destacam a carência de oportunidade no CPEAMN. Com um número acima do máximo permitido sempre, os presídios espalhados pelo país, padecem de ações e projetos educacionais, que busquem recuperar a subjetividade e a humanidade de cada sujeito encarcerado. Proporcionar a oportunidade de descobrir talentos e lapidar profissões e outras habilidades são direitos assegurados pela LEP, pois o único direito retirado do *ser delinquente* é a sua liberdade, os demais devem ser mantidos.

Contar a sua história de vida te ajuda a mudar?

A pessoa pode pensar assim: opa, eu fui tão discriminado e humilhado, pra quê falar? Mas, muito pelo contrário, jamais eu vou ter receio nenhum de falar, eu acho que a confiança tem que existir. Eu só posso fazer alguma coisa, superar alguma coisa, quando eu passo a confiar em mim mesmo. Porque, se eu começar a privar ela, ela vai ficar bem menor, bem menor, bem menor, até o ponto de não mais existir, entendeu? Cada vez que eu conto a minha história, a minha confiança e a autoestima sobe, entende? Dentro do Sistema Prisional eu fiquei pobre. Porque eu era bem estruturado e o sistema durante nove anos me tirou tudo que tinha, tá me entendendo? Mas, quando você começa a demonstrar pra o sistema que está querendo mudar, que está buscando melhorar seu comportamento, você começa a receber, também, incentivos do próprio sistema. Consegui uma vaga no supletivo, e concluir o meu segundo grau, o que também contribuiu bastante nesse meu processo. Eu jamais me incomodei com as coisas ruins e as perseguições que eu sofria, sempre eu olhava pra frente, pensava sempre no positivo, que eu ia conseguir e, estou lutando né? Estou conseguindo, como você pode ver. Eu lembro de quando a gente chegava das apresentações na rua, o pessoal vinha nos encontrar e sempre perguntavam: e aí como foi lá, tinha muita gente? Viu fulano? Então sempre que eu me lembro disso dou graças a Deus pela sorte que tive, porque muitos ainda estão lá, infelizmente. Porque no presídio sempre você vai estar sozinho, mesmo tendo vários companheiros de cela, sempre acaba sozinho, porque aos poucos vai mudando, todo dia um é transferido, entra um, sai outro, entendeu? Então sempre a gente deve buscar nossa ressocialização só, independentemente de qualquer pessoa. (Marcos Monteiro).

Nas reflexões de Josso (2010, p. 84):

O que está em jogo nesse conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências,

ao longo da vida, mas sim tomar consciência de que esse reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo, conforme as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade.

Nas palavras da autora e na narrativa de Marcos Monteiro, compreendemos melhor o processo de conscientização do sujeito por meio de sua história de vida. Os desafios enfrentados no espaço prisional transformaram o narrador em um agente ativo da sua ressocialização. Um fato nesse discurso deve ser enfatizado: *a singularidade*, presente o tempo inteiro nas narrativas do apenado. A autora acima citada, considera de extrema importância para a formação do sujeito, a sua tomada de consciência, compreendida como a maior influenciadora da (Auto) formação humana pois, o encontro do sujeito com sua subjetividade, torna possível a manifestação de algumas mudanças de vida.

O que Marcos está querendo dizer *a partir do momento que você mostra ao sistema que está querendo mudar?* Em meio a tantos conflitos sociais e psicológicos existentes no espaço prisional, conseguiu projetar um futuro melhor, que se tornou sua fonte de energia. No entanto, o que para muitos apenados do regime fechado do CPEAMN era visto de forma negativa, ele enxergava de forma positiva, ou seja, estava determinado a mudar de vida a partir das possibilidades imaginadas por ele, em uma liberdade por vir, através da música. *“Eu fiquei pobre dentro da prisão”*, coloca o apenado num patamar de total desilusão, mas conseguiu alavancar forças para o enfrentamento das dificuldades e encontrou alternativas para superar a “liminaridade” carcerária.

A combinação de constrangimento com margem de liberdade, ditos anteriormente por Josso (2010), talvez tenha beneficiado a ressocialização de Marcos Monteiro. Ele viu oportunidades nas músicas, e soube se beneficiar cada ação que o Projeto Filosofarte. Por exemplo, a progressão do Regime Fechado para o Regime Semiaberto, que se deu pela sua dedicação e empenho nas atividades e práticas do projeto, dentro e fora do presídio. A ressocialização é um direito garantido por lei e deve ser garantida a todo cidadão encarcerado, independentemente, da sua condição social e do presídio. O que o homem perde, segundo a

LEP é o seu direito de ir e vir em sociedade, os demais direitos devem ser garantidos, conforme já citamos.

A ressocialização de Marcos Monteiro está em processo de consolidação até 2025. Muitas dificuldades aparecerão, portanto, é necessário que ele seja firme e confiante, na busca pela sua liberdade plena, no tocante ao trabalho, emprego, apoio e compreensão da família. *Eu fui tão discriminado e humilhado, pra quê falar?* Nesse trecho, surgem lacunas com inúmeras possibilidades de respostas. Na (Auto) biografia, esse apenado começou a se sentir importante, e afirma que a sua história de vida poderia ajudar a contribuir com a formação de alguns apenados. Segundo ele, quando se trabalha em cima da própria história, a autoconfiança passa a ser a maior beneficiada.

De acordo com Josso (2010, p. 86):

Elaborar a sua narrativa de vida e, a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que se torna autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectiva dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal.

Em consonância ao pensamento dessa autora, quando o sujeito começa a juntar alguns fatos e acontecimentos que marcaram sua vida e tenta redirecionar sua trajetória, surge mais um ponto relevante desse processo: “as marcas ruins do passado”. Tais marcas, podem unir forças e evitar a repetição de alguns erros cometidos no passado, o que facilita o processo ressocializador. A projeção da “imagem futurista” do pós-pena é articulada e trabalhada na vida do apenado, durante a prisão, por isso a ressocialização é um benefício também para todos.

Goffman (1974, p. 66), afirma: “[...] toda instituição total pode ser vista como uma espécie de mar morto, em que aparecem pequenas ilhas de atividades vivas e atraentes. Essa atividade pode ajudar o indivíduo a suportar a tensão psicológica usualmente criada pelos ataques do eu”. Nessa perspectiva, a maioria da população do CPEAMN, não tem acesso a nenhum tipo de projeto ressocializador, ou seja, vive no mar morto. Mas acontecem algumas ações de ressocialização, o que tem contribuído para transformar a vida de muitas pessoas que lá se encontram. Como podemos compreender o universo total dessa instituição? Ou melhor,

devemos dizer que os apenados não mudam de vida porque não querem? Não. Independente, da situação em que se encontre o presídio, a ressocialização deve ser trabalhada e pensada como um direito de todos os apenados. A ressocialização não deve ser vista como uma pequena ilha num “mar morto”.

De acordo com Foucault (1974, p. 133), “ [...] a prisão foi o grande instrumento de recrutamento. A partir do momento que alguém entrava na prisão se acionava um mecanismo que o tornava infame, e quando saía, não podia fazer nada senão voltar a ser delinquente”. Isso reflete nos dias de hoje em nosso meio social. Desta forma, a sociedade retira o direito de se reconstruir dessas pessoas, como se não fossemos passivos de erros. A privação de liberdade deve ser vista como uma prática de recolhimento do homem, comprovada a sua participação em alguma ação dolosa à sociedade e não como uma ação social vingativa.

A música mudou a vida desse apenado como atestam suas narrativas feitas em liberdade condicional, pois participa de práticas religiosas, convive em família, trabalha com a Carteira de Trabalho Profissional (CTP), assinada, circula livremente na cidade, se beneficia dos sonhos e esperanças, que cultivou desde o cárcere. Mas, como disse o pensador citado anteriormente, acontecimentos vivos e atraentes podem ser desenvolvidos no espaço prisional. Na vida de Marcos, a música iluminada pelas lentes da “educação freiriana”, tornou-se uma educação musical, que liberta com amor e tira o homem do estado de opressão e o coloca em um patamar de transformação social, no qual assume o papel de responsável pelas suas ações e pela sua vida.

3.2. A música como instrumento de formação humana.

Nesta parte do texto, apresentamos alguns trabalhos relativos à ressocialização e à transformação social de pessoas que se encontravam às margens sociais e que tiveram suas vidas redirecionadas por ações educacionais similares. Além disso, embasaremos nossas reflexões sobre as narrativas de Marcos Monteiro e Antônio Trajano para compreender a *ressocialização e música, como ponte de transformação humana e social dos apenados do Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio*.

Inicialmente, citamos o texto de Flávia Maria Cruvinel, 2005, resultante da sua Dissertação de Mestrado na Universidade Federal de Goiás – UFG. No texto: “Educação Musical e Transformação Social – uma experiência com ensino coletivo de cordas”, apresenta os resultados de um trabalho realizado durante alguns meses com um grupo de adolescentes

em zona de risco social da cidade de Goiânia – GO, o que trouxe resultados positivos para essa temática. Na ocasião, a autora usou a música como ferramenta educativa no combate a situação de risco social vivenciada pelos alunos. Tinha como objetivo introduzir a metodologia de ensino coletivo de cordas em sua cidade e promover a iniciação instrumental do aluno, de maneira lúdica, pois considerava sua amplitude na formação coletiva do ser humano.

De acordo com Cruvinel (2005, p. 230): “[...] o educador musical deve propiciar ao sujeito ferramentas para, a partir do conteúdo trabalhado em sala de aula, leva-lo a se situar no mundo em que vive, trazendo-lhe o saber para a sua vida real, para seu cotidiano”. Sob tal ótica, podemos dizer que a música pode transformar o que Freire (1979, p. 105), denominou de “consciência mágica”⁴², em consciência crítica. A primeira escraviza e retira do homem todas as suas possibilidades de superação e a segunda molda o homem dentro da sua condição real, na qual assume a liderança das suas ações em sociedade. Assim, o ser humano assume o papel de ator dentro do espetáculo da vida, com uma filosofia de mundo embasado na coletividade.

Identificamos outro trabalho nesta temática: “ressocialização”, também em nível dissertativo de Stella Maria Gomes Tomé, publicado em 2011 – *O processo de reinserção social de apenados: uma análise comparativa de trajetória de vida*, no qual a autora discute a baixa efetividade de programas de reeducação do detento e o estigma enfrentado pelos ex-detentos no Brasil. A autora faz um estudo comparativo com apenados de um regime de reclusão comum, e um regime de reclusão que desenvolve atividades voltadas para ressocialização. Na ocasião, a autora cita resultados satisfatórios baseados nas histórias de vidas dos apenados, no processo de reintegração social no Estado de Minas Gerais.

Cruvinel (2005, p. 233), afirma: “[...] a cada nova situação, a cada novo conflito, a cada nova discussão, tecia-se uma rede de questionamentos: o que estava por trás de cada expressão, de cada reação, de cada atitude, de cada sentimento?” Em todas as situações vividas no cárcere, podemos extrair novos olhares. Mas, onde costumamos tais retalhos às experiências do Projeto Filosofarte? A relação se dá através do amor, da vida que está por trás das mesmas grades de isolamentos, dos mesmos questionamentos dos apenados do nosso país, como superar a opressão do “eu” e buscar a liberdade em plena sanidade?

⁴² É próprio desta consciência o fatalismo, que leva ao cruzamento dos braços, a impossibilidade de fazer algo diante do poder dos fatos, sob os quais, fica vencido o homem. Freire (1974, p. 105).

Não são respostas fáceis, portanto, precisamos querer ver soluções para retirar esses homens com vida dos escombros presidiários de todo Brasil. Os presídios federais são construídos com padrões diferenciados. Os apenados são trancados e isolados totalmente, sem nenhum contato externo, o que inviabiliza quase que na totalidade, o desenvolvimento de ações ressocializadoras com apenados do sistema penitenciário federal do país. A discussão aqui apresentada foca o contexto penitenciário do Rio Grande do Norte, um pouco do contexto brasileiro e por último, em especial o CPEAMN.

Neste contexto, sentimos a necessidade de aprofundar nossas reflexões em torno da música como agente de formação humana e de ressocialização. Nas narrativas dos apenados e dos funcionários do *lócus* da nossa pesquisa, não identificamos nenhuma ação ou projeto de ressocialização, que tivesse como objetivo central a formação e/ou transformação social através da música. Com o encerramento das atividades do Projeto Filosofarte, em junho do ano de 2011, as práticas musicais no complexo não ganharam forças para erguer novas turmas, conforme comprovam as narrativas dos membros efetivos, apresentadas no capítulo anterior deste texto.

A ressocialização que buscamos com as práticas do Projeto Filosofarte foi alcançada. Com bases nas narrativas dos apenados deste estudo, consideramos que a ressocialização através da música foi eficiente, no entanto, quando comparamos com a quantidade de detentos, percebemos que, nossa ação não ganha muito peso social. Porém, quando consideramos o ser humano como uma micropartícula social, os resultados e a mudança de vida de Antônio Marcos Gomes Monteiro e Antônio Pereira Trajano, tornam-se estímulos para novas ações musicais de cunho ressocializador no CPEAMN.

A música sempre foi utilizada com fins educativos ao longo da história da humanidade. Nas análises de Merriam (1964) apud Cruvinel (2005, p. 54), “[...] a música pode ser usada para a *validação* das instituições sociais e dos rituais religiosos, na preservação da ordem, no desgaste de um conflito ou frustração de longo prazo”. A música transpassa o tempo por causa da sua força de formação, e pode levar o ser humano à formação no âmbito individual e coletivo. Pode, ainda, lapidar o homem a partir da valorização do seu meio cultural e lhe proporcionar uma formação musical embasada nas letras de “canções cotidianas”, que representam sentimentos de felicidade, alegria e/ou tristeza. Dessa forma, promove mudanças comportamentais a partir do sentimento de pertença grupal.

Dando prosseguimento à reflexão formativa através da música, encontramos vários contextos que contemplam a diversidade de formação. Dessa forma, torna-se explícita a

necessidade do educador musical buscar ferramentas, que promovam o bem “estar social” e cultural do ambiente prisional, sobretudo, no tocante ao despertar musical dos apenados. Neste contexto ressocializador, a música, é um forte aliado do processo formador do ser humano e da reconstrução da cidadania entre os encarcerados.

Ainda sobre o olhar de Merriam (1964) apud Cruvinel (2005, p. 51), A música foi categorizada em dez funções:

1) Função de expressão emocional; 2) Função de prazer estético; 3) Função de divertimento; 4) Função de comunicação; 5) Função de representação simbólica; 6) Função de reação física; 7) Função de impor conformidades a normas sociais; 8) Função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos; 9) Função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; 10) Função de contribuição para a integração da sociedade.

Tais funções são compatíveis com o ponto de vista formador do pensamento e do comportamento humano. Mas, ressaltamos algumas funções para embasar os princípios, que julgamos essenciais à formação de saberes através da música: funções 1, 4, e 10 que tratam, diretamente, das ações credenciadas para este estudo. Nas práticas do Projeto Filosofarte, sempre havia muitos choros, o que sinalizava aspectos emocionais que se erguiam a cada dia. A função comunicativa: devido ao poder de alcance, que havia nas apresentações musicais realizadas ao longo das ações, as letras das canções contagiavam o público interno e externo, (todos cantavam juntos). E por último, a contribuição da integração social: essa função social foi mais beneficiada pelas nossas ações, pois o comportamento coletivo do “Pavilhão II” foi satisfatório durante as ações musicais do projeto.

Como era sua relação com a música antes da prisão?

Antes eu só gostava de ouvir, assim como todo mundo, mas, jamais vou esquecer de como eu conheci a música, de onde eu realmente me encontrei com ela. O quanto ela serviu como água que sai de uma fonte mágica que, ao regar uma árvore que não dava frutos, de repente, começa a brotar frutos, folhas e até sombra, que muita gente acreditava que não servia mais pra nada. Eu comecei a ver a música de outra forma, na forma de liberdade, de sentimentos, de esperança. A música se passar numa terra seca ela se torna fértil. Hoje estou com meu violão, e digo mais, estou à disposição de vocês toda hora, se tiver qualquer projeto, se quiser me colocar dentro pra eu fazer a narração, contar minha história, contar como a música me ajudou a

superar a cadeia, adquirir qualquer coisa, resgatar qualquer coisa, estou pronto. A música mudou minha forma de ver o mundo. Entendeu? (Marcos Monteiro).

De acordo com tais narrativas, sustentamos nosso pensamento atrelado aos autores citados e atestamos a emancipação do sujeito através da educação e da música, processo de formação de saberes. Os saberes emancipatórios aos quais nos referimos, estão relacionados à reinvenção cotidiana, à busca dos valores antes desfeitos pela prisão, por exemplo: aceitação de sua condição social, busca de sonhos e esperanças em um futuro melhor, que serão construídos em alicerces firmes da vida em comunidade e em família, sustentados não só pela música, mas, também, pelas exigências da vida em liberdade: o trabalho. A música, trouxe para a vida desses sujeitos a harmonia de sentimentos e de desejos humanos, apesar de conhece-la numa prisão, conseguiram trazer para suas vidas em liberdade, e, se fortalecer através da música todos os dias.

3.3. Um pensar sobre si responsável pela própria história.

Neste subtópico, buscamos nas narrativas de Antônio Trajano e Marcos Monteiro um pensar sobre si, no mundo e na vida, em que os narradores, se vejam responsáveis pelas suas histórias de vida. Através da (Auto) biografia, o sujeito começa a enxergar sua história de vida e começa a construir uma nova maneira de viver em sociedade. O “se voltar para si mesmo”, possibilitou aos apenados novos espaços de crescimento e desenvolvimento pessoal no regime fechado do CPEAMN.

Pela aquisição da linguagem musical, os apenados começaram a perceber as funções da música no ambiente carcerário, tais como: coletividade desenvolver as funções e os benefícios da música dentro do ambiente carcerário. Tais como sentido da coletividade; autoestima, divertimento, prazer estético e comunicação. Essas funções trouxeram para o espaço prisional, benefícios que promoveram bem-estar a todos os apenados ativos nas práticas musicais e, também, de forma indireta, à toda comunidade do CPEAMN, conforme atestam os autores citados e as narrativas dos envolvidos neste texto.

A partir de uma nova visão de mundo, buscaram refazer suas histórias de vida e, hoje, em liberdade condicional, assumiram o papel de protagonistas de suas vidas. No pensamento de Josso (2008; 2010), encontramos a (Auto) biografia como uma forma de possibilitar aos

apenados fazer o cruzamento das histórias de vida no cárcere e, em liberdade condicional. Nas palavras de Josso (2010, p. 117):

A tentativa de evitar o sofrimento e a busca da alegria proporcionada pelo prazer, apresentam-se, para a maioria de nós, seres comuns, como as duas faces da nossa busca da felicidade. É por isso que as narrativas contam múltiplas mudanças geográficas, socioculturais, profissionais, relacionais e afetivas na busca de condições otimizadas, para a pessoa fruir do seu ser-no-mundo. O desenrolar da vida apresenta-se, assim, como uma sequência de ajustamentos parciais ou globais das nossas condições de existência, como uma fruição na qual a procura de amor ocupa um lugar central, se não for mesmo o lugar central.

Em suas narrativas, o sujeito assume um papel crucial na sua existência, que se desdobra em várias mudanças, das quais são fundamentais na vida de cada ser humano. Em nossas sessões de narrativas com os apenados, sempre foi enfatizado a mudança de vida depois do encontro com a música, que levaram o sujeito a se reinventar no seu cotidiano. Assim, a música se manifesta de forma positiva e, de acordo com a citação acima, o pensamento de uma pessoa poderá enfrentar múltiplas mudanças em tempos e espaços diferentes.

Nas narrativas dos apenados envolvidos com o Projeto Filosofarte, os protagonistas deste texto assumem de forma precisa tentativas de evitar sofrimentos, conforme postula Josso (2010), e tais tentativas possibilitam aos apenados assumir responsabilidades dentro ou fora da prisão. Ao descrever sua história, seus medos, sofrimentos, angústias e prazeres, o ser humano começa a perceber seus limites e, também, os motivos que os trouxeram à prisão. Vejamos um pequeno trecho da narrativa de Marcos Monteiro no ano de 2010 em regime fechado:

A minha vida parte do dia que passei a ser um ser excluído do seio da sociedade que pela minha consciência um dia pelas minhas atitudes me fez réu e pela sociedade, que tanto clama por justiça, hoje estou aqui morrendo uma pequena parte da minha vida que é essa realidade, mais diante dos meus sonhos, hoje estou participando de um curso de violão onde aumenta a cada dia a certeza que só basta acreditar e não deixar as oportunidades passar para que os sonhos não estacione no passado, pois a ressocialização é individual mas alguns sonhos são coletivos⁴³. (Marcos Monteiro).

⁴³ Esta é uma transcrição da entrevista que realizamos no início das atividades do Projeto Filosofarte no ano de 2010 e, a pergunta foi: conte um pouco da sua vida.

Nesta fala, destacamos três pontos que consideramos ser “a retomada de consciência do sujeito”. Primeiro, a partir da sua prisão, ele se julga um ser excluído da sociedade, mas, reconhece que cometeu delito, ao dizer que a sociedade clama por justiça. Segundo, está buscando mudança de vida, “agarrando” a música e todas oportunidades de mudança de rotina, que surgissem no regime fechado do CPEMAN. Terceiro, ele reconhece a ressocialização como um processo individual, ao fazer uma reflexão com os sonhos planejados em liberdade. Destacamos, ainda: “alguns sonhos são coletivos”. Neste momento, busca em suas memórias, o desejo de rever todos os colegas mudarem suas vidas para melhor. Marcos sempre estava atento aos projetos de ressocialização e a atividade ressocializadora, que se apresentava no CPEAMN.

Cinco anos depois, Marcos Monteiro em regime de liberdade condicional, ao ser provocado pelo Método (Auto) biográfico numa sessão de narrativas concedida a este trabalho, disse:

Jamais eu vou ter receio nenhum em falar a minha história. A confiança jamais vai deixar de existir. Essa é fundamental no meu processo de mudança entendeu? Se eu privar ela, ela vai diminuindo, diminuindo, até o ponto de não mais existir, entendeu? Eu estou em regime de condicional, só não posso sair do Estado do Rio Grande do Norte, mas, o resto, tudo posso. Posso trabalhar, estudar, continuar tocando meu violão. Cara eu passei por muita coisa ruim na cadeia, mas, hoje tô aqui né? Olha, quando você consegue mostrar pra o sistema prisional que está buscando algo acima do que o próprio sistema pode nos oferecer, você automaticamente começa a ganhar confiança entendeu? Esse é o primeiro passo, você é que tem que lutar pela sua liberdade, ou seja, é você quem deve buscar uma mudança de vida. (Marcos Monteiro).

Relacionar as falas de Marcos Monteiro antes e depois da prisão torna-se essencial para este estudo, pois, *a mudança de vida é uma ação motivacional subjetiva*, e fortalece a ação da música dentro desse processo. Na sua (Auto) biografia, Marcos apresenta o seu lado otimista de viver o processo ressocializador e sugere soluções para os demais apenados, ele quer que todos consigam mudar de vida dentro do processo prisional. E ainda, reconhece o regime da sua execução penal e assume a responsabilidade pelo progresso da pena para sua liberdade total. Também assume uma postura ativa diante do sistema, que se aproxima do pensamento de Josso (2010, p. 118):

Com a acumulação das experiências de vida, a constatação da fragilidade da felicidade e da nossa inconstância impõe-se cada vez mais. Essa impermanência exige deslocamentos para preservarmos os nossos territórios de felicidade já conquistados e pressupõe deixarmos aqueles territórios que se tornaram uma ameaça para o nosso sentimento de integridade, até conquistarmos outros. É assim que nos tornamos “nômades da felicidade”. (Josso, 2010, p. 118). (Grifos da autora).

As experiências vividas no cárcere por Antônio Trajano e Marcos Monteiro, serviram de trampolim para a construção de suas novas histórias de vidas, em regime de liberdade condicional. Diante dessas constatações e relatos de vidas transformadas na dura realidade do sistema carcerário do Brasil, ressaltamos a necessidade de mais investimentos educacionais nas penitenciárias brasileiras. A vida de um apenado, exige o desenvolvimento de muitas habilidades e reinvenções cotidianas no processo de ressocialização, portanto, são necessárias atividades planejadas, que melhorem a qualidade vida e as expectativas por dias melhores da população carcerária do país.

Os depoimentos e as entrevistas relatam que muitos apenados colocam a responsabilidade dos seus delitos no desemprego, na sociedade, em um amigo e, portanto, não assumem uma postura de réu, o que dificulta para si mesmo, a ressocialização. O apenado que não tem um posicionamento de arrependimento perante o crime que cometeu se autodetermina injustiçado e se revolta contra a própria vida e contra a família, que na maioria das vezes, está disposta a ajuda-lo.

No início das atividades musicais do Projeto Filosofarte, trabalhamos com quinze apenados e, ressocializados atualmente. Podemos afirmar Antônio Trajano e Marcos Monteiro, ambos, estão em regime de liberdade condicional, ou seja, já cumpriram dois terços de suas penas e agora, podem se projetar no meio social novamente. Podemos até achar uma porcentagem mínima, diante do contexto socioeconômico dos presídios brasileiros, ou melhor, estreitando mais os caminhos, frente à população do CPEAMN do município de Mossoró RN, mas, este estudo é uma semente de ressocialização através da música que trouxe efeitos positivos na vida dos que acreditaram conseguir novas oportunidades em suas vidas, sejam estas, pela a música ou pelo trabalho, já que precisamos do mesmo para o nosso sustento em sociedade.

Novamente, expomos o pensamento de Josso (2010, p. 118), que está em conexão com o raciocínio central do nosso texto. “Nesse caminhar, somos levados a procurar as causas de nossos sofrimentos e de nossas divagações, tanto no nosso meio social como nas nossas

dificuldades psicoafetivas e nas nossas falhas pessoais”. Durante este estudo e no acompanhamento pessoal dos dois apenados, começamos a defender uma formação de saberes no processo ressocializador do sujeito, que se fortalece nas oportunidades oferecidas no ambiente prisional e, também, quando começam a enxergar caminhos de formação e de transformação social no ambiente carcerário, que se torna um espaço de formação de saberes.

Conforme Freire (1997, p.16):

É por isso que, alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta ainda os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la, desde que se engajem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão... a percepção crítica da trama, apesar de indispensável, não basta para mudar os dados do problema. Como não basta ao operário ter na cabeça a ideia do objeto que quer produzir. É preciso fazê-la.

Em suma, é impossível a ressocialização se o apenado não entrar também, na luta em favor da mesma. A música converteu o pensamento e mudou a vida desses dois apenados. Através das práticas musicais dentro e fora do CPEAMN, Marcos Monteiro e Antônio Trajano perceberam novas formas de encarar a rotina carcerária e a vida fora da prisão. Pela nova forma de perceber o ambiente prisional, eles alcançaram um pensamento mais crítico da situação social do cárcere e, a partir desse novo modo de pensar, estão até os dias de hoje, dentro de um verdadeiro campo de batalha diária, denominado de ressocialização.

A reincidência criminal em nosso país é decorrente, em parte, da falta de políticas assistências que direcionem o egresso do sistema penitenciário a um emprego, ou a qualquer trabalho, que garanta o seu sustento, pois muitos afirmam: “há voltei porque não arrumei nada lá fora, tive que voltar a fazer o que fazia antes”. É necessário ao processo de ressocialização, que o apenado participe de qualquer atividade educacional, que venha a surgir na prisão. Conforme afirma Marcos Monteiro: “a ressocialização é individual”.

Nas palavras de Josso (2008, p. 39):

As práticas de reflexão sobre si, apresentam-se assim como laboratórios de compreensão de nossa aprendizagem do ofício de viver um mundo em movimento, não controlado globalmente e, portanto, parcialmente controlável na escala das individualidades. Essa escala se faz e se desfaz incessantemente e coloca em xeque a crença numa “identidade por vir” em proveito de uma existencialidade incessantemente em operação e em construção.

Ressaltamos que os sujeitos, hoje, ressocializados não se sentiram injustiçados, pois demonstravelo contrário, sempre apresentaram uma consciência dos seus delitos e lutavam por dias melhores, em liberdade. A prática musical contribuiu para que os sujeitos de reconhecessem como seres passíveis de transformação conforme afirma Antônio Trajano no ano de 2010: *me envolvi em um assalto por deslize do destino, vim para aqui dentro, mas, hoje me encontrei com a música e com Jesus e quero usar para servir ao senhor na liberdade*. Só para nos lembrar, a esperança por dias melhores sempre esteve presente na vida de Trajano, independente de práticas religiosas, que ele encontrou como uma forma de ancorar a esperança para a liberdade futura.

E em seguida continua: *a minha vida é normal e tranquila, tenho paz no meu interior, sou evangélico e tudo que eu quero Deus me dá*. As nossas práticas musicais não asseguravam as crenças de Trajano, que as procurou com o objetivo de ressocialização. Tentava encontrar paz interior na leitura da bíblia e, nas práticas musicais de violão, dispunha de uma forma de se conectar com seu mundo interior. Nas palavras de Montello (2004, p. 103): “[...] inúmeras pessoas criativas confessam que começaram a escrever música ou poesia durante essa fase tantas vezes atribulada, porem estimulante, a fim de enfrentar as contradições em sua vida”.

Em contato com a (Auto) biografia, Antônio Trajano conseguiu perceber os conflitos interiores que tinha na prisão, mas continuou buscando a cada dia tranquilidade, tendo em vista seu processo continuo de ressocialização. *Rapaz, quando eu saí, eu via que muita gente não acreditava sabe? Me olhava desconfiado, uns diziam: será que ele mudou mesmo? Aquela coisa né, uns acreditam e outros não, faz parte da sociedade, só que eu não me importava com isso não, eu sempre sabia que tinha que melhorar a cada dia*. Trajano buscou, a qualquer custo sua emancipação ressocializadora, que, está relacionada ao seu envolvimento com a música. Depois do meu acidente⁴⁴, eu não estou tocando ainda, mas, canto com os playbacks nas igrejas que sou convidado a dar meu testemunho, entendeu?

A ressocialização de Antônio Trajano começou a ser construída no regime fechado. *A música me fez aprender a cada dia mais um pouquinho de cada coisa, ninguém nasce aprendido. E comecei a tocar violão e a fazer músicas, e isso eu agradeço a oportunidade que me foi dada*. Essa fala, justifica o título do sub tópico em curso. Ao se reconhecer como um ser capaz de aprender e buscar a sua liberdade, Antônio Trajano assume os seus delitos

⁴⁴ No dia 25 de dezembro de 2015, em sessão de narrativa (Auto) biográfica Trajano estava com uma das mãos acidentadas, o que o impossibilitava de tocar o violão.

perante à justiça e tenta corrigi-los diariamente, através das experiências musicais e religiosas dentro de espaço carcerário. *Descobri através da música algo especial que eu tinha dentro de mim e não sabia graças à Deus.*

Josso (2010, p. 74) afirma: “ [...] o equilíbrio entre a busca de autonomia e de conformidade pode aparecer em momentos muito diferentes nas narrativas. O jogo da autonomização desejada face a uma conformização esperada pelo meio ambiente é o *motivo* mais representativo dos processos de formação”. Ressaltamos o equilíbrio encontrado por Trajano nas narrativas, quando se remete à música como algo especial e, também quando se refere ao seu processo de *aprendizagem musical* como uma das fundamentais no seu processo de ressocialização.

No subtópico seguinte deste texto, vamos analisar uma composição de Antônio Trajano e relacionar a sua de formação de saberes através da música dentro do seu processo de ressocialização. Josso (2010, p. 76), nos ajudou a compreender a reinvenção cotidiana na qual, o apenado teve que moldar e enxergar na música uma forma de mudar sua própria vida. “As mudanças de profissão têm igualmente a sua raiz na tomada de consciência de que o sujeito ainda não esgotou o seu potencial ou se sente tentado pelo desenvolvimento de novas competências”. Em outras palavras, foi preciso Trajano de moldar dentro dos limites do sistema carcerário do CPEAMN e buscar uma nova leitura de mundo no seu interior através das composições escritas no interior do complexo penal.

3.4. Vida nova, compondo a liberdade

Por último, apresento a composição de música composta por um apenado dentro da prisão, “amigo fiel” de Antônio Pereira Trajano, composta três meses depois da primeira aula de música. Analisar alguns trechos dessa música tem nos intrigado nos últimos tempos, pelo simples fato desse apenado não ter grandes conhecimentos sobre música, mas, com os poucos acordes que aprendeu conseguiu fazer uma canção que fala de amor e liberdade. Trajano nos conta em suas narrativas que, foram apenas duas músicas que o fortaleceram durante o período de transição entre o regime fechado, semiaberto e condicional da sua pena.

A primeira é uma Canção do Poeta naturalizado em Mossoró, Elizeu Ventania, e a segunda é a sua própria composição. É necessário analisar a letra desta música para entender os saberes e a forma de ver a liberdade ainda em cárcere. Saberes que foram fundamentais no seu processo de ressocialização, tais como: *o encontrar-se consigo mesmo, o reconhecimento*

dos seus direitos, o cumprimento dos seus deveres, sua autonomia, seus desejos, sua dignidade humana, sua cidadania, e a principal, sua liberdade. A música oportunizou a Trajano, um mergulho subjetivo, no qual ele foi capaz de se reconhecer, conhecer o outro, e refletir sobre o cotidiano carcerário, em que viveu durante onze anos.

AMIGO FIEL AUTOR: ANTONIO PEREIRA TRAGANO

PELO MUNDO EU VAGUEI
PROCURANDO SOLUÇÃO NEM UM AMIGO EU ENCONTREI
QUE ME ESTENDECI AS MÃOS
PELO O MUNDO EU VAGUEI ERA SÓ DESILUSÃO
PELO O MUNDO EU VAGUEI PROCURANDO SOLUÇÃO
MAS UM DIA EU ENCONTREI UM AMIGO DE VERDADE
QUE ME ESTENDEU A MÃO E NÃO FEZ ESSEPCÃO
PERDOOU OS MEUS PECADOS E TRANSFORMOU O MEU CORAÇÃO
ENCHUGOU TODAS AS MINHA LAGRIMAS E TRANSFORMOU
TODO O MEU SOFRER,
ESTE AMIGO DE VERDADE É O FIEL FILHO DE DEUS
É JESUS O NAZARENO, É JESUS O SALVADOR
ELE É O REI DA GLORIA, ELE LHE LIBERTA VOCE

ESTE AMIGO É JESUS
ESTE AMIGO É JESUS
ELE É O REI DA GLORA
ELE VEIO PRA TERAR VITORIA
Ó NÃO TEMA MEU IRMÃO

ESTE AMIGO É JESUS
ESTE AMIGO É JESUS
ELE É O REI DA GLORIA
ELE VEIO PRA TE DA VITORIA
RECEBA A BENÇA MEU IRMÃO

AUTOR
IRMÃO
ASS: ANTONIO PEREIRA TRAGANO

DIA 03/09/2010 AMÉM! DEUS

De acordo com Josso (2010, p. 85):

Transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir, guiada por um aumento de lucidez, tal é o objetivo central que oferece a transformação da abordagem “Histórias de vida”. O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.

A transformação social vivida por Trajano nos leva a considerar a possibilidade de formação do homem ao longo da vida. Como conseguiu se encontrar em meio ao cárcere? Por que analisar alguns trechos da composição de um apenado em regime fechado? A forma que Antônio Trajano reestruturou sua vida prisional depois do seu envolvimento com a música; o caminhar para si tornou-se uma ponte, que ligou os dois extremos da vida deste apenado. Ele estava encarcerado e trouxe para a vida em liberdade as crenças e os valores, que remodelaram sua vida.

A maneira crítica de ver o mundo e a vida em sua volta fez de Trajano um novo homem. Ele passou a refletir sobre a sua situação de vida e buscar forças para superar todas as barreiras. *Você deve cantar a música com a alma*. Essa frase era sempre repetida por Trajano, e a sua nova história de vida começa a ser desenhada a partir das suas reflexões em relação a vida no cárcere. Antônio Trajano já havia passado onze anos em privação de liberdade, quando teve contato com o Projeto Filosofarte, portanto, no longo período de encarceramento não havia encontrado projetos e nem muito, ações de ressocialização que provocasse nele alguma mudança de vida.

Como ele compôs sua própria liberdade? Como desenvolveu habilidades que driblaram as tendências da vida carcerária e se transformou através da música? A música, segundo Montello (2004, p. 20), “ [...] quando souber melhor voltar-se para dentro de si mesmo, tomará ciência dos pensamentos, sentimentos, sensações físicas”. Isto põe em evidências esta composição de Antônio Trajano, que conseguiu expor seus medos, desejos, sentimentos e esperanças, de uma vida em liberdade.

Nas reflexões de Freire (2005, p. 109):

As situações-limites implicam a existência daqueles a quem direta ou indiretamente “servem” e daqueles a quem “negam” e “freiam”. No momento em que estes as percebem não mais como uma “fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser”, se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligada àquela percepção. Percepção em que está implícito o *inédito viável* como algo definido, a cuja concretização se dirigirá sua ação.

Neste caso, a situação limite neste caso surgiu como algo primordial no melhoramento social de ressocialização enfrentado por Trajano. O que o autor acima citado o chama de *percepção da realidade*, ocorreu quando Trajano se sentiu obrigado a modificar toda sua forma de pensar e agir no interior do cárcere, pois, percebeu que, somente, baseado em suas ações em favor da ressocialização, seria possível se ressocializar e/ou ressocializar alguém. A compreensão de si, fez de Antônio Trajano um apenado mais ativo no CPEMAN, e durante os regimes fechado e semiaberto, se dedicou a adquirir confiança da direção do complexo.

De acordo com Goffman (2009, p. 106):

Uma região de fundo ou dos bastidores pode ser definida como o lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é sabidamente contradita como coisa natural. Há sem dúvida, muitas funções características de tais lugares. É aqui onde fabrica laboriosamente a capacidade de uma representação expressar algo além de si mesma. Aqui é onde as ilusões e impressões são abertamente construídas.

Convém refletir sobre esse contexto, pois, no interior da sua cela Antônio Trajano adquiriu saberes para modificar sua realidade social. Na prisão, surgiu uma nova personalidade, e floresceram sonhos e valores de vida em sociedade, que hoje seis anos depois, em remine de liberdade condicional, estão presentes em suas falas, em suas ações e em um novo olhar sobre o mundo. Construiu sem limites sonhos e projetos pós-prisão, consegue se manter firme na sua caminhada em busca de viver dias melhores. Para Josso (2010, p. 86):

Porque o processo autorreflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de auto interpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais interiorizados pelo sujeito e, por si mesmo, constitutivos da dimensão cognitiva da sua subjetividade.

Talvez Trajano nunca tenha se imaginado compondo algo, mas podemos deduzir que através da necessidade de se reinventar em sociedade, conseguiu pensar e refletir a partir da música. Afirma: *a música foi tudo na minha ressocialização. Foi através dele que eu consegui me superar, se não fosse a música eu não estaria hoje aqui. É muito difícil o cara conseguir se ressocializar dentro do sistema de hoje.* Ele aprendia refletindo sobre a vida dos companheiros de pavilhão e, percebeu as dificuldades e a falta de oportunidades de ressocialização do CPEMAN, portanto, deveria se empenhar mais um pouco a cada dia.

(Trecho nº 1): *Pelo o mundo eu vaguei procurando solução nem um amigo eu encontrei que me estendesse as mãos...*

Como devemos entender os escritos deste apenado? Havia um mundo no seu interior que buscava riquezas, amigos, bens materiais e outros desejos, que mundo capitalista consumidor nos oferece e, Trajano buscava se envolver com esse mundo. Ele se envolveu em um assalto há quase vinte anos atrás e, o preço desse crime ele está pagando na prisão, mas um ponto deve ser observado nesse trecho da sua composição: “procurando solução”. Que solução ele queria encontrar antes da prisão? Talvez muito dinheiro, mas não podemos ter precisão sobre isso, afinal, não é a nossa busca, nesta análise. Procuramos refletir sobre o seu reencontro consigo mesmo, como ele nos disse, *descobri através da música algo que havia dentro de mim que ainda não tinha encontrado.*

Nas palavras de Josso (2010, p.114):

O material *Histórias de Vida* permite colocar em evidência os referenciais, as estratégias e os recursos utilizados na procura de um “saber-viver” a própria existencialidade. É por meio da revelação progressiva das componentes desse saber-viver que a busca de uma sabedoria, como uma pesquisa de uma arte de viver, se impõe como sendo a hipóstase que orienta fundamentalmente a formação.

É parte fundamental neste estudo fazer uma análise da vida dos dois apenados em regime de condicional. Pois, o “saber-viver”, antes e na prisão foram decisivos para esses dois. Trajano conseguiu se reencontrar consigo mesmo, nas composições que realizou dentro da prisão, e a arte de “saber viver” e superar os traumas psicológicos vividos no cárcere foram primordiais para sua ressocialização. Com a música encontrou o que a autora acima o chama

de “depósito orgânico de sabedoria” para a vida em formação, ou seja, uma nova forma de viver e ver a vida em liberdade.

(Trecho nº2): *mas um dia eu encontrei um amigo de verdade que me estendeu a mão e não fez acepção...*

Neste trecho, observamos como Trajano começa a desenvolver, no eu interior, formas de se incluir na sociedade novamente. “*E não fez acepção*”, revela que Trajano se sentia dentro da prisão, vivendo a exclusão dia a dia. Nessa estrofe, ressaltamos dois aspectos: “*um amigo de verdade*”, expõe a falta de companheirismo e de amizades que são características da comunidade prisional. E segundo: “*e não fez acepção*”, tentou retratar no seu íntimo, a exclusão que sentia por parte de toda sociedade. Nessa perspectiva, Goffman (2008, p. 73):

Por mais patife que seja um homem, por mais falsa clandestina ou desarticulada que seja a sua existência, por mais que esteja governada por adaptações, impulsos e reviravoltas, os verdadeiros fatos de sua atividade não podem ser contraditórios ou desarticulados. Note-se que essa unicidade inclusiva da linha de vida está em flagrante contraste com multiplicidade de “eus” que se descobrem no indivíduo ao encará-lo sob a perspectiva do papel social onde, no caso de a segregação entre papel e audiência estar bem manipulada, ele poderá sustentar com bastante facilidade egos bem diversos e, até certo ponto, pretender que não é mais algo que já foi.

O olhar da Sociologia sobre a história de vida de Antônio Trajano, assim como, a vida do também ressocializado, Marcos Monteiro, passam por todos esses papéis acima citados. O que chamamos de transformação social, a Sociologia chama de “perspectiva”, o que significa dizer: a forma de perceber sua realidade social carcerária, libertou Trajano da vida prisional. Qual é o ponto culminante dessa história? O trabalho, a música, a família, a administração carcerária e os colegas de celas? Ou podemos nos arriscar em dizer que, foram todos esses atributos sociais? Não existe fôrma, mas formas de se trabalhar a ressocialização e, talvez tais atributos sociais mudaram a vida de Antônio Trajano.

Nas palavras de Josso (2010, p. 117):

A vida humana apresenta-se, pois, de forma ininterrupta nessa dialética do bem-estar e do sofrimento. É no incessante retorno desse jogo de ioiô que emerge uma posição existencial mais ou menos ativa para tentar uma saída, se ela for pensada como possível, e para ir à descoberta de uma nova

maneira de governar a própria existência, nova maneira essa considerada a melhor para amortecer os impactos, muitas vezes perturbadores, dessa dialética.

Na dialética do bem-estar e do sofrimento existem mais discrepâncias no “viver encarcerado”, por exemplo: os pensamentos relacionados ao retorno social. Mas descobrir uma nova maneira de governar a própria vida é primordial para a ressocialização. O título deste estudo se refere aos “saberes desenvolvidos através da música”, que se relacionam, estritamente, com as maneiras de se reinventar, que transformaram a vida dos dois apenas aqui enfocados. Os saberes cotidianos construídos no espaço carcerário através da música amorteceram os impactos estigmáticos da reinserção social.

(Trecho nº3): *perdoou os meus pecados e transformou o meu coração, enxugou todas as minhas lágrimas e transformou todo o meu viver...*

Aos olhos do mundo da música, Trajano cometeu um pequeno erro em relação à rima deste trecho, mas nosso olhar vai além do mundo musical, pois para a educação musical, maneira livre e espontânea de manifestação, é fundamental para o ser humano. *Perdoou todos os meus pecados*, nos faz pensar nos conflitos internos de culpabilidade, que assolavam Trajano que, muitas vezes, o impediram de mudar ou, pelo menos, tentar mudar de vida. Ao demonstrar sofrimento: *enxugou todas as minhas lágrimas*, representa um choro interno, de arrependimento, porém, não podemos supor, mas discutir o que está escrito, ancorados por uma *consciência ressocializadora*, torna-se evidente para enxergarmos a busca de Trajano no presídio e no seu ambiente social pós-prisão.

Nos escritos de Josso (2010, p. 126):

E os saberes servem-nos a propósito de tudo, explícita ou implicitamente, para nos confirmar uma opinião, legitimar uma maneira de pensar, de fazer ou de comportamos, mas igualmente como fonte para as compreensões que procurávamos a propósito de nós mesmos, as evoluções que sonhávamos, as transformações das quais gostaríamos de participar. Para agirmos sobre nós, sobre os outros ou sobre os nossos contextos e situações de vida, servimo-nos dos saberes que nos parecem indispensáveis para a nossa progressão ou para a nossa ação.

A busca motivada por uma nova vida foi o alimento diário de Antônio Trajano, e para mudar de vida, buscou todo tipo de ajuda. Os saberes, os pontos de vistas, as decepções e os contrapontos sofridos por ele durante sua pena, lhes serviram de mola propulsora para sua ressocialização. Não questionamos em nenhum momento, os efeitos positivos da fé cristã na sua progressão prisional, mas *o olhar sobre si mesmo*, é uma peça fundamental do processo ressocializador, o que tornou Trajano um ser ativo neste processo. De acordo com Josso (2010, p. 193):

“Caminhar para si” apresenta-se como um processo de vida, cuja atualização consciente se inicia com um projeto de conhecimento do que somos, do que pensamos, do que fazemos, do que valorizamos e do que desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o mundo; conhecimento de si nas suas diferentes modalidades de ser-no-mundo e das suas projeções.

Neste contexto da (Auto) biografia, podemos encontrar os saberes, que Antônio Pereira Trajano e Marcos Gomes Monteiro, desenvolveram dentro do CPEAMN, através da música, que lhes serviram de *escada para saltar os muros da opressão carcerária*. O sentido de opressão aqui é exposto de forma metafórica, pois, *o mundo das prisões*, existe e as regras de comportamentos são bastante complexas e modificadas todos os dias, de acordo com a administração carcerária. Se reconhecer oprimido pode ter sido uma boa estratégia de sobrevivência e superação. Na tentativa de entender o mundo em que vivia, foi o “xeque-mate” da nova e da liberdade para Antônio Pereira Trajano.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Assumir posicionamentos em defesa da ressocialização de apenados no Rio Grande do Norte e, sobretudo, esperar possíveis mudanças de vidas no Sistema Penitenciário do Brasil chega a ser utopia, na opinião da grande massa social. O mundo vive uma corrida constante, em busca de novas tecnologias e grande parte do dinheiro produzido no mundo é usado em expedições e pesquisas científicas com a finalidade de desenvolver nosso planeta, porém, precisamos pensar no outro, nas pessoas que estão e/ou são excluídas pela sociedade.

O ambiente prisional brasileiro apresenta inúmeras contradições relativas ao desenvolvimento de atividades educativas. Nesse espaço, a educação poderá contribuir para a formação humana e pessoal do apenado. Ao perder sua liberdade, a pessoa presa não pode perder seus direitos humanos básicos, assegurados por lei. No processo de ressocialização, a promoção da educação não pode se restringir, apenas, a uma pequena parcela da população prisional, pois escolarização e formação profissional são direitos do apenado, que lhes permitirão uma vida mais digna em uma liberdade futura, por isso a ressocialização deve ser um processo contínuo, promovido desde do primeiro dia da entrada do homem no sistema prisional.

Em toda sua história, a educação sempre foi mediada por uma realidade muito complexa e no contexto prisional brasileiro, torna-se ainda mais difícil. Portanto, a educação e a música usadas com fins ressocializadores, não funcionam como uma espécie de *poder mágico* para resolver e transformar a vida dos apenados brasileiros de forma absoluta. “A Lei de Execução Penal (LEP) reconhece e assegura direitos a essa população: apoio material, atendimento de saúde, assistência social, trabalho e renda”, (Brasil. Lei Nº 7.210, 1984). O apenado não pode ser apenas encarcerado, pois é responsabilidade do Estado brasileiro cuidar e proteger de todos eles, independente dos seus crimes.

Nos dias de hoje – janeiro de 2017 – o Rio Grande do Norte, viveu sua maior e mais sangrenta rebelião carcerária já registrada no Estado. No início do ano corrente, cerca de trinta apenados foram decapitados dentro da Penitenciária de Alcaçuz⁴⁵, resultado de brigas entre facções criminais. O que mostra para o Rio Grande do Norte, para o Brasil e para o mundo, a

⁴⁵ A Penitenciária de Alcaçuz está localizada no município de Nísia Floresta, a 25 km da capital Natal. Trata-se da maior penitenciária do estado, com capacidade máxima para abrigar 620 apenados.

total falta de segurança as prisões. Só a título de memória, a proteção e tutela do apenado pertencem ao Estado.

Diante desses fatos, quem não conhece as histórias de vida e a transformação social dos apenados Antônio Pereira Trajano e Marcos Gomes Monteiro pode ser alimentado pelo *sentimento de vingança social*, que assola a sociedade contemporânea. Pensar a ressocialização em meio a tanta violência, conflitos, superlotação, miséria, abandono e desprezo é algo inalcançável. Do ponto de vista da sociedade e dos governantes brasileiros, interessa, apenas, uma boa estrutura física, ampliação, nos presídios brasileiros.

“Pra não dizer que não falei das flores⁴⁶”, é o fechamento parcial da experiência educacional vivida através da música no CPEMAN. Este texto dissertativo foi construído nos dois últimos anos e, elenca histórias de vidas de apenados, que foram transformadas através da música no sistema carcerário. De acordo com estudos estatísticos sobre a reincidência criminal, para muitos apenados, a saída do cárcere gera um momento tão dramático quanto à detenção, pois estão sem moradia, trabalho e sem o apoio da família, restando, apenas, memórias que foram despedaçadas pelo tempo.

As histórias de vidas, que trouxemos para este estudo, contêm inúmeros ensinamentos, tais como: uma nova visão do ser humano; princípios da alteridade; e o valor do trabalho na busca de melhoria da qualidade de vida dos apenados do CPEAMN. A música como princípio de transformação social e profissional⁴⁷, a formação de saberes no ambiente carcerário, que transformaram as vidas dos dois apenados em meio ao *caos do sistema carcerário*, ativam a nossa sensibilidade e fortalecem nosso compromisso social com aqueles, que estão em regime de privação de liberdade.

Esse texto é resultado de uma calorosa experiência educacional vivida em companhia de alguns apenados atentos e preocupados com o seu dia a dia, que enxergaram, na música, esperança para uma vida melhor, pós-prisão. Com o apoio do Método (Auto) Biográfico, tive oportunidade de contar a minha história de vida e o início da minha carreira profissional através da música até os dias de hoje e, também, o encontro com o Projeto Filosofarte e com uma turma de apenados no Regime Fechado do CPEMAN. Ressalto minha aproximação com a (Auto) Biografia, que ditou o rumo e consistência desse trabalho.

⁴⁶ Título da música do compositor brasileiro Geraldo Vandré. Gravada no período do Regime da Ditadura Militar, em que viveu o Brasil (1964 a 1985).

⁴⁷ Onde o apenado possa através das aulas de violão, se profissionalizar e viver da música ao sair do cárcere.

Julgamos necessário esclarecer que a finalidade destes escritos não é defender um sistema carcerário com a melhor educação do mundo. Diante do estado de calamidade econômica, em que o Brasil se encontra, seria uma atitude até certo ponto, irracional, pois somos um dos piores sistemas de educação formal do mundo. Mas consideramos que é possível concertar algumas práticas no sistema carcerário, e tentar reduzir o alto índice de reincidência criminal do país, com mais assistência ao apenado, tais como: educação, segurança, saúde, formação profissional, letramento e assistência social.

Voltemos ao nosso “Pra não dizer que não falei das flores”, como uma tentativa de afunilar o fechamento deste texto, que discute aspectos sociais e humanos do sistema carcerário norte rio-grandense e brasileiro. Reconstruir uma vida em meio à masmorra é uma tarefa difícil e os apenados Antônio Trajano e Marcos Monteiro, se encontram em regime de condicional, conforme descrito anteriormente, mas a título de memória: o apenado precisa ir ao fórum mais próximo da sua residência uma vez por mês. Durante esse tempo, ele não pode deixar o Estado sem autorização judicial, ou seja, todo mês o apenado relembra quem realmente é para a sociedade, um preso em recuperação, na busca diária pela sua emancipação humana e social.

Em suas narrativas, os apenados aqui apresentados trouxeram fatos que servirão de motivação ressocializadora para outros apenados. Eles mostraram que é possível voltar ao convívio pleno e harmônico consigo mesmo e com a sociedade. A transformação social que tivemos o privilégio de acompanhar e de fazer parte ocorreu em um ambiente cheio de desafios, que nos motivavam a novas buscas e metodologias educacionais através da música. Mantivemos, sempre, nossa esperança freiriana⁴⁸, na qual, o ponto culminante da prática educativa é o amor pelo outro.

A estrutura física desse texto segue uma ordem cronológica, o que é primordial para a realização de um trabalho (Auto) biográfico. No primeiro capítulo, apresentei as minhas principais lembranças de infância até o encontro com a música, ainda, aos quatro anos de idade. Organizei uma estrutura em quatro subtópicos que contribuíram para a compreensão da metodologia autobiográfica de todo o trabalho. No segundo capítulo, enfocamos, uma parte da história do CPEAMN, e ainda, sua estrutura física funcional. Além disso, registramos as narrativas de dois agentes penitenciários e de um apenado, que apresentou o dia a dia do

⁴⁸ Autor e pensador brasileiro. Publicou vários livros e textos sobre a educação num estado de opressão, libertação e esperança.

regime fechado do CPEAMN. No terceiro e último capítulo, as narrativas (Auto) biográficas dos principais protagonistas: Antônio Marcos Gomes Monteiro e Antônio Pereira Trajano.

Todo processo de progressão de regime até os dias de hoje no regime de liberdade condicional, com a ressocialização, os apenados estão fazendo uso da aprendizagem musical através do violão que tiveram no ano de 2009 regime fechado do CPEAMN. Hoje, quase oito anos depois, por meio deste texto dissertativo, registramos tais experiências de vidas transformadas em oposição a toda uma corrente de pensamento social, que nos diz não ser possível mudar ninguém, ou retirar alguém de um sistema carcerário ainda, com fôlego suficiente para tentar viver em plena liberdade social.

Nosso primeiro passo metodológico está fundamentado na subjetividade de cada narrativa, o que nos permitiu identificar saberes, atingir os objetivos propostos no início do estudo. Além disso, conseguimos entender o processo de constituição humana e social dos apenados em contato com música como prática de formação. Essa ação está fundada no princípio (Auto) biográfico, segundo o qual, o ato consciente de revisitar e narrar as memórias purgativas do espaço prisional serviram de alicerce para a construção da ressocialização de Antônio Trajano e Marcos Monteiro.

Perceber o processo de mudança social vivido por cada um deles, talvez tenha sido o maior desafio, pois, a maneira de ser e de agir no cárcere fez a diferença no processo de formação/transformação desses sujeitos. O rompimento e a quebra de pensamentos negativos que permeiam o “ser apenado”, estão presentes na percepção desses sujeitos. Em cada narrativa, tornava-se perceptivo o *reencontro consigo mesmo*, o que talvez tenha sido o motivo que bloqueou as narrativas dos demais apenados (ressocializados) dos quais, decidiram não revisitar suas lembranças carcerárias.

A vida dos apenados aqui apresentados, passou por momentos de tensão e conflitos sociais dentro e fora da prisão, pois mesmo no regime de liberdade condicional (dias de hoje), pagam um preço mais alto do que as pessoas comuns. A sociedade exige deles, posturas cada vez mais “retas” de comportamento social. Das suas memórias vividas como sujeitos do cárcere, os apenados trouxeram para a sociedade novas concepções e maneiras de ver e estar no mundo, em mediação com a música através do violão e da inserção no mercado de trabalho.

A partir do primeiro capítulo desta dissertação, experimentamos subjetivamente, a pertença da pesquisa (Auto) biográfica com narrativas de formação para o desenvolvimento pessoal. A *escrita de si* nos mostrou processos de formação através da música que moveram

nossa história vida, nos apresentando os sentidos reais do que hoje podemos chamar de formação profissional. Viajar através das nossas próprias lembranças e memórias de formação de musical interferiu na dinâmica das entrevistas e na profundidade que vivemos junto aos apenados. Os temas geradores, a suavidade das perguntas, o tempo de respostas, dentre outros pontos que movem uma sessão de narrativas, foram lições que guardaremos para sempre em nossas lembranças.

Sobre a luz do método (Auto) biográfico, sustentamos as falas dos apenados no processo de ressocialização de cada um deles. Tivemos o cuidado de desenvolver um estilo de escrita que proporcionasse a contação das suas trajetórias carcerárias e o contato com a música dentro de CPEMAN. Por isso, registramos muitas de suas falas na íntegra. Para nós, o trabalho com a oralidade remete um processo comunicativo, em que o diálogo verdadeiro e a confiança desses dois apenados para conosco precisam ser ressaltados, pois nossa relação com esses dois sujeitos permanece até os dias de hoje. Com frequência, trocamos ligações telefônicas com os dois, como uma forma de mantermos os nossos laços de amizade e confiança.

A representação teórica, os conceitos e práticas musicais da abordagem experiencial com as histórias de vida deste estudo de pesquisa (Auto) biográfico estão expressas em todo texto. Reconhecemos os estudos da memória e das narrativas de (Auto) formação como uma estratégia pertinente na formação de saberes e no processo de ressocialização de apenados. Relembrar, refletir e interpretar as experiências musicais vividas no cárcere ao lado de Antônio Pereira Trajano e Antônio Marcos Gomes Monteiro foram essenciais para a obtenção de tantos resultados. Os apenados em regime de liberdade condicional vivem momentos de plena harmonia em sociedade, depois de anos vividos no espaço prisional, pois, em decorrência dessa tomada de consciência através da música e dos saberes formados no espaço prisional, modificaram suas vidas e os seus modos de ver e estar no mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.
- ARAÚJO, Ulisses F. **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007.
- BEYER, Ester e KEBACH, Patrícia. **Pedagogia da música: uma experiência de apreciação musical: Porto Alegre**. Mediação, 2009.
- BRASIL. Lei nº 7.210, de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal.
- _____. Departamento Penitenciário Nacional – Ministério da Justiça, 2014.
- CANSADO, Tânia Mara Lopes. **Projeto Cariúnas: uma proposta de educação musical numa abordagem holística da educação**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 14,17-24, mar. 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1998.
- CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação e transformação social: uma experiência com o ensino de coletivo de cordas de Goiânia**: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.
- DIAS, Reinaldo. **Fundamentos de Sociologia geral**. São Paulo: Editora Alínea, 2010.
- DUTRA, Elza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Estudos de psicologia 2002, 7(2), 371-378.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**: Petrópolis, RJ. Vozes. 36. Ed, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**: Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da autonomia**: São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- _____. **Educação e Mudança**: São Pulo. Paz e Terra, 1979.
- _____. **Educação como prática da liberdade**: Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**: Petrópolis, RJ LTC. 4ª ed, 2008.
- _____. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 16ª ed – Petrópolis, Vozes, 2009.
- ILARI, Beatriz Senoi. **Em busca da mente musical**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006.
- JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução de Ruy Jungmann: Rio de Janeiro. Jorge Zarar Editora, 1997.

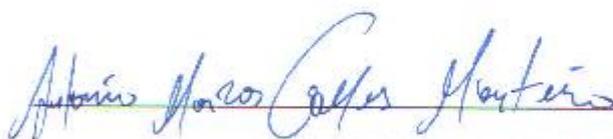
- JOSSO, Marie-Cristine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social** – Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- MERRIAN, Alan P. **The Anthropology Of Music** – Evanston: Northwestern University Press, 1964. 358p.
- MONTELLO, Louise. **Inteligência musical essencial**: a música como caminho para a cura, a criatividade e a plenitude radiante; tradução Gilson César Cardoso de Sousa: São Paulo. Cultrix, 2004.
- <http://musicaplena.com/o-que-e-a-musicalizacao-infantil/>.
- <http://www.suapesquisa.com/mpb>.
- PENNA, Maura. **Música e seu ensino**: Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª revista atualizada. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Vanderlan Francisco da. **Conflitos e violências no universo penitenciário brasileiro**: Porto Alegre. Sulina, 2008.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- _____. **O ofício do professor**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- TURNER, Victor W. **Estrutura e Antiestrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

ANEXOS

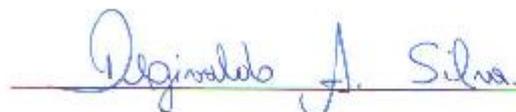
Carta de Cessão

Mossoró/RN, 13 / 12 / 2015.

Eu ANTÔNIO MARCOS GOMES MONTEIRO declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha narrativa (auto)biográfica, gravada (data) para o mestrando REGINALDO A. SILVA juntamente com a sua orientadora, a professora Dr.^a ANA LÚCIA AGUIAR para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.



Assinatura do(a) entrevistado(a)



Assinatura do(a) entrevistador(a)

Carta de Cessão

Mossoró/RN, 25/12/2015

Eu ANTÔNIO PEREIRA TRAJANO declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha narrativa (auto) biográfica gravada e filmada no dia 25/12/2015 para o mestrando REGINALDO ADELINO DA SILVA juntamente com a sua orientadora, a professora Dr.^a ANA LUCIA FACIAR para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.

ANTÔNIO PEREIRA TRAJANO

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Reginaldo Adelino da Silva

Assinatura do(a) entrevistador(a)

Carta de Cessão

Mossoró/RN, 09/09/2016

Eu ALVARO DE LOURENÇO DE OLIVEIRA declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha narrativa (auto) biográfica gravada e filmada no dia: 09/09/2016 para o mestrando DEGINALDO ADELINO DA SILVA juntamente com a sua orientadora, a professora Dr.^a ANA LUCIA HAGIAR para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.



Assinatura do(a) entrevistado(a)



Assinatura do(a) entrevistador(a)

Carta de Cessão

Mossoró/RN, 09/09/2016

Eu Francisco Antônio Filgueira Lopes declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha narrativa (auto) biográfica gravada e filmada no dia 09/09/2016 para o mestrando Deivaldo Avelino da Silva juntamente com a sua orientadora, a professora Dr.^a Ana Lúcia Aguiar para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.

Francisco Antônio Filgueira Lopes

Assinatura do(a) entrevistado(a)

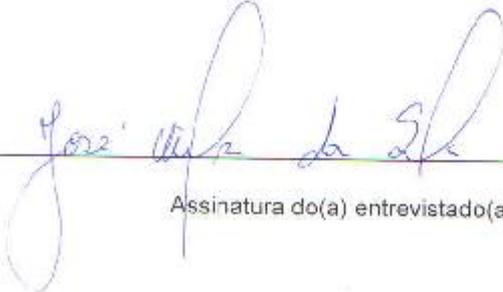
Deivaldo A. Silva

Assinatura do(a) entrevistador(a)

Carta de Cessão

Mossoró/RN, 09/09/2016

Eu Jose Wilson da Silva declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha narrativa (auto) biográfica gravada e filmada no dia: 09/09/2016 para o mestrando Reginaldo Juliano da Silva juntamente com a sua orientadora, a professora Dr.^a Ana Lucia Hauser para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.


Assinatura do(a) entrevistado(a)


Assinatura do(a) entrevistador(a)